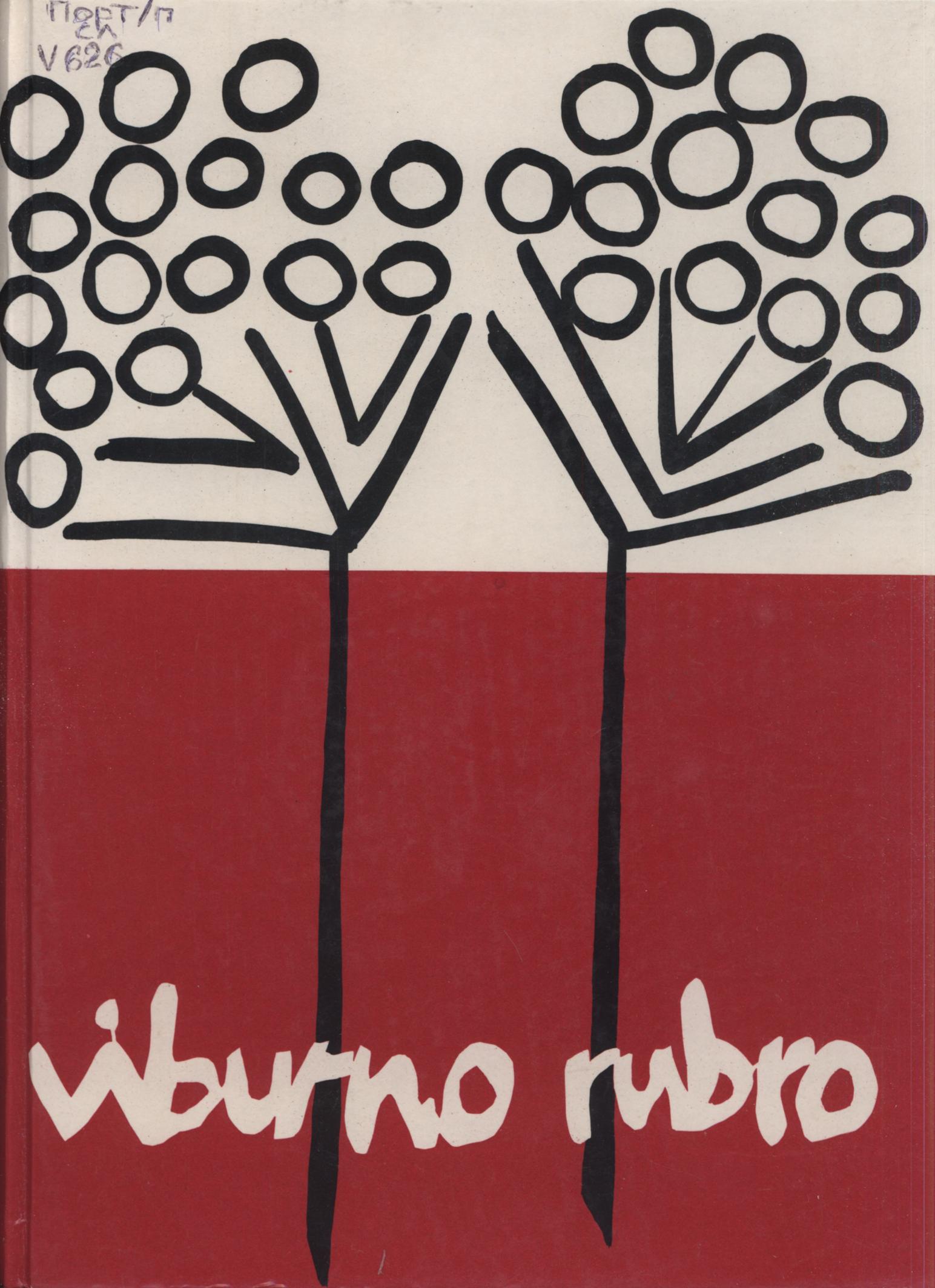


ΠΟΡΤ/Π  
ΣΑ  
V626



Viburno rubro

# VIBURNO RUBRO

ANTOLOGIA DA LITERATURA UCRANIANA  
DOS SEUS PRINCÍPIOS ATÉ 1950

WIRA SELANSKI

em colaboração com:

MARIA TERESA DOS SANTOS ARANTES

HELENA ERNESTINA FERNANDES

AÏLA DE OLIVEIRA GOMES

NIKOLAS HEC

HELENA KOLODY

ANNA MARIA MURICY

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS

RIO DE JANEIRO

1977

**Wira Selanski: escolha dos textos, introdução, tradução, notas, coordenação**

**Helena Kolody: tradução de poesia**

**Anna Maria Muricy: tradução de prosa**

**Helena Ernestina Fernandes: revisão de poesia**

**Aíla de Oliveira Gomes: revisão de poesia**

**Nikolas Hec: consultas histórico-biográficas, fontes**

**Maria Teresa dos Santos Arantes: revisão geral**

**Cileida de Campos Fernandes: capa**

**A OSWALD BURGHARDT  
que escolheu ser YURY KLEN  
pelo trigésimo aniversário  
de sua eternidade**

**A HELENA  
nossa saudade**



Este livro pode ser considerado a 2.<sup>a</sup> edição da ANTOLOGIA DA LITERATURA UCRANIANA, publicada na mesma Editora em 1959. Comparando-a com a edição antiga, a versão nova apresenta melhorias na escolha do material e maior fidelidade às estruturas originais, particularmente em poesia.

Os nomes de cidades e rios, como os nomes próprios ucranianos, conservam nesta edição a forma original, excetuando-se as regiões geográficas, como: Rutênia (= Rus'), Ucrânia (= Ucrânia), Volínia (= Volyn'), Galícia (= Ghalytchyná), pois estas, em Português, seguem a tradição latina e não, como em outros casos, as fontes diversas, em geral mais recentes.

Lembramos o código de transcrição fonética (um pouco alterada): o "gh" corresponde ao "h" aspirado; o "kh" é o mesmo som surdo; o "y" depois de uma consoante soa como "ê", no fim da palavra, igual a "êi"; uma vogal precedida de "y" torna-se iotada; um apóstrofo depois de uma consoante indica a pronúncia suave da mesma.

A última fase da Literatura Ucraniana não foi abordada neste trabalho. Trata-se de poetas e escritores chamados de "cinqüentistas", representados especialmente pelos autores que vivem no Ocidente, e os "sessentistas", representados pelos seus colegas na Ucrânia, os quais foram já introduzidos nas coletâneas GIRASSOL, uma antologia poética de 1966, e GALOS BORDADOS, o 2.º volume de Contos Ucranianos, de 1972, — ambos os livros publicados pela Companhia Brasileira de Artes Gráficas.

Entregando este novo trabalho ao leitor, fazemos votos que o poder da curiosidade intelectual e da intuição imaginativa estreitem a distância geográfica e façam florescer entre povos e tradições distantes um sentimento generoso: o da solidariedade humana e cultural.



## ROTEIRO DA LITERATURA UCRANIANA

### IDADE MÉDIA

Os documentos mais antigos da Literatura Ucraniana, surgidos em tempo do esplendor político e cultural do Estado de Kyiw e do Estado da Galícia e Volínia, mostram grande riqueza de formas e possuem elevado valor artístico. Eles são marcados pelo espírito heróico de uma nação que, embora ainda se alimente de antigas tradições eslavas pagãs, com orgulho toma consciência da nova fé cristã.

Foi no período que medeia entre os séculos XI e XV que a literatura religiosa cristã consegue sobrepujar a poesia ritual pagã. Ao lado de várias traduções dos Evangelhos, vida dos Apóstolos, Livro de Salmos, vida de Santos, assim como obras históricas e científicas, surgem, igualmente, obras originais, onde predomina a ficção.

Os primeiros núcleos literários nasceram nas celas de monges sábios e eruditos. Ilarion, primeiro Metropolita de Kyiw, descreve no seu tratado PALAVRA SOBRE A JUSTIÇA E A BONDADE (séc. XI) os feitos gloriosos do santo príncipe Volodymyr o Grande e de sua casa. O mosteiro Petchers'ka Lawra, em Kyiw, torna-se o centro de toda a cultura nacional, e o livro mais popular do país até o século XVIII é o PATERICON (séc. XIII-XV) da autoria dos sacerdotes Yakiw, Nestor e outros. Os primeiros gêneros dessa época são sermões, poesia religiosa e biografias dos santos Volodymyr, Olgha, Borys, Ghlib e Teodosy. A CRÔNICA DE KYIW (começo do séc. XII) que principia descrevendo a fundação da capital da Ucrânia contém muitas lendas sacras e contos profanos; a CRÔNICA DA GALÍCIA E VOLÍNIA (séc. XIII) apresenta, além de fatos históricos, narrativas que servem, em parte, de temas para os futuros poemas épicos, chamados "bylyny": KYRYLO, O CURTIDOR; OLEKSA POPOVYTCH; OLÉGH PROFÉTICO; A VINGANÇA DE OLGHA; MYKHÁILYK E A PORTA DE OURO; VOLODYMYR E ROGHNIDA; A ERVA "YEWCHÁN" e outras.

A literatura é produzida pelas classes superiores da sociedade. Entre os autores figuram os príncipes Yarosláv Mudry, Volodymyr Monomákh, o rei Danylo da Galícia. Entre seus guerreiros contavam-se bardos que cantavam os feitos dos seus príncipes; são-nos conhecidos os nomes de Dobrynia, Boián e Mytussa como os mais ilustres entre os cantores-poetas do seu tempo.

A obra mais representativa dessa época é a epopéia heróica CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR, na qual é narrada a guerra travada entre os príncipes rutenos reunidos contra a tribo asiática de cumanos.

Após a invasão dos tártaros na Ucrânia, em 1240, Kyiw perde sua posição como centro mais importante da literatura, cedendo seu lugar a Galícia e Volínia. Pertence a esse período a obra trágica AS HORDAS DE BATY. Entre os séculos XIII e XIV desenvolve-se a balada histórica.

Nos séculos XIV e XV aparecem coleções de lendas sacras e obras retóricas nitidamente influenciadas pelo Misticismo.

### RENASCENÇA

No século XVI dá-se uma transformação na Literatura Ucraniana que lhe advém do Oeste, com a Renascença e a Reforma. A orientação ocidental não tem, no entanto, na Ucrânia o mesmo vigor como nos países ocidentais, pois os centros literários leigos não se haviam ainda desenvolvido e a literatura continua a ser produzida pelo clero.

As poucas obras da Renascença e da Reforma não se tornam populares. São traduzidos romances italianos, poloneses, tchecos e latinos, tendo assuntos mundanos. A Bíblia, conhecida até então em idioma eslavo antigo, recebe sua primeira versão nacional.

Iván Vychensky é o representante da literatura polêmica nos assuntos religiosos, pregando, contrariamente às correntes em voga, o ideal cristão na sociedade, do ponto de vista de um místico-asceta.

## BARROCO

Nos séculos XVII e XVIII, surge e desabrocha a literatura barroca. A Ucrânia, perdendo então sua independência política, sofre um grande desequilíbrio lingüístico e gramatical. Fortalece-se, no entanto, a consciência patriótica e, até na terminologia bíblica dos sermões dessa época, encontram-se termos que se referem ao exército nacional cossaco: Moisés é chamado de “ghet'man” (= chefe dos cossacos), Noé de “almirante” etc. As obras políticas e históricas são parte integrante da literatura, tais como OS ANAIS COSSACOS e outras, cuja influência se faz sentir nas obras da fase romântica.

A lírica revela as polaridades dos sentimentos abismados: amor e morte, Deus e demônio são seus temas. Os poemas espirituais, tais como os da autoria do seu representante máximo Ghryghory Skovorodá, servem de textos para canções religiosas. O âmbito que abrangem as obras de Skovorodá é tematicamente vasto e desce às profundidades místico-filosóficas, operando esplendidamente com os barbarismos ucranizados e ricamente enfeitados de ornatos estilísticos.

Devido às circunstâncias políticas, a epopéia que teve seus começos tão promissores em poemas épicos sobre a batalha de Berestetchko, sobre Khotyn' e sobre a defesa de Viena, não consegue desabrochar, pois o tzarismo russo não visa com benevolência as literaturas nacionais. Um gênero bastante desenvolvido é a novela em prosa. Tornam-se famosas as coleções de histórias e lendas sacras de Petrô Moghyla.

O drama é principalmente influenciado pelo teatro latino e polonês, nas peças de Natal, de Páscoa, de Nossa Senhora das Dores, dos Santos, bem como nas peças moralistas, até surgirem os temas nacionais de autoria de Teofán Prokopovytsch, que narra o batismo da Ucrânia, as vitórias do ghet'man KhmeJnytsky e outros. Dos interlúdios desses dramas surge, depois, o chamado VERTEP, o teatro popular humorístico, com sua nota satírico-política.

## CLASSICISMO

Com a perda da independência política e conseqüentes restrições contra a cultura nacional ucraniana, muitos autores de talento começam a escrever em língua russa. Os gêneros mais “nobres”, tais como odes, tragédias e epopéias históricas passam para a língua russa, enquanto que, para a língua nacional, ficam sobrando apenas os gêneros considerados mais vulgares: comédia, sátira, lenda etc. As fórmulas impostas pelas teorias do Classicismo, porém, operam uma renovação da língua literária ucraniana. Os centros literários estabelecem-se em Kyiw e na região carpática.

No período clássico do século XVIII, o mestre da poesia renovada é Iván Kotlarewsky com sua grandiosa paródia da ENÉIDA de Virgílio. Aí o autor deixa fielmente retratada a Ucrânia do seu século, com a tradição dos heróis cossacos, dos seus nobres e dos independentes. Mostra o domínio da cultura moscovita, cujos representantes poderosos (Zeus, Netuno e outros deuses) abusam do poder. Sob todos os aspectos: literário, histórico, político e lingüístico, ENÉIDA é uma obra genial. As

produções dramáticas de Kotlarewsky, NATALKA POLTAWKA e MOSCOVITA-FEITICEIRO, ainda figuram no repertório dos teatros ucranianos. Entre os dramaturgos destacam-se, ainda, Vassyl Ghoghol e Ghryghory Kvitka-Osnovianenko, também prosador, cuja obra, baseada na doutrina de bondade e humanitarismo de Rousseau, pode ser considerada como transitória entre o Classicismo e o Romantismo.

## ROMANTISMO

Em fins do século XVIII e nos começos do século XIX, o Romantismo domina a Literatura Ucraniana. O primeiro passo foi dado com a edição dos materiais etnográficos, colecionados por M. Maksymovytch, o primeiro reitor da Universidade de Kyiw, que atraiu a atenção dos maiores poetas do seu tempo. Forma-se, então, em Kyiw, a Irmandade dos Santos Kyrylo e Metody (= Cirilo e Metódio), tendo por finalidade salvar a cultura ucraniana, conservar seus documentos e, apesar das represálias políticas que paralisam seus trabalhos, libertá-la da influência russa. Em 1847, são presos todos os seus membros. Sob a ação do Romantismo, no entanto, a Literatura Ucraniana conseguiu já tomar um grande impulso.

Tal como aconteceu na Alemanha, Inglaterra e em outros países europeus, também na Ucrânia o Romantismo descobre o real valor artístico da poesia folclórica, oral, que constrói uma ponte contínua entre as épocas literárias e suas fases de decadência. Nas canções de Natal, Epifania, Páscoa e Primavera (= kolady, chtched-riwky, ghaghilky, vesnianky) encontramos reminiscências de cantos pagãos em seus elementos mais antigos, na sua beleza original quase intacta, os quais, com o correr do tempo, passaram a servir à nova cultura cristã. Em sua riqueza, a poesia do povo faz sobreviver todos os momentos trágicos e felizes na vida nacional: contos, lendas profanas e sacras, baladas que narram as invasões turcas e tártaras, as guerras contra a Polônia e a resistência contra a Rússia, cantos guerreiros, estudantis, camponeses e cossacos jorram em abundância. A vida do ser humano é acompanhada desde o berço até a morte pelas cantigas de ninar, cantos de amor e casamento, danças e lamentações fúnebres. Os cantos religiosos, épico-históricos e líricos serviram aos maiores escritores e poetas ucranianos como fonte de eterna inspiração.

Lewkó Borovykowsky, Ambrosy Metlynsky e Mykola Kostomarow são os poetas do grupo de Kharkiw, orientados pela poesia folclórica. Na Ucrânia ocidental desperta a nova poesia na chamada "Trindade Rutena", composta de Markián Chachkevtych, Iván Vaghylevytch e Yakiw Gholovatsky, assim como em Mykola Ustianovtych, cujo gênero literário se assemelha ao deles.

A figura culminante, porém, surge do chamado grupo de Kyiw.

Tarás Chewtchenko faz estremecer a Ucrânia com sua coletânea KOBZÁR (= Tocador de kobza, bardo). Suas baladas e poesias líricas têm a maior repercussão em todas as camadas sociais, sendo Chewtchenko um verdadeiro músico e pintor da língua, baseando-se unicamente na arte folclórica. O poeta-gênio torna-se um profeta da idéia nacional. Passando a maior parte de sua vida no cativeiro, pois viveu apenas nove anos em liberdade, canta como ninguém até então as desgraças e tristezas do seu povo, sua gloriosa e trágica história, sua beleza e suas esperanças.

Um compatriota de Chewtchenko, Nikolai Ghoghol, tendo abandonado seu idioma materno e passando a escrever em russo, conseguiu fama universal. Chewtchenko, no entanto, filho de servos, adversário do regime russo que dominava sua pátria, foi vítima de grande injustiça: é quase desconhecido na literatura mundial. No entanto, seu espírito excede as fronteiras nacionais, mostrando-se generoso com outros povos e seus heróis os quais aborda com sentimento de solidariedade, na sua obra.

Um outro talento de proporções universais, embora desigual, um entusiasta que escreveu tão bem em russo como em ucraniano e da mesma maneira mudava de campos políticos, foi Panteleimón Kulích. Ele deu aos ucranianos, entre muitas obras

traduzidas e originais, tais como baladas, novelas, poemas, dramas e romances, o maior dicionário da língua literária, reformada foneticamente.

O Romantismo ucraniano conta ainda, entre seus mais talentosos representantes, Yewghén Ghrebinka, o adaptador da fábula universal ao caráter nacional.

## REALISMO

Pela metade do século XIX surge na Ucrânia uma nova época poderosa, o Realismo, que recorre também ao folclore. Não é, no entanto, sua beleza o tema central agora, porém a injustiça social, a miséria e os sofrimentos do povo.

Stepân Rudansky, tendo formação ideológica nitidamente nacionalista, deposita no seu livro SPIVOMOWKY (= Ditos cantantes) o precioso tesouro do humor ucraniano, rindo-se, sem maldade, dos russos, dos poloneses, dos alemães, dos judeus e dos ciganos e cantando a “filosofia” espontânea e saudável da gente simples do povo. O fabulista Leonyd Ghlibiw, Osyp Yury Fed’kovytch, Sydír Vorobkevtych e o maior entre eles: Yakiw Chtchógholiw, são os líricos realistas.

Na prosa figuram: Anatol Svydnytsky, Oleksander Konysky, Borys Ghrintchenko, Ghanna Barvinok. Markó Vowtchók desenha com segurança suas personagens de grande força de vontade e paixões poderosas, ou descreve a vida árdua das mulheres do povo.

No primeiro plano aparecem três nomes: Iván Netchúy-Levytsky, Panás Myrny e Iván Frankó. Tanto o primeiro como o segundo usam como tema a vida dos camponeses na servidão, a dos pequenos proprietários e a dos membros da classe eclesiástica. O romance AS NUVENS, do primeiro, marca o despertar da nova geração de intelectuais e é o primeiro grande romance social.

Iván Frankó, o maior poeta ucraniano depois de Chewtchenko, utiliza-se em suas obras de uma temática vasta que estilisticamente começa pelo Romantismo e passando pelo Realismo chega até o Naturalismo. Em alguns de seus contos e romances, ele descreve como os trabalhadores lutam contra os capitalistas exploradores; em outros, faz minuciosa análise psicológica da infância, revelando tendências impressionistas e modernistas nas poesias líricas, culminando sua criação em grandiosos poemas, como IVÁN VYCHENSKY e MOISÉS.

O gênero dramático, no Realismo, é representado por Mykháilo Starytsky, Markó Kropywnytsky e Iván Tobilevytch, cujos dramas ora se baseiam no folclore, ora recorrem à história ou aos problemas sociais.

## IMPRESSIONISMO E EXPRESSIONISMO

A partir de 1905, legaliza-se a situação da imprensa ucraniana no Império Russo. Em 1898, já aparecera em Lviw e, em 1907, aparece em Kyiw um jornal científico-literário, onde são publicadas as obras de Iván Frankó, Léssia Ukrainka e Mykháilo Kotsiubynsky. O último, influenciado no princípio por Netchúy-Levytsky, cria novelas com temas realistas, no entanto de maneira nova, com grande aprofundamento psicológico. Suas obras têm um vigor poético muito inventivo, onde a paisagem, às vezes, torna-se personagem principal. A tendência sinestésica de Kotsiubynsky, a procura de captar “o momento efêmero”, revela-o como impressionista.

Por seu expressionismo vigoroso, penetração psicológica que chega à glorificação do excesso, do desvairado, numa linguagem colorida da região de Pokúttia, destaca-se Vassyl Stefanyk. Em seus contos, extremamente condensados, encontram-se quadros da morte, da extrema miséria e solidão desesperada, unidos, no entanto, a uma grande ternura.

Markó Tcheremchyna, que sob muitos pontos de vista assemelha-se a Stefanyk, diferencia-se deste tanto pelo otimismo que triunfa sobre todos os conflitos,

como pela abundância de palavras em suas novelas. Olgha Kobylanska sublinha em suas obras a ânsia de beleza que domina seus personagens calcados em tipos da intelectualidade bucovina; utiliza-se, também, dos temas folclóricos. Entre os representantes da prosa desta fase, tais como Agatangel Krymsky, Mykola Tcherniawsky, o católico Boghdán Lepky, Spyrydón Tcherkassenko, a maioria trilha ainda o caminho do Realismo. A mesma coisa pode ser verificada na poesia de Mykola Vorony, Ludmyla Starytska-Tcherniakhiwska, Volodymyr Samylenko, Osyp Makovey, Vassyl Patchowsky, Petró Karmansky (que viveu de 1922 a 1931 no Brasil) e o sensível lírico Oleksander Olés'.

No meio deles surge uma grande personalidade feminina, considerada o terceiro maior poeta da Ucrânia e seu maior dramaturgo: Léssia Ukrainka. Seus temas, ela os foi buscar na história universal, nas culturas orientais e ocidentais. O gênero literário preferido por ela é o poema dramático, com ressonâncias viris. Em linguagem lapidada, Léssia Ukrainka aborda assuntos de mais diversos tempos e lugares, mas na realidade, ela discute com o leitor os problemas da Ucrânia. O CANTO DA FLORESTA, tragédia de impressionismo elegíaco, é composto de materiais colhidos no folclore e apresenta o conflito entre o idealismo e a grosseira realidade terrena.

Na prosa, a figura de destaque é Volodymyr Vynnytschenko, uma personalidade cativante, que prega a "honestidade para com a própria pessoa". Sua obra conta com dezenas de volumes que, em parte, ainda aguardam sua edição.

## MODERNISMO

A Revolução de 1917 provoca uma reação violenta na Ucrânia que se torna independente nos anos de 1917 a 1921, sob o comando de Symón Petlura. Devido à constelação política externa, o novo Estado tinha pouca possibilidade de sobrevivência. Com a perda da autonomia ucraniana, muitos escritores abandonam a pátria. Nos anos seguintes, estabelece-se no país o regime comunista nacional sob a chefia de Mykola Skrypnyk que favorece a renascença cultural, tragicamente sufocada a partir da quarta década pelo governo russo. No entanto, esta curta fase bastou para um impulso criador de intenso vigor.

A nova geração de poetas agrupa-se em organizações literárias como VAPLITE (= Livre Academia da Literatura Proletária), TEMPERO, FEIRA LITERÁRIA e outras. Surge o teatro nacional BEREZÍL (= Março) sob a regência dinâmica de Les'Kurbas. O cinema vive sua fase áurea com a figura genial de Oleksander Dowjenko. Os poetas e escritores representam as diversas tendências literárias, buscando caminhos não trilhados. Uns se inclinam para o Futurismo (Mykháil Semenka, Eduard Strikha), outros para o Simbolismo (Oleksa Slissarenko, Mykola Filansky, Pawló Tytchyna). O último, nas suas primeiras coletâneas líricas, famosas pelo seu ritmo e sua musicalidade, recria um quadro deslumbrante da Ucrânia, na sua beleza trágica.

Um outro grupo, composto de cinco poetas neoclássicos, vai buscar sua inspiração na Antigüidade Clássica, enriquecendo a linguagem literária com o vocabulário raro e com neologismos. São eles: Mykháilo Draí-Khmara, Maksym Rytsky, Yury Klen, Pawló Fylypovytych e Mykola Zerów.

A lírica vive seu grande instante na criação de Volodymyr Svidzinsky (surrealista), Maik Johansen, Mykola Baján, Yewghén Plujnyk e Oleksa Vlyz'kó.

Na prosa, destacam-se com grande relevo: Ghryghory Kossynka, Arkady Lúbtchenko, Borys Antonenko-Davydovytych, o humorista Ostáp Vychnia e Yury Yanowsky. O moderno drama se realiza nas inventivas criações de Mykola Kulích.

Um destaque especial merece o prosador Mykola Khvylovy, uma figura fascinante e entusiasmada pela idéia de uma revolução libertadora, que luta contra "a escravidão psicológica moscovita" na Ucrânia e torna-se seu líder literário.

Em 1932, no entanto, todas as organizações literárias ucranianas são dissolvidas e é criada uma única ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES SOVIÉTICOS que significa a iniciação de um processo anticultural do país, evidenciado pelos

acontecimentos nos anos seguintes. Sob o severo regime comunista soviético, a intelectualidade ucraniana sofre perdas incalculáveis. Prisões e fuzilamentos roubam-lhe uma geração literária inteira: Pawló Fylypovytych, Mykola Zerów, Mykháilo Drai-Khmara, Ghryghory Kossynka, Oleksa Slissarenko, Maik Johansen, Volodymyr Svidzinsky, Mykola Kulích, Dmytró Fálkiwsky, Oleksa Vlyz'kó, Les' Kurbas, Mykola Khvylovy e tantos outros tombaram como vítimas da perseguição cultural na Ucrânia.

Os sobreviventes, como Pawló Tytychyna, Mykola Baján, Maksym Rylsky, Yury Smolytych, Volodymyr Sossiura e uma série de escritores menores, foram amestrados conforme a linha oficial.

No período que medeia entre as duas guerras, destaca-se, no Ocidente da Ucrânia, Boghdán Ighor Antonytych que merece menção especial por sua singela poesia panteísta em que exalta jarros com sóis, árvores perfumadas e portas cantantes. É o poeta ucraniano de expressão mais colorida.

Na Segunda Guerra Mundial, sob o terror nacional-socialista alemão, a Ucrânia perde entre seus mais talentosos poetas Olena Teligha, Oleksander Oljytch e Iván Irlawsky.

Muitos escritores e poetas abandonam a pátria: Yury Klen, Oksana Laturynska, Leoníd Mossendz, Yewghen Malaniúk, Ulás Samtchúk, Boghdán Krawtsiw, Mykháilo Orést, Vassyl Barka, Todós' Os'matchka, Vadym Lessytch, Oleksa Stefanovytych, Sviatosláv Ghordynsky e tantos outros começam sua peregrinação pelos países e continentes à procura de uma acolhida...

A Literatura Ucraniana não termina por ali: ela ressurgiu nos poetas de geração nova da 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> década do nosso século, tanto no Oeste como na própria Ucrânia, provando que as seivas vitais da sua cultura milenar continuam circulando e que de um tronco cortado sempre brotam renovos. Este processo literário recente merece uma focalização especial.



ILUMINURA MEDIEVAL

## A MAIS ANTIGA CRÔNICA DE KYIW<sup>1</sup>)

Fragmentos tirados da primeira CRÔNICA DE KYIW, cuja autoria é atribuída ao monge Nestor (1056-1114). Referem-se à campanha de Sviatosláv, grão-príncipe de Kyiw (964-972), contra a tribo dos búlgaros, estabelecidos nas margens do Danúbio inferior, assim como às lutas contra o imperador grego João Zimisce.

Ano 964:

Tendo atingido a idade viril, o príncipe Sviatosláv reuniu numerosos e valentes guerreiros. Ele mesmo era valente e ágil como um leopardo e sobressaiu-se em muitas guerras. Jamais levava consigo víveres ou caldeirões, não cozinhava a carne, fosse de cavalo, caça ou de boi, mas cortava-a em tiras finas e a comia assada sobre as brasas. Não possuía tendas e dormia no chão sobre uma coberta, apoiando a cabeça na sela. Da mesma forma, procediam os seus guerreiros...

Ano 971:

Certa vez, quando Sviatosláv marchava sobre Pereyaslavetz<sup>2</sup>), os búlgaros encerraram-se em sua própria cidade, fazendo depois um ataque contra Sviatosláv, travando-se, então, uma grande batalha. Os búlgaros principiaram vencendo. Sviatosláv disse a seus soldados: “Ser-nos-á preciso morrer aqui, irmãos e companheiros! Sejamos homens!” E ao entardecer Sviatosláv foi vitorioso, tomando a cidade de assalto... Mandou depois mensagem aos gregos: “Marcharei sobre vós e tomarei vossa capital<sup>3</sup>) da mesma forma que tomei esta.” Os gregos responderam-lhe: “Somos demasiadamente fracos para resistir-te; recebe, antes, um tributo de guerra para ti e teus companheiros. Dize-nos quantos sois para que paguemos pelo número de cabeças.” Os gregos assim diziam, no entanto, para enganar os rutenos<sup>4</sup>) porque sempre foram mentirosos. Sviatosláv respondeu-lhes: “Somos duas dezenas de milhares”, ajuntando uma dezena a mais, pois os rutenos eram só dez mil. Os gregos, então, não pagaram o tributo e lançaram cem mil homens contra Sviatosláv. Este avançou contra os gregos e travou-se um combate. Os rutenos ficaram tomados por terror diante da massa dos guerreiros gregos. Sviatosláv lhes disse: “Não temos por onde escapar. Queiramos ou não, devemos lutar! Não havemos de desonrar nossa terra rutena! Deixemos aqui os nossos ossos! Mortos não sentiremos a vergonha; escapando-nos é que a sentiremos! Não fugirei nunca! Irei para a frente e, uma vez minha cabeça tombada, fazei o que melhor vos aprouver!” Então seus guerreiros disseram: “Onde cair tua cabeça, aí cairão também as nossas!” Os rutenos formaram suas linhas e travou-se uma grande batalha. Sviatosláv venceu, e os gregos fugiram. Sviatosláv marchou contra a capital grega, guerreando e destruindo as cidades que até hoje continuam desertas.

O imperador reuniu, então, os nobres e toda a corte e disse: “O que faremos, uma vez que não lhe podemos resistir?” Responderam-lhe os nobres: “Enviai-lhe presentes para experimentá-lo e ficaremos sabendo se ele ama o ouro e os estofos preciosos.” Enviaram-lhe em seguida ouro e estofos por intermédio de um sábio a quem foi dito: “Presta bem atenção a seu olhar, a sua face e trata de adivinhar-lhe os pensamentos ocultos.” O sábio levou os presentes a Sviatosláv. Quando lhe disseram

que os gregos haviam vindo para saudá-lo e trazer-lhe presentes, respondeu: “Fazei-os entrar!” Eles entraram e, após tê-lo saudado, apresentaram-lhe o ouro e os estofos preciosos. Sviatosláv, sem olhá-los sequer, disse aos pagens: “Levai isto daqui!” Os mensageiros retornaram ao imperador. Quando a corte se achava reunida, disseram: “Estivemos em seu palácio e lhe apresentamos os presentes, mas ele, sem mesmo olhá-los, ordenou que os levassem.” Alguém disse então: “Tentai uma vez ainda e enviai-lhe armas.” Ouviram-no e enviaram uma espada além de outras armas. Apresentaram-nas a Sviatosláv que se pôs a elogiá-las imediatamente e a dizer louvores ao imperador. Os mensageiros retornaram ao mesmo e contaram-lhe tudo o que se havia passado. Os nobres disseram: “Deve ser um homem impiedoso, pois não dá atenção às riquezas, preferindo as armas; acedei em pagar-lhe o tributo.” O imperador mandou-lhe dizer então: “Não marches contra a cidade, mas pede o tributo que desejares.” Sviatosláv já estava a ponto de entrar em Bizâncio. Pagaram-lhe o tributo de guerra, e ele exigiu que dessem até mesmo a parte do que caberia aos mortos, dizendo: “As famílias dos tombados receberão por eles.” Levou consigo muitas presas e retornou a Pereyaslavetz...

### JURAMENTO DE SVIATOSLÁV

“Eu, Sviatosláv, príncipe rutenos, jurei e pelo presente tratado confirmo meu juramento. Desejo, juntamente com meus súditos rutenos, nobres ou plebeus, paz e amizade permanente com João, o poderoso imperador grego, com Basílio e Constantino<sup>5)</sup>, soberanos inspirados por Deus, e com todos os vossos povos para sempre. Não atacarei jamais vosso país, não conclamarei os exércitos, não conduzirei uma hoste estrangeira contra vós ou contra os súditos do Império Grego e contra a terra do Quersoneso<sup>6)</sup> ou qualquer de suas cidades; não atacarei, também, a terra dos búlgaros. E se um outro invasor penetrar no vosso país, marcharei contra ele e atacá-lo-ei. Assim como eu jurei aos imperadores gregos, também meus nobres e todos os rutenos o fizeram. Seremos fiéis ao presente tratado. Se, no entanto, deixarmos de cumprir o que ficou dito e prometido, sejamos eu e meus súditos, amaldiçoados pela divindade na qual acreditamos, por Perun<sup>7)</sup> e Volos, deus dos rebanhos. Que nos tornemos amarelos como o ouro e pereçamos por nossas próprias armas! Ficai seguros da verdade do que vos prometemos e, escrevendo sobre este pergaminho, nós o selamos com os nossos selos.”

ANTOLOGIA DA ANTIGA LITERATURA UCRANIANA, Kyiw, 1967

1) Kyiw — Kiev, em português.

2) Pereyaslavetz, cidade búlgara na margem direita do Danúbio, para onde o príncipe Sviatosláv quis transferir sua capital.

3) Bizâncio, hoje Istambul.

4) O antigo nome da Ucrânia era Rutênia. Apesar de existir já no século XII, a designação “Ucrânia” se firmou apenas no século XVIII.

5) Filhos do imperador grego João Zimisces (969-976).

6) Quersoneso ou Korsun', antiga cidade e colônia grega na Criméia.

7) Perun — deus do trovão, do relâmpago e da guerra; protetor da guarda do príncipe de Kyiw.

## ENSINAMENTO DE VOLODYMYR MONOMÁKH 1)

### Fragmento

Esta obra faz parte da COLETÂNEA DE LAURENTY, do ano 1096.

Aproximando-me do túmulo, rendo graças ao Todo-Poderoso por haver prolongado os meus dias. Suas mãos trouxeram-me até uma idade avançada. Vós, meus caros filhos, e todos que este escrito lerem, observai bem as máximas que encerra. Se vossos corações não as aprovarem, não censureis minhas intenções, mas contentai-vos em dizer: “O espírito do ancião já perdeu seu vigor.”

A base de todas as virtudes é o temor a Deus e o amor à humanidade. Meus filhos, louvai a Deus e amai os homens!

Não vos esqueçais, acima de tudo, dos pobres e alimentai-os. Sede como um pai para os órfãos e defendei, vós mesmos, as viúvas; não mandeis matar um homem mesmo que seja culpado e mereça a morte; não façais perecer nenhuma alma cristã.

Não invejeis os triunfos dos maus, nem o sucesso da perfídia. Temei a sorte dos ímpios. Que não tenhais orgulho no coração e na mente, mas dizei: “Somos mortais: estamos vivos hoje, amanhã estaremos no túmulo. Aquilo que recebemos de Deus é nosso por alguns dias.”

Estando na guerra, não sejais preguiçosos, não vos fieis em voiévodas 2); sede moderados no uso das bebidas, na alimentação e no repouso. Preparai, vós mesmos, as sentinelas e deitai-vos somente após haverdes assegurado a proteção do exército por todos os lados. Levantai-vos cedo e não retireis as armaduras sem haver, antes, olhado à volta, pois pela preguiça o homem pode morrer inesperadamente.

Tende horror à mentira, à embriaguez e à devassidão — vícios igualmente perigosos para a alma e para o corpo.

Marchando por terras alheias, não permitais a vossos soldados ou aos outros causarem danos às vivendas e às plantações, porque, em caso contrário, o povo vos amaldiçoará.

Respeitai sobretudo vossos hóspedes, sejam eles homens do povo, nobres ou estrangeiros. E se, vós mesmos, não estiverdes em condição de cumulá-los de presentes, dai-lhes, ao menos, de comer e beber, pois em suas viagens irão contar por todas as terras e por todos os povos vossa boa ou má fama.

Deveis amar, cada um de vós, vossas mulheres, mas não permitais que elas vos dominem. Se souberdes coisas úteis, não deveis esquecê-las; estudai com prazer, assim como fez meu pai<sup>3)</sup> que, permanecendo em sua terra, aprendeu cinco línguas.

A preguiça é a mãe de todos os males. Quem sabe, acaba por esquecer; quem não sabe, não aprende, sendo preguiçoso. Não tenhais preguiça de praticar o

que é bom, de frequentar a igreja. Não deixeis que o sol ainda vos encontre no leito. Assim procederam meu pai e todos os homens excelentes...

ANTOLOGIA DA ANTIGA LITERATURA UCRANIANA, Kyiw, 1967

- 1) Grão-príncipe de Kyiw, viveu de 1053 a 1125.
- 2) Voiévoda — chefe do exército.
- 3) Vsévolod Yaroslavytch, grão-príncipe de Kyiw de 1076 a 1093.

## CRÔNICA DA GALÍCIA E VOLÍNIA

### A erva "yewchán"

Esta obra anônima que relata os acontecimentos históricos entre os anos 1201 e 1292 é semeada de pequenas histórias, contadas pelo povo. Uma delas narra sobre a erva maravilhosa, chamada "yewchán", cujo perfume faz lembrar coisas esquecidas.

O falecido príncipe Román<sup>1)</sup>, monarca de toda a Rutênia, venceu numerosos povos pagãos. Viveu sempre segundo a sabedoria das leis de Deus e lançou-se contra os infiéis como um leão. Era astucioso como um lince e exterminou-os como o faria um crocodilo, percorrendo suas terras como se fosse uma águia. Como um búfalo, era ele corajoso.

Assemelhava-se nisso a seu avô, o Monomákh, que esmagou os miseráveis ismaelitas, chamados cumanos, e que exilou Otrók<sup>2)</sup> para o meio do povo obero que vive atrás da Porta de Ferro<sup>3)</sup>. Sertchán, o irmão do mesmo, permanecendo à margem do Don, foi obrigado a alimentar-se unicamente de peixes<sup>4)</sup>. Durante esse tempo, Volodymyr Monomákh bebia a água do Don dentro de seu capacete de ouro<sup>5)</sup> e, após haver repellido os miseráveis agarianos, reinou sobre as terras dos cumanos.

Depois da morte de Monomákh, no entanto, Sertchán enviou a Otrók que se achava entre os estrangeiros o único menestrel que lhe restava, Ore, e lhe recomendou dizer: "Volodymyr está morto. Volta para tua terra, meu irmão! Dize-lhe isto, repete-lhe todas as minhas palavras, canta-lhe as canções dos cumanos. Caso se recuse a voltar, dá-lhe esta erva a cheirar, esta erva que se chama "yewchán"."

Otrók, no entanto, não quis retornar, nem mesmo as canções quis ouvir, e o mensageiro lhe deu, então, aquela erva a cheirar. Havendo cheirado, pôs-se Otrók a chorar, dizendo: "É melhor deixar miseravelmente os ossos em sua terra do que ser grande entre os estrangeiros!"

Voltou, então, Otrók às suas terras e engendrou a Kontchák que devastou os países do Sula, fazendo suas incursões a pé e levando às costas seu caldeirão.

Foi por causa dessa razão que o príncipe Román tratou de igualar as proezas de seu antepassado e tudo fez para exterminar os bárbaros.

ANTOLOGIA DA LITERATURA UCRANIANA, K<sup>yi</sup>yw, 1967

1) Román Mstyslavytch, príncipe da Galícia e Volínia de 1199 a 1205.

2) Otrók — irmão do khan cumano Sertchán.

3) Porta de Ferro — cidade no Cáucaso.

4) Para um khan nômade era a suprema miséria, após ter perdido seus rebanhos, a ter de alimentar-se de peixes.

5) Beber do seu capacete a água do Don, significava ser o dono e senhor absoluto dessa região.

## CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR

### Texto integral

Em meados do século XI, a poderosa e terrível tribo dos cumanos, governada por khans, invadiu a Ucrânia, denominada então Rutênia, pelas fronteiras do Sudeste, tendo ocupado dentro de pouco tempo as regiões dos rios Volga e Don, do Mar de Azov e do Mar Negro, até o Danúbio.

Em 1185, o príncipe Ighor Sviatoslavytch, seu filho Volodymyr Ighorevytch de Putywl e o sobrinho Sviatoslâw Ôlghovytych de Tchernyghiw, empreenderam uma expedição contra os cumanos que eram chefiados pelos khans Kontchák e Gzá. A expedição terminou em desastre total. Os príncipes rutenos foram cercados, derrotados e caíram prisioneiros. Somente Ighor teve a sorte de escapar da prisão. Todos os outros jamais recuperaram a liberdade, excetuando-se Volodymyr que se casou com a filha do khan Kontchák e voltou à Ucrânia em 1187.

Esta expedição contra os cumanos serviu de tema para a epopéia heróica CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR, escrita — segundo novas pesquisas — no século XIII por um autor anônimo.

Que vos parece, irmãos? Devo começar à antiga maneira das histórias heróicas a narrativa sobre a expedição de Ighor, Ighor filho de Sviatoslâw? Que a canção tenha início, contando o que então aconteceu, deixando de lado as invenções de Boián<sup>1)</sup>!

O sábio Boián, ao compor uma canção, com pensamentos se expandia sobre a árvore; como um lobo cinzento pela terra corria; como água azulada elevava-se sob as nuvens. Na memória guardava, como dizia, as lutas de outrora. Então caçava um bando de cisnes com dez falcões. O primeiro cisne atingido entoava um canto para o velho Yaroslâw <sup>2)</sup> para o valente Mstyslâw<sup>3)</sup> que matara Redédia<sup>4)</sup> diante das hostes circassianas, e para o belo Román Sviatoslavytch<sup>5)</sup>. Mas Boián, meus irmãos, não caçava o bando de cisnes com dez falcões: somente seus dedos mágicos tangiam as cordas vivas, e estas sozinhas cantavam louvores aos príncipes.

Começemos, irmãos, esta narrativa a partir do velho Volodymyr<sup>6)</sup> até Ighor de hoje que uniu a sabedoria à força e aguçou-a com a virilidade de seu coração e, repleto de espírito guerreiro, conduziu suas legiões valentes pela Terra Rutena contra a Terra Cumana.

Ó Boián, rouxinol do antigo tempo! Se cantasses sobre aquelas legiões, saltando sobre a árvore da imaginação, voando com sabedoria sob as nuvens, entoando canções de glória de ambos os lados do tempo presente, perseguindo as pegadas de Troián<sup>7)</sup> através dos campos e das montanhas! Era mister cantar o cântico a Ighor, o neto de Olégh: “Não foi a tempestade que carregou os falcões através dos campos vastos, bandos de pegas correm para o largo Don.” Ou, então, era mister que cantasses, Boián agoureiro, neto de Veles<sup>8)</sup>:

Os cavalos relinham além do Sula<sup>9)</sup>, ressoa a glória em Kyiw, trombetas soam de Nówghorod<sup>10)</sup>, erguem-se bandeiras em Putywl<sup>11)</sup>. Ighor espera seu amado irmão Vsévolod<sup>12)</sup>, e Vsévolod, corajoso como um touro-bisão, diz-lhe: “Meu único irmão, Ighor, meu sol luminoso, ambos somos filhos de Sviatoslâw. Sela, irmão, teus ligeiros corcéis, pois os meus já estão selados em Kursk. Meus homens, guerreiros experientes, nasceram ao som das trombetas; embalados foram dentro de elmos; foram alimentados à ponta de lanças; todos os caminhos lhes são conhecidos bem como as barricadas; seus arcos já estão retesados, as aljavas abertas, os sabres afiados; e eles correm pelo campo como lobos cinzentos, alcançando honras para si e, para o príncipe, glória.”

Então Ighor olhou para o sol e viu que seu eclipse cobriu todos os seus guerreiros. E disse Ighor a seu exército: “Irmãos e guerreiros! Melhor é sermos por

sabres retalhados que cairmos prisioneiros. Sentemo-nos, irmãos, sobre nossos cavalos ligeiros e olhemos o Don azul!” O desejo queimou a mente do príncipe, e a paixão de alcançar o largo Don lhe cobriu o emblema celeste. “Eu quero”, disse, “quebrar a lança no extremo do campo dos cumanos; convosco, rutenos, quero baixar a cabeça para beber o Don do capacete<sup>13)</sup>”.

Colocou, então, Ighor o pé no estribo de ouro e cavalgando foi pela livre estepe. O sol lhe encobriu o caminho com o eclipse; a noite, gemendo com a tempestade, acordou os pássaros: silenciou o ulular das bestas; desceu Dyw<sup>14)</sup> e vocifera na copa da árvore: deixa ouvir a terra desconhecida — o Volga, o Litoral<sup>15)</sup>, as margens do Sula, Suroj e Korsun<sup>16)</sup>, e a ti, ídolo de Tmutorokán<sup>17)</sup>. E os cumanos, pelos caminhos não trilhados, chegaram até o grande Don: cham os carroções à meia-noite como cisnes assustados. Ighor conduz ao Don seus exércitos. No carvalho, os pássaros já predizem sua desgraça; os lobos, uivando, metem-se pelas barrocas; as águias batem com seus bicos nas ossadas e convocam as feras; as raposas ladram para os escudos rubros. Ó, Terra Rutena! Para além dos montes tu estás! Longo é o crepúsculo. Acendeu-se a estrela d'alva. De névoa se encobriram os campos. Emudeceu o canto do rúxinol e despertou o grasnar das gralhas. Os rutenos transpuseram os largos campos com seus escudos, buscando honras para si e, para o príncipe, glória.

Ao amanhecer do quinto dia da semana, os rutenos pisaram as legiões pagãs dos cumanos e, espalhando-se como flechas pelo campo, levaram à frente as belas jovens cumanas, e com elas tomaram ouro e seda e veludos preciosos; principiaram a construir com cobertas e mantas e variados estofos cumanos floridos suas pontes sobre os lamaçais e pântanos. A bandeira rubra, o estandarte branco, o tuél<sup>18)</sup> vermelho e a lança prateada ficaram para o bravo Sviatoslavytch. A valorosa ninhada de Olégh<sup>19)</sup> em pleno campo cochila: longe demais voou. Não foi para ser escarnecida por falcão, ou gavião; não foi por ti, negro corvo, cumano pagão, que ela nasceu! Corre Gzá como um lobo cinzento, atrás dele Kontchák dirige suas pagadas ao largo Don.

No dia seguinte, bem cedo, as estrelas sangrentas predizem a alvorada. Do mar vem vindo tempestades negras, querem encobrir quatro sóis, e nelas estalejam raios azuis. Surgiu o grande trovejar, as setas da chuva vinham chegando do grande Don; era mister às lanças abrir o caminho e aos sabres partir-se contra os elmos cumanos sobre o rio Kaiala, junto ao largo Don. Ó Terra Rutena! Para além dos montes tu estás! Netos do deus Strybógh<sup>20)</sup> são os ventos que do mar sopram as flechas contra as valentes legiões de Ighor. Retumba a terra, correm turvos os rios, de pó se recobrem os campos, estalejam as bandeiras. Vindos do Don e do mar, por todos os lados os cumanos cercam as legiões rutenas. Os filhos do demônio cortam os campos com seus gritos, e os valorosos rutenos transpõem-nos com seus escudos rubros.

Ó bisão valente, Vsévolod! Tu estás no meio do combate, espalhas sobre os guerreiros as setas, trovejas contra seus elmos com espadas temperadas de aço. Por onde salta o bisão, brilhando com seu elmo dourado, lá tombam as cabeças pagãs dos cumanos; são cortados, com sabres temperados, por ti os elmos avaros, ó bravo bisão, Vsévolod! Distribui feridas, irmãos, esquecendo as honras e as riquezas, a cidade Tchernyghiw, o dourado trono paterno e da sua bem-amada, bela filha de Ghlib<sup>21)</sup>, os carinhos e amores!

Houve os tempos de Troián, passaram os anos de Yarosláv; houve as incursões de Olégh, de Olégh Sviatoslavytch<sup>22)</sup>. Esse Olégh forjava a discórdia com sua espada e semeava flechas pela terra. Na cidade de Tmutorokán colocou seu pé no estribo de ouro. Esse dobrar de sino escutava o grande e velho Yarosláv<sup>23)</sup>, e o filho de Vsévolod, Volodymyr, cada manhã, em Tchernyghiw punha a mão ao ouvido. A glória conduziu Borys Viatcheslavytch<sup>24)</sup> ao Juízo Final e estendeu-o sobre a relva verde em Kanyn, por causa da ofensa de Olégh, o bravo jovem príncipe. De uma Kaiala<sup>25)</sup> semelhante, Sviatopólk<sup>26)</sup> trouxe (o corpo de) seu pai embalado entre os cavalos húngaros, até Santa Sofia de Kyiv. Então, sob o governo de Olégh Ghoryslavytch<sup>27)</sup> eram semeadas e cresciam as discórdias; findavam os bens do neto de Dajbógh<sup>28)</sup>, nas desavenças entre os príncipes encurtava-se a idade dos homens. Naqueles tempos pela Terra Rutena raramente eram ouvidas exclamações dos aradores, mas freqüente era o

crocitar dos corvos que dividiam entre si os cadáveres, e as gralhas falavam na sua língua, querendo participar do banquete.

Houve aquelas batalhas e aquelas campanhas. Mas não se ouviu jamais batalha semelhante a esta: da manhã ao entardecer e da noite à madrugada, as flechas de ferro batido voam; ressoam os sabres contra os capacetes; têm lanças temperadas no campo desconhecido, no meio da Terra Cumana. Sob os cascos, a terra negra ficou semeada de ossos e regada com sangue; eles renasceram como lamento na Terra Rutena.

Que tumulto é esse, que clangores ressoam tão cedo, antes do apagar das estrelas? É Ighor que faz retornar as suas legiões; compadece-se de Vsévolod, seu irmão muito amado. Lutaram um dia, lutaram o outro, e na metade do terceiro os estandartes de Ighor tombaram! À margem do rápido Kaiala separaram-se os irmãos. Ai já não jorrava mais o sangrento vinho! Para os valentes rutenos o banquete estava terminado; com seu sangue já haviam embriagado os inimigos e pela Terra Rutena haviam tombado... A relva com os lamentos seca: de tristeza se inclina a árvore para o chão.

Principiou, meus irmãos, a hora do infortúnio; o ermo sepultou as nossas forças. Para as legiões dos descendentes do Dajbógh, a desgraça, como uma virgem nas terras de Troián<sup>29)</sup>, bateu suas asas de cisne junto ao mar azul. Sobre o rio Don batendo as asas, despertou os infelizes tempos. Terminadas as lutas dos príncipes contra os pagãos, o irmão dizia a seu irmão: “Isto e aquilo me pertencem!” E começaram os príncipes a dizer: “É grande” ao que era pequeno, e entre eles as discórdias se acenderam. E os infiéis, por todos os lados, invadiam a Terra Rutena. Ó, longe demais o nosso falcão voou, perseguindo os pássaros até o mar! As legiões de Ighor não mais podem ser ressuscitadas. Karna<sup>30)</sup> e Jela<sup>31)</sup> vieram pela Terra Rutena, lançando fogo e brasa do seu corno chamejante sobre os homens. Choraram as mulheres rutenas e se lamentaram: “Nem mesmo em pensamentos poderemos evocar nossos maridos; nem com nossos olhos poderemos revê-los; já não penduraremos ouro e prata em brincos tricolejantes!” De lamentos, irmãos, Kyiw gemeu e Tchernyghiw chorou com as invasões; a desolação pela Terra Rutena se derramou; largamente correu o pesar sobre a Terra Rutena. E os príncipes, uns contra os outros, forjavam discórdias; enquanto os infiéis, lançando ataques vitoriosos na Rutênia, tomavam um esquilo de cada morada como tributo.

Os dois valentes filhos de Sviatosláv, Ighor e Vsévolod, já despertaram a força inimiga, a qual seu pai, o severo príncipe de Kyiw, havia embalado; ele a havia subjugado com sua tempestade. Com suas legiões poderosas e suas espadas forjadas de aço, pisou sobre a Terra Cumana, pisoteou-lhe as colinas e encostas, turvou rios e lagos, secou riachos e pântanos, e arrancou, como um vendaval, das férreas e vastas legiões cumanas, o pagão Kobiák<sup>32)</sup> das margens do Mar de Azov; e tombou Kobiák na cidade de Kyiw, no palácio de Sviatosláv. Eis que germanos e venezianos, gregos e morávios cantam a glória de Sviatosláv, chorando o príncipe Ighor que afundou as riquezas no Kaiala, o rio cumano; derramou nele o ouro ruteno. O príncipe Ighor desceu da sela dourada e sentou na sela prisioneira. Destruíram fortificações das cidades; a alegria findou.

Sviatosláv<sup>33)</sup> teve um sonho nebuloso nas montanhas de Kyiw. Ele disse: “Esta noite me cobriram com negra manta num leito de teixo; hauriram para mim vinho azul misturado com pesar; com aljavas vazias derramavam sobre meu colo grandes pérolas dos pagãos-nômades e me acariciavam. Havia tábuas, sem a viga-mestra, no meu palácio coberto de ouro. A noite toda, a partir do crepúsculo, crocitavam os corvos; da planura junto a Plisnesk<sup>34)</sup>, os dragões dos abismos voavam até o mar azul!”

Disseram os nobres ao príncipe: “O lamento, ó príncipe, já se apoderou do espírito; pois dois falcões se ergueram do dourado trono paterno buscando a cidade de Tmutorokán, para beber nos capacetes a água do Don. Dos falcões, já as asas foram cortadas pelos sabres pagãos, e eles próprios foram amarrados com férreas correntes. Pois o terceiro dia os apagou: escureceram dois sóis, duas colunas escarlates se extinguíram e com eles as jovens luas, Olégh e Sviatosláv, encobri-

ram-se de tenebras e afundaram no mar, provocando com isso grande arrogância nos hunos. No rio Kaiala, sombras encobriram a luz; sobre a Terra Rutena se espalharam os cumanos, como ninhada de jaguares. O escárnio sobre o louvor já triunfa. Sobre a liberdade já caiu a desgraça. Dyw já se lançou sobre a terra. Eis que as belas donzelas godas cantaram às margens do mar azul, tilintando com o ouro ruteno: elas cantam os anos tenebrosos, sonham com a vingança de Charakán 35). E nós, companheiros, já estamos sequiosos de alegria!

Então, o grande Sviatosláv fez cair uma palavra dourada, misturada com lágrimas, e disse: "Ó filhos meus, Ighor e Vsévolod! Cedo começastes a açoiar a Terra Cumana com as espadas, buscando a glória! Porém não foi com glória que vencestes, pois derramastes o sangue pagão com pouca honra. Vossos valentes corações foram forjados com duro metal, temperados na arrogância. O que preparastes para as minhas cãs prateadas? Não vejo o apoio do rico e poderoso irmão meu, Yarosláv, com o numeroso exército de seus grandes de Tchernyghiw, com os lutadores, os montanheses, os valentes, os peões, os gritadores e os brigões: estes sem escudo, com seus facões e com gritos vencem as legiões, fazendo ressoar o sino da glória dos antepassados. Mas dissestes: seremos valentes sozinhos, a futura glória sozinhos conquistaremos, e a passada compartilharemos sozinhos. Não causa espanto quando um ancião pretende rejuvenescer? Quando o falcão sai voando, abate altas aves: não permite que façam injustiça a seu ninho. Mas eis o mal: os príncipes não me dão apoio. Os tempos tornaram-se sem valor: em Rymiw 36) clamam sob os sabres cumanos, e a cidade de Volodymyr geme, de feridas coberta. Dor e lamentos ao filho de Ghlib 37).

Ó grande Vsévolod 38)! Nem em espírito pensas chegar voando, de longe, para cuidar do trono paterno! Tu poderias esbanjar o Volga com teus remos e o Don derramar com teu elmo. Se tu aqui estivesse, uma bela serva custaria um noghat e um servo apenas um rizan' 39). Pois tu és capaz de atirar sobre o ermo as tuas vivas e fofosas setas, os corajosos filhos de Ghlib 40).

Tu, bisão-Riuryk, e tu, Davyd 41)! Não foram vossos os homens que em capacetes de ouro navegaram no sangue? Não são os vossos exércitos valorosos que bramem como touros, feridos pelos sabres temperados, em campo estranho? Colocai senhores, vossos pés nos estribos dourados pela injustiça deste tempo, pela Terra Rutena, pelas feridas de Ighor, o corajoso filho de Sviatosláv.

Yarosláv Os'momysl, da Galícia 42)! Altamente estás assentado em teu trono incrustado de ouro, sustentando as montanhas húngaras 43) com tuas legiões de ferro, impedindo o caminho ao rei, fechando as portas para o Danúbio, lançando pedras das nuvens, governando e punindo até o Danúbio. Tuas ameaças fluem pelas terras: tu abres a porta para Kyiw; atiras do teu dourado trono paterno contra os sultões 44) das terras além. Envia flechas, senhor, contra Kontchá, o servo pagão, pela Terra Rutena, pelas feridas de Ighor, o corajoso filho de Sviatosláv.

E tu, bisão-Román 45), como tu, Mstysláv 46)! O corajoso pensamento leva vosso espírito para a vitória. Altamente nadais na coragem para obter glória, como um falcão estendendo suas asas ao vento, querendo ultrapassar uma ave em bravura. Vós tendes férreas armaduras sob os elmos latinos; com estes tropejam a terra e as numerosas nações: fineses, lituanos, iatvahi 47), deremelos 48) e cumanos atiraram fora suas lanças e colocaram as cabeças sob aquelas espadas de temperado aço. Mas já, ó príncipes, para Ighor a luz solar escureceu e não foi em vão que a árvore deixou cair sua folhagem: ao longo do Ros' e do Sula 49) foram divididas as cidades: não se pode mais ressuscitar o valente exército de Ighor. O Don vos chama, ó príncipes, chama e convoca os príncipes à vitória. Os filhos de Olégh 50), duques valentes, amadureceram para o combate.

Ínguar e Vsévolod 51) e vós, os três filhos de Mstysláv 52), vós de seis asas, — aves provenientes não de um simples ninho! Não conseguistes acaso apoderar-vos vitoriosos do governo, lançando sortes? Onde estão vossos capacetes de ouro, as lanças polonesas e os escudos? Pela Terra Rutena, pelas feridas de Ighor, o valente filho de Sviatosláv, cerrai as portas do campo com vossas setas agudas.

Já o Sula não mais flui com suas correntezas prateadas até a cidade de Pereyasláv, e o Dvina 53) flui pelos pântanos para aqueles cruéis cumanos, sob o grito dos pagãos. Apenas Iziasláv, o filho de Vassylko 54), fez tinir suas espadas aguçadas contra os elmos lituanos, ultrapassou a glória do seu avô Vsesláv; mas ele próprio foi vencido pelas espadas lituanas na relva sangrenta, sob os escudos vermelhos. Corre o sangue jovem, e ele diz: “Teu exército, ó príncipe, as asas dos pássaros vestiram, e as feras lamberam seu sangue”. Não estava ali o irmão Briatchesláv, nem o outro — Vsévolod; sozinho ele teve a alma de madrepérola separada do corpo valente por causa de um colar de ouro. Entristeceram-se as vozes, a alegria esmoreceu, de Ghrodno 55) soaram as trombetas.

Ó Yarosláv 56) e todos vós, netos de Vsesláv 57)! inclinai vossos estandartes, colocai nas bainhas vossas espadas insultantes, pois já perdestes a glória do vosso avô. Vós, com vossas discórdias, propiciastes a invasão dos pagãos na Terra Rutena, nas riquezas de Vsesláv; pois pelas discórdias se iniciou o jugo dos cumanos.

Na sétima idade de Troián, Vsesláv lançou os dados pela virgem amada 58). Com esporas incitou seu cavalo e galopou até a cidade de Kyiw e tocou com lança o trono de ouro. Foi à meia-noite que ele saltou, como um leopardo, de BÍlghorod, escondendo-se na neblina azul. Pela manhã, tiniu com arietes, abriu as portas de Nówghorod 59), arrasou a glória de Yarosláv. Atirou-se como um lobo ao rio Nemygha 60), soprou sobre o trigo, espalhando-o. No rio Nemygha tombam cabeças como feixes, malham as malhadeiras forjadas de aço, (os guerreiros) entregam as vidas no campo de malhar, desprendem-se as almas dos corpos. Sobre o rio Nemygha, as margens sangrentas não eram sementes de bens, mas sim pelos ossos dos filhos rutenos. Vsesláv, o príncipe, julgava os súditos, governava os duques da cidade, e ele próprio corria de noite como um lobo 61); de Kyiw, antes do cantar dos galos, até Tmutorokán corria, cortando o caminho do grande Khors 62). Quando voltava em Polótsk, escutava o sino em Kyiw, repicando para as matinas em Santa Sofia. Apesar de ter tido uma alma agourenta no outro corpo, esta muitas vezes sofria com sua desgraça. Por causa disso, Boián profético dizia, lembrando o provérbio: “Não pode evitar o Juízo Divino nem o esperto, nem o sabido, nem o que tem a agilidade de uma ave.”

Oh, a Terra Rutena geme, lembrando os tempos passados e os príncipes antigos! O velho Volodymyr 63) não pode ter sido encravado nos montes de Kyiw! Hoje, suas bandeiras pertencem a Riuryk, outras a Davyd, porém de maneira diferente seus tuéis esvoaçam, cantam suas lanças.

Ouve-se, até o Danúbio, a voz de Yaroslawnna 64); como um cuco, na solidão, de manhã cedo, ela geme e chora: “Qual cuco voarei até o Danúbio, molharei no rio Kaiala minha manga de pele de castor e lavarei do meu príncipe as feridas no seu corpo valente.” Sobre as muralhas de Putywl, de manhã bem cedo, Yaroslawnna chora e se lamenta: “Ó vento-vendaval! Porque, ó senhor, tão fortemente sopras? Porque, sobre tuas asas incansáveis contra os guerreiros do meu amado as flechas cumanas, tu atiras? Já não te basta soprar em cima, sob as nuvens, e balouçar os barcos sobre o mar azul? Porque, ó senhor, tu queres sobre o tirso desfolhar minha alegria?” Sobre as muralhas de Putywl, de manhã bem cedo, Yaroslawnna chora e se lamenta: “Ó Dnipró glorioso! Em meio à terra dos cumanos, por entre as rochas brancas, abriste teu caminho. Sobre tuas ondas, os barcos de Sviatosláv balouçaste, contra Kobiák levando suas legiões. Traze, também, de volta meu esposo, para que eu ao despertar o dia, não derrame no mar minhas lágrimas!” Sobre as muralhas de Putywl, pela madrugada, Yaroslawnna chora, dizendo: “Ó luminoso sol, três vezes luminoso! Para todos tu és cálido e belo! Porque, ó senhor, sobre as legiões do meu esposo, tu lanças teus ardentes raios? Porque no campo seco, com teu ardor seus arcos vergaste e as aljavas com lamentos fechaste?”

À meia-noite, o mar avança e recua; grandes colunas de névoa se elevam. O caminho da Terra Cumana à Terra Rutena, ao trono paterno, Deus aponta ao príncipe Ighor. As estrelas se apagaram ao cair da noite. Ighor dorme. Ighor vigia. Ighor, em pensamento, mede a distância do grande Don até o pequeno Donets 65). O cavalo

espera à meia-noite. Do outro lado do rio, Owlúr 66) assovia, faz o príncipe entender: o príncipe deve fugir. Exclamou, retumbou a terra, sussurrou a relva, as torres dos cumanos estremeceram. Como um arminho, o príncipe Ighor saltou por entre os juncos; como alvo pato selvagem, nadou pelas águas; sobre um ligeiro corcel, ele se lançou, dele saltando como um lobo silencioso, correndo para as várzeas do Donets; voou como falcão sob as neblinas, gansos e cisnes abatendo para as refeições da manhã, do meio dia e da noite. Enquanto, como um falcão, Ighor voava, Owlúr corria como um lobo, sacudindo o frio orvalho; ambos fatigando seus rápidos corcéis. O rio Donets fala: “Príncipe Ighor! Muita glória para ti, ódio para Kontchák e alegria para a Terra Rutena!” Responde Ighor: “O Donets! Também é tua a glória, pois sobre tuas ondas balouçaste o príncipe; espalhaste para ele verde relva em tuas margens prateadas, sob o amparo da árvore verde envolveste-o de cálidas neblinas. Vigiam-no, nas águas, teus patos selvagens; nas correntezas, tuas gaivotas, e nos ares, as galinhas. Não é tão amigo o rio Stughna 67) com sua correnteza pobre, que tendo devorado outras correntezas e riachos, perde-se nos arbustos. Ele fechou o jovem Rostysláv 68) no seu fundo de margens escuras. Chora a mãe do jovem príncipe Rostysláv. Entristeceram-se as flores em luto, e a árvore inclinou-se de pesar até a terra.”

Não é grasnar das pegas, mas Gzá e Kontchák que correm ao alcance de Ighor. Os corvos não crocitam mais, emudecem as gralhas, as pegas se calam e as sitas se arrastam apenas. Os pica-paus, com suas bicadas, mostram o caminho que leva ao rio, enquanto os rouxinóis saúdam, alegremente, a madrugada. Diz Gzá a Kontchák: “Já que o falcão voa para seu ninho, vamos trespassar com flechas douradas seu filhote 69).” A Gzá responde Kontchák: “Enquanto o falcão voa para seu ninho, prenderemos o falcãozinho com a ajuda de uma bela moça.” E diz Gzá a Kontchák: “Se com uma bela moça o prendermos, não teremos nem a bela moça, nem o falcãozinho, e outras aves ainda virão bicar-nos no campo cumano.”

Disse Boián ainda antes do filho de Sviatosláv, sendo o bardo dos tempos antigos de Yarosláv e do lume Olégh: “Embora te seja difícil, ó cabeça, sem os ombros, é mais difícil ao corpo estar sem a cabeça.” Assim acontece também com a Terra Rutena sem Ighor.

O sol brilha nos céus. Ighor já se encontra na Terra Rutena. Sobre o Danúbio cantam as moças, suas vozes em onda se espraíam mar a fora, até Kyiv alcançar. Pelo Borytchiw 70), dirige-se Ighor para a Igreja de Nossa Senhora do Castelo. Todas as terras se encham de alegria, rejubilam as cidades. Tendo cantado a canção aos antigos príncipes, é mister, depois, cantar a glória dos jovens: a Ighor Sviatoslavytch, ao bisão-Vsévolod e a Volodymyr Íghorevytch. Muita saúde aos príncipes e a seus exércitos que lutam pelos cristãos contra as legiões pagãs! Glória aos príncipes e a seus exércitos! Amém.

#### CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR, Philadelphia, 1950

- 1) Boián — bardo ruteno da segunda metade do século XI e dos princípios do século XII, jamais citado em outras obras.
- 2) Yarosláv Volodymyrovych, o Sábio, grão-príncipe de Kyiv (1019-1054).
- 3) Mstysláv Volodymyrovych, o Valente, irmão de Yarosláv, morreu em 1036.
- 4) Redédia — príncipe da tribo nômade dos circassianos, morto em luta contra Mstysláv, em 1022.
- 5) Román Sviatoslavytch, neto de Yarosláv, príncipe de Tmutorokán, foi morto pelos cumanos em 1079.
- 6) Volodymyr, o Grande (980-1015) ou Volodymyr Monomákh (1113-1125), grão-príncipes de Kyiv.
- 7) Troián — provavelmente nome de uma divindade trina, dos rutenos. Outra interpretação: nome atribuído ao primeiro grão-duque de Kyiv, Olégh, pai de três filhos.
- 8) Veles ou Volos — deus do sol e dos rebanhos, correspondente ao deus Apolo entre os gregos.
- 9) Sula — afluente esquerdo do rio Dnipró (= Dnieper).
- 10) Nówghorod Siversky, cidade a Nordeste de Kyiv, sede de Ighor Sviatoslavytch.

- 11) Putywl, cidade sobre o rio Seim, afluente do Desna, governada pelo filho de Ighor, Volodymyr.
- 12) Vsévolod Sviatoslavytch (1160-1196), príncipe de Trubtchewsk e Kursk, situadas a Leste de Kyiw.
- 13) Beber o Don com o capacete — gesto simbólico que significa: ser dono da região do Don.
- 14) Dyw — um pássaro mitológico maligno que pressagia o mal.
- 15) Litoral do Mar de Azov e do Mar Negro.
- 16) Suroj e Korsun' — antigas cidades na península da Criméia
- 17) Tmutorokán — antiga cidade no estreito entre o Mar Negro e o Mar de Azov. “Ídolo de Tmutorokán” — representação das divindades assírias Sanerg e Astarte.
- 18) Tuél — lança, tendo na ponta uma cauda de cavalo.
- 19) Olégh, o primeiro grão-duque de Kyiw (882-912).
- 20) Strybógh — deus da dança, venerado entre os rutenos.
- 21) Olgha, filha do príncipe Ghlib Pereyaslawky, esposa de Vsévolod Sviatoslavytch.
- 22) Olégh Sviatoslavytch, o avô de Ighor, morto em 1115. Partindo de Tmutorokán, trouxe cumanos para a terra dos rutenos, para apoderar-se da cidade de Tchernyghiw que pertencia a Volodymyr Monomákh.
- 23) Mstysláv de Tmutorokán lutou contra seu irmão, Yarosláv o Sábio.
- 24) Borys Sviatoslavytch — neto de Yarosláv o Sábio, morto num combate contra Olégh, o avô de Ighor, em 1078.
- 25) Kaiala — “rio da morte e do pranto”, próximo da cidade de Slovianske.
- 26) Sviatopólk — filho de Iziasláv Yaroslavytch, o qual morreu no mesmo combate.
- 27) Olégh Ghoryslavytch: a avó de Olégh chamava-se Ghoryslava.
- 28) Dajbógh — deus do sol, protetor dos rutenos.
- 29) A desgraça é aqui personificada como uma virgem.
- 30) Karna — divindade da guerra, da discórdia.
- 31) Jela — deusa dos mortos.
- 32) Kobiák — khan dos cumanos que se tornou prisioneiro dos rutenos em 1184, junto com seus dois filhos.
- 33) Sviatosláv II, pai de Ighor e Vsévolod, grão-príncipe de Kyiw.
- 34) Plínesk — cidade da Galícia, onde havia um castelo, mencionado já no século XII, pela crônica.
- 35) Charokán — khan cumano, avô de Kontcháák, vencido por Volodymyr Monomákh, em 1106.
- 36) Rymiw — a cidade ao Sudeste de Putywl, conquistada após a batalha travada às margens do rio Kaiala pelos cumanos.
- 37) Volodymyr Ghlibovytych, príncipe de Pereyaslaw, três vezes ferido durante a invasão de Kontcháák. Morreu em 1187. Com seu nome é ligada, pela primeira vez, a designação da Rutênia como “Ucrânia”: “Era um príncipe poderoso no combate e destemido, cheio de virtudes, por ele toda Ucrânia muito chorava”.
- 38) Vsévolod Yúrievytch, neto de Volodymyr Monomákh, príncipe de Susdal (1177-1184).
- 39) Noghat e rizan' — moedas.
- 40) Alusão aos filhos do príncipe Ghlib Rostyslavytch: Román, Ighor, Volodymyr e Vsévolod, aliados de Vsévolod Yúrievytch.
- 41) Riuryk Rostyslavytch (morto por volta de 1214) sete vezes ocupou o trono dos grão-príncipes de Kyiw. Seu irmão Davyd (1141-1197) era príncipe de Smolénsk.
- 42) Yarosláv Os'momysl da Galícia, príncipe de Ghalytch (1153-1187).
- 43) Montanhas húngaras — os Cárpatos.
- 44) Alusão à participação das legiões da Galícia na III.ª Cruzada, em 1185, organizada pelo Federico Barbarossa contra Saladino III.
- 45) Román Mstyslavytch, neto de Monomákh, tombou na luta contra os poloneses em 1205.
- 46) Mstysláv Yaroslavytch, chamado de Mudo, era príncipe de Volínia.
- 47) Iatvahi — tribo lituana.
- 48) Deremelos — tribo latviana.
- 49) Ros' e Sula — afluentes do rio Dnipro.
- 50) Olégh Ghoryslavytch, o antepassado de Sviatosláv de Kyiw, seus dois filhos e o príncipe Yarosláv de Tchernyghiw.
- 51) Ínguar e Vsévolod, filhos do príncipe Yarosláv Iziaslavytch de Lutsk. Ínguar morreu em 1202 como grão-príncipe de Kyiw.
- 52) Os jovens filhos de Mstysláv Rostyslavytch, príncipe de Bilghorod, mais tarde Smolénske Nówghorod: Mstysláv, Davyd e Volodymyr.
- 53) Rio que desemboca no Mar Báltico.
- 54) Iziasláv, filho de Vassylko de Polótsk.
- 55) Ghrodno, cidade em Políssia, residência de Iziasláv Vassylkovytch.
- 56) Yarosláv de Tchernyghiw, irmão do príncipe Sviatosláv III.
- 57) Netos de Vsesláv — príncipes de Polótsk e Vitébsk, aliados de Yarosláv.
- 58) Vsesláv, filho de Briatchesláv Iziaslavytch, bisneto de Volodymyr o Grande de Kyiw, era príncipe de

Polótsk (1044-1101). Ele desejava o trono de Kyiw. Na epopéia, sua ambição é personificada como o cortejar de uma virgem.

- 59) Vsesláv conquistou Nówghorod em 1067.
- 60) Remygha — rio em Minsk, hoje completamente seco.
- 61) A lenda conta que Vsesláv se tornou lobisOMEM.
- 62) Khors — deus do sol.
- 63) O grão-príncipe de Kyiw, Volodymyr o Grande (= Santo Valdemiro) é mostrado como um justo que sabia coordenar os príncipes e trouxe paz à Rutênia. Seu exemplo não foi seguido pelos jovens Riuryk e Davyd que, mesmo após a derrota de Ighor, não souberam fazer as pazes.
- 64) Yaroslawná, filha do príncipe Yarosláv Os'momysl da Galícia, esposa de Ighor. Seu nome cristão era Eufrosinia. O cuco, na poesia popular, simboliza mulher viúva ou abandonada.
- 65) Donets — afluente do rio Don.
- 66) Owlúr — cumano, cuja mãe era rutena, cúmplice na fuga de Ighor.
- 67) Rostysláv Vsévolodytch de Pereyaslaw afogou-se em 1093.
- 68) Stughna, afluente do Dnipró, perto de Trypila.
- 69) Alusão a Volodymyr, filho de Ighor, que estava cativo entre os cumanos.
- 70) Borytchiw — caminho íngreme da parte baixa de Kyiw, Podil, que leva à cidade alta, onde se encontravam o castelo e a Igreja.

## MYKHÁILYK E A PORTA DE OURO

Este conto do século XIV serviu também como tema para as "bylynas", poemas com fundo histórico, cantadas pelo povo e acompanhadas por um instrumento de cordas.

Os tártaros estrangeiros vieram na época da desgraça. Já estavam combatendo na cidade de Vychghorod e avançavam contra Kyiw. Mykháilyk era aqui o herói-cavaleiro. À torre ele subiu e com seu arco arremessou uma flecha que foi cair no prato do khan tártaro. Este se havia assentado para fazer sua refeição e, mal começara, a flecha veio cravar-se em seu assado.

— Há por aqui um guerreiro muito forte! — exclamou ele. — Entregai-me Mykháilyk e ir-me-ei embora!

Os cidadãos de Kyiw puseram-se a deliberar: — O que vamos fazer? Vamos entregá-lo!

Mykháilyk disse então: — Se me entregardes ao inimigo, vereis a Porta de Ouro<sup>1)</sup> pela última vez! E, montado a cavalo, voltou-se para eles e proferiu:

— Ó ilustres cidadãos de Kyiw!

É muito mau vosso conselho:

Se não entregásseis Mykháilyk,

Enquanto o sol brilhasse sobre o mundo,

Jamais os inimigos tomariam Kyiw!

Mykháilyk enfiou então em sua lança a Porta de Ouro, assim como se faz com um feixe de centeio santo e, passando pelo meio dos tártaros, foi para Bizâncio. Os tártaros nem o viram, mas como a Porta havia aberto, qual torrente a Kyiw invadiram.

O herói Mykháilyk vive agora em Bizâncio. À sua frente tem uma pequena jarra com água e um pãozinho ázimo. Nada mais ele come além disso. A Porta de Ouro acha-se em Bizâncio. Dizem, porém, tempo virá em que Mykháilyk há de voltar a Kyiw e colocará a Porta de Ouro em seu lugar. Agora, se alguém ao passar por perto disser: "Estarás novamente no teu lugar", o ouro começa a reluzir; mas se não disser e pensar somente: "Não voltarás jamais a Kyiw", o ouro, então, escurece.

HISTÓRIA DA LITERATURA UCRANIANA, Vol. I, Lviw, 1920

1) Porta de Ouro — a porta principal da cidade de Kyiw, construída pelo grão-príncipe Yarosláv, em 1037, e destruída no século XIII. À história desta porta acham-se ligadas muitas lendas.

## Fragmento

IVÁN VYCHENSKY nasceu por volta de 1550 em Sudova Vychnia, na Galícia, vivendo mais tarde em várias outras localidades das regiões da Galícia, Volínia e Podila. Morreu aproximadamente em 1625 no monte Athos, de onde enviava à pátria seus últimos escritos. Era místico e asceta, moralizando os costumes dos seus compatriotas. É representante do estilo retórico, revelando uma grande erudição nas suas obras polêmicas, divulgadas ainda durante a sua vida na Ucrânia e Bielorrússia. Esta epístola enfática foi redigida antes do ano de 1596 e se dirige aos poloneses, lituanos e ucranianos que viviam, então, reunidos pelo Estado Polonês.

Declaro-vos que a terra que calcais com os pés e na qual nascestes para a presente vida chora e clama ao Senhor Deus, implorando ao Criador que envie uma foice mortal de castigo destruidor, tal como fez outrora aos habitantes de Sodoma, e também um dilúvio universal que possa exterminar-vos, arrancando-vos pela raiz, preferindo ficar vazia em toda sua pureza do que ser profanada por ateus como vós sois, manchada e devastada por vossos atos sem lei, espoliada dos louvores que são devidos a Deus, Criador do céu e da terra.

Onde existe hoje a fé em terra polonesa? Onde há esperança, há caridade? Onde há verdade e a justiça nos julgamentos? Onde há humildade? Onde se encontram a doutrina evangélica, a catequese apostólica, as leis dos santos? Onde se acha a constância em seguir os mandamentos de Deus? Onde encontraremos o sacerdócio casto, a monástica vida cristã? Onde está a religiosa cristandade, simples e piedosa?

Por acaso não se transmudou isso tudo em uma total falta de fé, mais impura do que em todos os povos infiéis? E por que, sem vos envergonhardes, ousais usar o nome de cristãos se não guardais a força deste nome, conhecendo-o a fundo?

Malditos sejam os ventres que tais filhos geraram à eterna condenação sentenciados, deixando-os na tentação deste mundo traiçoeiro. Hoje, na terra polonesa, todos os sacerdotes são de Belsebú, como outrora, não de Deus. Os sacrifícios com o ventre são feitos, não em espírito. E os senhores como deuses se fizeram, colocando-se acima de Deus, apresentando-se aos seus servos como maiores do que o Criador, o qual no entanto a todos honrou com seu exemplo.

Em lugar da preparação evangélica, da doutrina apostólica e da lei dos santos, em vez do cultivo das virtudes, da moral e da consciência cristã, estudam-se os mestres pagãos: Aristóteles, Platão e outros que a esses se assemelham: misticadores e comediantes que em lugar do Cristo-Deus reinam.

Não são a humil<sup>da</sup>de, a simplicidade e a pobreza que imperam, mas a soberba, a astúcia, os embustes e a maldade. Em vez da justiça e a verdade — injustiça, mentiras, brigas, calúnias, falsidades, hipocrisias. A tirania do Anticristo reina. Não fé, esperança e caridade, mas paganismo, desespero, ódio, inveja e podridão.

Por essa razão, diz o Senhor Deus dos exércitos: “Ai de vós que sois poderosos e temidos na terra polonesa! Minha ira não se há de deter diante da vossa posição. Julgar-vos-ei por vossos erros e vos contradirei, assombrando-vos com a minha mão; queimar-vos-ei com pobreza e com provações para conduzir-vos à pureza.

E aqueles que não quiserem fazer penitência e abandonar essa vida imoral, Eu destruirei; a recordação de seus nomes apagarei na eternidade; aos que fora da lei permanecerem, esmagarei; tornarei humildes os orgulhosos: serão como o lixo que é reunido sob o ancinho. Seus atos serão como centelhas que aos pecadores hão de queimar, juntamente com os injustos, e não haverá quem apague uma tão grande fogueira!”

ANTOLOGIA DA ANTIGA LITERATURA UCRANIANA, Kyiw, 1967

GHRYGHORY SKOVORODÁ (1722-1794) é o maior pensador ucraniano; elaborou um sistema filosófico próprio, unido às tradições do Misticismo. Era também lírico, prosador e professor ambulante. Mantinha sua independência tanto diante dos representantes da Igreja como do Estado, conservando a pureza da mente e dos costumes. Mandou gravar no seu túmulo as palavras: "O mundo me perseguia, porém não me apanhou". Entre suas numerosas obras, as mais poéticas são POMAR DE DIVINAS CANÇÕES, escrito entre 1757 e 1785, e FABULAS DE KHARKIW, escritas nos últimos 25 anos de sua vida.

### A ÁGUIA E A GRALHA

A gralha disse à águia:

— Dize, como não te entedias voar como o vento todo o santo dia pelos vastos espaços do céu? Sempre elevando-te aos ares e descendo em espiral, irrequieta assim?

— Jamais eu desceria à terra se a lei da gravidade não me forcesse a fazê-lo — , respondeu a águia.

— Pois eu não abandonaria o povoado, se fosse águia! — disse a gralha.

— Assim faria eu também, se fosse uma gralha, — concordou a águia.

### DUAS PEDRAS PRECIOSAS

Certa Esmeralda, possuidora de altas qualidades e gozando de grandes privilégios na corte real, escreve a seu amigo, o Diamante:

"Meu caro amigo! Sinto imensamente que não cuidas de tua fama e vivas escondido entre as cinzas. Conheço bem os teus talentos; eles merecem destaque e devem ser vistos por todos. És semelhante a um candeeiro aceso, escondido sob a mesa. De que valerá o nosso brilho se não alegrar os olhos do povo? Desejo-te tudo o que há de melhor e permaneço tua amiga. — Esmeralda."  
Resposta:

"Caríssima amiga! Se nosso brilho for evidente demais, excitará a vaidade das pessoas. Elas devem admirar o céu luminoso e não a nós que apenas somos seu débil reflexo. O valor e a honra estarão sempre dentro de nós. Os lapidadores não nos dão estas qualidades; eles apenas as revelam. Elas não se tornam maiores pela posição que ocupam ou pelos louvores humanos, e nem ficam menores pelo desprezo, pelo esquecimento, pela zombaria. Sem mais, permaneço teu amigo. — Diamante."

Moral:

O valor e a honra são idênticos. Quem não os tiver dentro de si, aceitando a impostura, assemelha-se a um diamante falso e a uma moeda falsificada. Inteligência, sabedoria, piedade, generosidade, justiça, perseverança e virtude — eis o nosso valor e toda a nossa honra. Existe um velho provérbio que diz: "O tolo busca a evidência, enquanto o sábio é notado mesmo que esteja escondido."



GHRIGHORY SKOVORODÁ (PINTOR ANÔNIMO)

## A CORÇA E O PORCO SELVAGEM

Nas montanhas húngaras ou polonesas, a corça encontrou-se com um nativo porco selvagem e saudou-o:

— Como passa, senhor porco? Estou satisfeita por tê-lo encontrado...

— Como podes ser tão atrevida, tão mal educada? — exclamou, entufando-se, o porco. — Porque me chamas de porco? Pois não sabes que fui promovido a cordeiro? Tenho a patente disso: minha família provém dos castores mais nobres e, em lugar de um casaco simples, uso agora oficialmente uma pele de ovelha.

— Desculpai-me, Vossa Graça, — respondeu a corça. — De nada disso eu sabia. Nós somos uns simples e julgamos não pelas roupas, mas sim pelas ações. Vós, como sempre, refocilais na terra e quebrais as cercas. Desejo que sejais promovido a cavalo!

ANTOLOGIA DA ANTIGA LITERATURA UCRANIANA, Kyiw, 1967

## Fragmentos

IVÁN KOTLAREWSKY (1769-1838) nasceu em Poltava. Estudou no seminário, tornando-se depois professor particular; mais tarde entrou para o serviço militar e lutou no ano de 1812 na legião cossaca contra Napoleão. Kotlarewsky fundou o teatro de Poltava, colecionou material etnográfico e favoreceu muito o ensino e a cultura ucranianos. Sua figura luminosa, culta e profundamente humana foi apreciada e amada por todos. Em 1798, foi publicada sua obra prima ENÉIDA, paródia da obra de Virgílio, vestida de colorido nacional. Esta obra significa uma tomada de consciência diante do idioma materno e seu enriquecimento das fontes populares. Em 1818, foi publicada a peça NATALKA DE POLTAVA e, em 1819, MOSCOVITA-FEITICEIRO.

O mestre Enéas, desolado,  
A custo foi-se controlar;  
Tendo chorado e soluçado,  
No corcho sufocou o azar.  
No entanto, a alma lhe doía,  
O coração se contraía  
E transpirava de calor:  
Dos falsos deuses duvidava,  
Em próprio pai não confiava,  
Sentindo de ondas o pavor.

Sopravam ventos pela popa  
Na nuca das valentes naus  
Que conduziam sua tropa  
Pelos abismos negros, maus.  
Os remadores descansavam,  
Cachimbos com prazer fumavam,  
Cantarolavam as canções  
Cossacas, nossas, — bem bonitas,  
E quem sabia — moscovitas,  
Para alegrar os corações.

De Saghaydatchny<sup>1)</sup> se lembravam,  
Também da Sitch<sup>2)</sup>, há de se crer,  
Como os piqueiros alistavam,  
Como marchavam pra valer!  
Glória aos suecos em Poltava<sup>3)</sup>  
E à mãe que os filhos enviava  
Para a campanha militar;  
Como em Bendery<sup>4)</sup> guerreavam  
E, sem comer pastéis, findavam  
Num ano magro em terra e mar.

---

Enéas foi-se ao inferno,  
Ao mundo lívido desceu  
Que tinha cores de um inverno:  
Nem sol, nem lua sobre o céu.  
No meio de neblina e ventos  
Ouvia gritos e lamentos  
Dos que não podem mais morrer.  
Enéas com Sibila viam  
As várias penas que sofriam  
Cada um, conforme o merecer.

Ferviam poços lá no fundo  
E fumegavam caldeirões  
De enxofre, piche e breu imundo,  
E dentro deles, aos montões,  
Os pecadores mergulhados:  
Cozidos, fritos ou assados,  
Segundo sua vil ação.  
Mal pode descrever a pena  
Cada uma da espantosa cena  
Por eles observada então:

Tostavam lá de cada lado  
Muito fidalgo e mau senhor  
Que tinha o povo por seu gado,  
Julgando-o algo de inferior.  
Uns outros lenha carregavam,  
Juncos nos pântanos cortavam  
Para a fogueira esquentar mais!  
Havia diabos vigiando,  
Os preguiçosos incitando  
Com seus forcados infernais.

---

Aos avarentos derramavam  
Na boca o líquido latão;  
Aos mentirosos obrigavam  
Lamber um quente panelão.  
Quem não casara por receio,  
Gozando só no lar alheio,  
Pendia sobre o gancho, no ar,  
Suspenso por aquela parte  
Que praticara ignóbil arte —  
Sem um castigo recear.

Filósofos e pensadores,  
Os que souberam seduzir;  
Abades, mistificadores,  
Que tentam leigos iludir,  
Para que o ouro não adorem,  
Esposa d'outro não namorem  
E crêem na Igreja do Senhor,

Pra que não rinchem às donzelas,  
Não dispam altos céus de estrelas,  
Eram cozidos com fervor.

---

Pais que seus filhos só mimavam,  
Não os sabiam educar,  
Deles as más ações louvavam,  
No piche estavam a queimar.  
Seus filhos eram preguiçosos,  
Ladrões, patifes, criminosos,  
Uns libertinos sem moral  
Que desejavam sua morte  
Para gozarem boa sorte  
Com a herança paternal.

---

Mas não se oculta uma verdade,  
Pois a mentira é mal pior:  
Havia muitos meus confrades  
Que escrevem versos sem valor.  
Estes sofriam duras penas,  
As mãos em férreas algemas,  
Como em tartárica prisão:  
É penitência por pecado  
Dos que versejam sem cuidado...  
Quem poderá escapar, então?

ENÉIDA. Kharkiw, 1842

- 1) Saghaydatchny — ghet'man dos cossacos de 1665 a 1676.
- 2) Sitch — sede dos cossacos ucranianos, numa ilha do rio Dnipró.
- 3) Em Poltava, travou-se no ano de 1709 a batalha entre o exército de Carlos XII da Suécia (aliado dos ucranianos que eram chefiados pelo ghet'man Iván Mazepa) e o do Pedro I da Rússia.
- 4) Bendery — cidade sobre o rio Dnistér.

PETRÓ ARTEMOWSKY GHULÁK (1790-1866) nasceu nos arredores de Tcherkassy. Estudou na Academia de Ciências e Letras em Kyiw e na Universidade de Kharkiw. Em 1817 tornou-se professor no Instituto Feminino de Kharkiw; anos mais tarde — catedrático de História e Geografia na Universidade da mesma cidade, e de 1841 a 1849, seu reitor. Sua obra poética abrange apenas algumas folhas, mas mostra originalidade, uma linguagem flexível e requintada. Famosa é sua sátira O SENHOR E O CÃO.

Certo senhor ilustre e famoso,  
 Bem rico e orgulhoso,  
 (Talvez algum polaco,  
 Mas de certo um velhaco)  
 Chegou no inferno de Plutão.  
 Logo de saída, então,  
 Foi por Eaco interrogado:  
 — Dize, lá d'outro lado,  
 Que foste, onde nasceste,  
 Como viveste, o que comeste?  
 Sem mentiras, confrade,  
 Nos contarás a verdade! —  
 O senhor viu em frente  
 Um da humilde gente,  
 Ele não foi acostumado  
 Ser pelo povo interpelado  
 E disse: — Sou fidalgo,  
 Se queres saber algo:  
 Dormia até o meio dia,  
 Depois minha barriga enchia.  
 Fui senhor dum dominio vasto!—  
 — Pois levarás porcos ao pasto! —  
 Assim determinou Eaco.  
 E riu Plutão, não o polaco...

Se houvesse aqui um semelhante guia,  
 Muito senhor dos porcos cuidaria.

KLYM

Lewkó Borovykowsky

LEWKÓ BOROVIKOWSKY (1811-1889), tendo concluído a Universidade de Kharkiw, tornou-se professor ginasial em Kursk e Poltava. Escreveu fábulas e poesias no estilo floclórico.

Klym foi numa ocasião interrogado  
Que pássaro seria mais do seu agrado:  
O melro, o cuco, o tentilhão?  
Klym disse pronto: — O salsichão!  
Comadre Fome, é evidente,  
Tem pão na mente.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

MARKIAN CHACHKEVYTCH (1811-1843) nasceu em Pidlyssia, na Galícia. Era sacerdote católico uniata. Junto com Vaghylevytch e Gholovatsky (= "Trindade Rutena") defendia a pura língua do povo contra os barbarismos e artifícios então em voga, enfrentando corajosamente as represálias do governo polonês e trilhando o caminho à idéia da democracia nacional. Em 1837 o autor conseguiu publicar em Budapeste A NÁIADE DO DNISTÉR. Apenas 100 exemplares desta edição conseguiram passar a fronteira para a Galícia, mas estes causaram um renascimento da vivência literária e política ucraniana. A NÁIADE DO DNISTÉR teve uma semelhante significação como a ENÉIDA de Kotlarewsky. Chachkevych, tendo a saúde delicada e a vida dura, morreu cedo. Seu talento não chegou a desabrochar plenamente, mas o pouco que legou à posteridade revela um poeta sensível e verdadeiro. Seus restos mortais foram levados mais tarde a Lviw, e na sua aldeia natal foi erguida uma colina em sua memória.

Prímula vera  
Pedia cedo  
Num arvoredos:  
— Ó primavera,  
Minh'alma pura!  
Dá-me a ventura  
Que com agrado  
Eu orne o prado,  
Que eu me torne  
Do sol centelha,  
Igual a estrela,  
Que eu adorne  
A bela terra!  
— Filha querida,  
Me causas pena  
Com tua sina!  
Pois sopra o vento  
E cresta o gelo:  
Antes da hora  
O olhar fenece,  
Tudo enegrece,  
Pende a corola,  
Caem as folhas,  
Minh'alma chora!

YEWGHÉN GHREBINKA (1812-1848) nasceu na região de Poltava, viveu em Petersburgo, onde editava uma revista literária ANDORINHA, morrendo na mesma cidade. Foi amigo de Tarás Chewtchenko, preocupando-se com seu destino infeliz. Traduziu o poema POLTAVA de Puchkin e compôs 27 fábulas — umas verdadeiras jóias literárias, nas quais revive o ambiente ucraniano com todo seu encanto.

Surgiu o sol, resplandecendo aquece,  
E o mundo como a rubra flor sorri;  
No claro céu a nuvem enegrece —  
Enfuna-se, zunindo por ali:

— Como este sol enjoa e aborrece,  
Por que procura a todos alegrar?  
Embora eu me zangue — vem brilhar.  
A seu encontro voarei depressa,  
Consequirei seu rosto deslumbrar!

Eu olho: a nuvem com seu véu sonoro  
Cobriu o sol, tapou o azul do céu...  
Porém o sol mais alto apareceu  
E a nuvem encobriu de ouro.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

TARAS CHEWTCHENKO (1814-1861) nasceu como camponês-escravo na aldeia de Móryntsi, na região de Zvenyghorod. Seus pais se mudaram em breve à aldeia Kyryliwka, onde o futuro poeta cresceu. Com dez anos de idade ele perdeu sua boa mãe; à casa veio a madrasta com seus filhos e começou o inferno. Dois anos mais tarde morreu o pai, e Chewtchenko foi procurar abrigo no palácio do seu senhor Engelhardt, onde se tornou pagem. Nesta função ele viajava com seu dono a Vilna, Varsóvia e Petersburgo, para onde mais tarde transferiu-se a corte de Engelhardt, e onde Chewtchenko aprendia a pintura, copiando frequentemente estátuas no jardim imperial. Nesta atividade foi surpreendido pelo pintor Sochenko que o introduziu a Yewghên Ghrebinka e outros compatriotas os quais compraram em 1838 sua carta de liberdade. Dai em diante Chewtchenko estudava na Academia de Belas Artes, freqüentava a sociedade de artistas e literatos, ia aos concertos e ao teatro, estudando com grande zelo e conquistando uma vasta cultura. Em 1840 publicou suas obras poéticas sob o título KOBZÁR (= Tocador de kobza); um ano mais tarde o poema GHAYDAMAKY. Em 1844, com o título de artista livre, viajou à Ucrânia, onde foi festejado como gênio. O conhecimento com o escritor Panteleimón Kulich e com o historiador-etnógrafo Mykola Kostomariw, o ideólogo da Sociedade Cirilo-Methodiana, abriu ainda mais seus horizontes. O poeta escreveu de 1844 a 1847 seus maiores poemas: SONHO, HUS, PRISIONEIRO, GRANDE CAVERNA, CÁUSCASO, SERVA, TESTAMENTO e outros, tornando-se neles líder da idéia nacional ucraniana. Devia viajar à Itália, para aprofundar seus estudos de Arte, quando em 1847 foi preso pelo governo russo e proibido de escrever e pintar. Passou muitos anos em Orenburgo, à beira do Lago Aral, em Uralsk e Novopetróvsk, perdendo sempre mais sua saúde. Em 1857 foi anistiado, mas proibiram-lhe voltar à Ucrânia. Morreu em Petersburgo, alguns dias antes de ser proclamada a abolição da servidão. Seu corpo foi transportado, mais tarde, para Kaniw, na margem de Dnipró, e sepultado sobre uma alta colina, de acordo com sua vontade. Pela profundidade de sentimento e mestria de seus versos, Chewtchenko pertence aos maiores líricos da literatura mundial.

O vento e o bosque falam,  
Sussurram os juncos,  
O barco vai com as vagas  
Só no vasto mundo.

O barqueiro naufragado  
Foi-se na corrente,  
Cheio de água vai o barco  
E ninguém o prende.

Até o mar azul alcança...  
O mar soa bravo,  
Os vagalhões brincam-dançam  
Com os estilhaços.

KOBZÁR, Kyiw, 1971



TARÁS CHEWTCHENKO: AUTORETRATO (1840)

## O SOL SE DEITA

Tarás Chewtchenko

O sol se deita, montes negrejam,  
Cala-se a ave, o campo se queda,  
Homens contentes fruem a calma,  
Mas eu só miro e envio a alma  
Ao negro bosque da minha Ucrânia.  
A alma voando, meu pensamento  
Na bela tarde queda sereno.  
Negrejam campos, matas, veredas,  
No céu profundo surge uma estrela.  
Ó estrela, estrela! Minha alma chora:  
Também na Ucrânia luzes formosa?  
Será que uns olhos que vi deveras  
No azul te buscam? Ou já esqueceram?  
Se já esqueceram, durmam tranqüilos  
E não decifrem meu vil destino.

KOBZÁR, Kyiw, 1971

## UM LÍRIO COMO TU

Tarás Chewtchenko

Um lírio como tu, outrora  
Floriu à beira do Jordão  
E trouxe para nós então  
O santo Verbo em boa hora.  
Se tu também, formoso lírio...  
Oh não! Irão crucificar,  
Para Sibéria o enviar!  
Minha açucena, teu martírio...  
Não!

Alegrias celestiais  
Concede-lhe, tu Pai dos pais,  
Destino claro como círio,  
E não concedês nada mais.  
Não busques sua primavera,  
Teu paraíso embelezar,  
Para que possa a pobre terra  
Com teu semblante se alegrar!

KOBZÁR, Kyiw, 1971

Ainda sonho: a casa branca  
Entre os salgueiros, sobre a água  
Ao pé do monte. Junto ao lar  
Está um velho de prateadas cãs,  
Um menininho a seu lado —  
Um lindo neto cacheado —  
Brinca com sua barba e ri.  
Ainda sonho: sai alegre  
A jovem mãe resplandecente  
E beija o velho, tão feliz.  
Três vezes beija seu filhinho,  
Toma nos braços com sorriso,  
Leva-o e põe para dormir.  
E o velho pensa murmurando:  
“Aonde foram os maus anos,  
Os tempos pérfidos, hostís?”  
E o “Padre Nosso” lê baixinho,  
“Pelo sinal da santa cruz...”  
O sol se deita sobre o rio,  
A noite apaga o céu azul,  
Tudo se aquieta. E a família  
Vai repousar no lar, tranqüila.

Mistério (1845)

“Tu nos fazes o opróbio dos nossos vizinhos, o escárnio e a zombaria daqueles que estão à roda de nós. Tu nos pões por provérbio entre as nações, por movimento de cabeça entre os povos.”

Salmo 44 — 13, 14

Três Almas

Três aves niveas voaram  
Sobre Subotiw<sup>1)</sup> e pousaram  
Na velha e inclinada cruz  
Da antiga igreja. — Vê, Jesus,  
Nós somos almas e não gente;  
Daqui será mais evidente  
Se irão enfim desenterrar  
A Grande Cova.<sup>2)</sup> Que não tardem,  
O paraíso, então, nos abrem!  
Pois nos promete o Santo Deus:  
“Se o moscovita lá na terra  
For descobrir esta caverna,  
Então ireis entrar nos céus.”

I

“Quando eu era humana,  
Eu era Priscila.  
E vivia nesta casa,  
Aqui eu crescia.  
Com Yurus', filho de ghet'man,  
Nós, do povoado,  
Brincamos de cabra-cega  
Lá no Campo Santo.  
Sua mãe acumulava  
Na morada branca  
De figos e doces passas  
Todas as crianças.  
A mim mesma, com carinho  
Nos braços erguia...  
De Tchyghyryn vinham vindo  
Ilustres visitas,  
Então eu era chamada,  
Calçada, vestida,  
E ghet'man me carregava  
Beijava e sorria.

Os anos foram passando  
Em Subotiw. Linda  
Cresci: bétula no prado,  
Lírio da campina.  
A ninguém causei tristeza,  
Alegre e formosa:  
Minhas sobancelhas negras,  
Minha trança longa.  
Os moços me namoravam  
Nas danças e festas,  
Eu já bordava toalhas,  
Tecia cobertas...  
Perto estava o casamento,  
Mas veio a desgraça:  
Num domingo saí cedo  
Para buscar água —  
(Acabou-se aquele poço,  
Secou. E sem ninho  
Eu infeliz sempre vôo  
Em busca do abrigo.)  
Vejo: ghet'man e a chefia...  
Eu corri ligeiro  
E cruzei-lhes o caminho  
Com os baldes cheios<sup>3</sup>).  
Partiam a Pereyaslaw  
Prestar juramento  
A Moscou<sup>4</sup>). Cheguei em casa  
Sem cor, sem alento.  
Meus pais, irmãos e eu mesma  
E até os cães — bebemos  
Desta água maldita, infesta  
Que virou veneno  
Para todos. Assim triste  
Eu alada vivo,  
E o Senhor não me permite  
Ir ao paraíso.”

II

“E a mim custou também caro  
A falha na vida,  
Pois dei água ao cavalo  
Do tzar moscovita —  
Em Baturyn<sup>5</sup>), quando vinha  
Depois de Poltava<sup>6</sup>)  
(Eu ainda era menina).  
Baturyn queimara  
Por Moscou incendiado;  
A Tchetchel<sup>7</sup>) mataram,  
E no Seim foi afogado  
Velho com criança.  
Eu de sangue estava plena,  
Entre os mortos — viva

No palácio de Mazepa<sup>8</sup>).  
Junto a mim jaziam  
Minha mãe e minha mana  
Abraçadas, frias.  
A custo fui arrancada  
Da minha mãezinha  
Pelos homens desalmados.  
Pedi por piedade  
Ao capitão do comando  
Que me apunhalasse!  
Não fui morta, mas largada  
A seus moscovitas...  
Escondi minha desgraça  
Naquelas ruínas.  
Restou em Baturyn, longe,  
Uma só morada,  
Nela o tzar passou a noite,  
Vindo de Poltava.  
Eu andei ali por perto  
Carregando baldes,  
Ele me fez um aceno  
Para aproximar-me  
E dar água ao cavalo  
Sobre o qual montava.  
Obedeci, do pecado  
Grave carregada.  
Mal alcancei a soleira,  
Desfaleci, morta.  
O tzar foi a sua terra  
Eu fui para a cova.  
Enterrou-me a avozinha  
Que me deu abrigo  
Num casarão em ruína —  
Lar desprotegido.  
Ela se desfez em cinza,  
Morta de saudade;  
Em Baturyn não havia  
Quem a sepultasse.  
Sua casa foi desfeita;  
A trave esculpida  
Foi rachada como lenha.  
Eu vôo sozinha  
Sobre bosques, sobre vales  
E estepes cossacas.  
Não sei porque meus pesares,  
Porque essa desgraça.  
Talvez, por ter sido amena,  
Mansa e bem querida,  
Ou ter dado água fresca  
Ao tzar moscovita.”

III

“Em Kaniw nasci. Criança  
Mimada nos braços.

Minha mãe me carregava  
Alegre, cantando.  
Quando vinha Catarina  
Pelo Dnipró vindo,  
Nós subimos, mãe e filha,  
Montes ribeirinhos.  
Eu chorava. Não me lembro:  
Era dor ou fome?  
Tantos anos, tanto tempo,  
Tantas águas correm...  
Minha mãe olhava o rio.  
Tendo-me ao colo,  
Apontou o quadro lindo:  
A galera d'ouro.  
Um castelo sobre as ondas  
Os nobres trazia;  
Entre duques, voievodas  
Estava a tzarina.  
Eu a saudei com sorriso —  
E perdi o alento.  
Minha mãe findou comigo  
Ao mesmo tempo.  
Irmãs caras! É por isso  
Que fui castigada:  
Não me deixam ao convívio  
Das aventuradas.  
Como pude eu, criança,  
Saber, que a tzarina  
Era a loba esfomeada  
Por nossa Ucrânia?  
Julgai mesmas, minhas manas!

Anoitece. Pernoitemos  
Na floresta Tchuta,  
Se acontecer algo, o vento  
Dirá para a lua.”

Levantaram asas brancas  
E foram pousando  
No meio da escura mata,  
No verde carvalho.

KOBZÁR, Kyiw, 1971

- 1) Propriedade de ghet'man Boghdán Khmelnytsky (1647 — 1657 na chefia do Estado Cossaco Ucrâniano).
- 2) Os russos procuravam descobrir em Subotiw a Grande Caverna com os tesouros lendários do ghet'man.
- 3) Cruzar o caminho de alguém com baldes cheios significa, entre o povo ucraniano, desejar-lhe felicidade.

- 4) Chewtchenko refere-se à união entre a Rússia e a Ucrânia, feita no ano de 1654, em Pereyaslaw entre o ghet'man Boghdán Khmelnytsky (1595-1657) e o czar russo. Tal fato transformou-se na maior desgraça nacional para o povo ucraniano.
- 5) A capital dos ghet'mans ucranianos.
- 6) Em Poltava se travou em 1709 a famosa batalha de Iván Mazepa, aliado do rei sueco Carlos XII, contra o czar russo, Pedro o Grande. No combate venceu o czar, queimando em seguida Baturyn.
- 7) Dmytró Tchetchel — aliado de Mazepa.
- 8) Iván Mazepa (1687-1709) — o maior vulto na história cossaca ucraniana. Almejava a libertação da Ucrânia sob a nefasta imposição da supremacia russa.
- 9) Imperatriz da Rússia que destruiu a sede dos cossacos ucranianos na Sitch, no ano de 1775.

Era em Kyiw glorioso  
E jamais virá de novo...  
Não retorna do passado  
O futuro resguardado,  
Não retorna... Mas eu mesmo  
Aguardarei com anseio,  
Olharei com esperança  
E com alma machucada.

Era em Kyiw. Florescia  
Nossa livre companhia<sup>1)</sup>  
Sem escravos e fidalgos,  
Cada um em trajes caros,  
Encobrimo no seu rumo  
As estradas de veludo,  
De damascos e de sedas,  
Sem pensar em recompensa.  
Era em Kyiw... Os cossacos  
Dançam e festejam,  
Como água, derramando  
As pipas repletas.  
Adegas, hospedarias  
Com as hospedeiras,  
Com vinhos e regalias  
Esbanjam sem pena.  
A música toca e brinca,  
A todos alegre.  
Da famosa Academia<sup>2)</sup>  
A turma sedenta  
Escuta... sonhando, pobre,  
Com a liberdade...  
Mas — a quem o povo corre,  
Músicos andantes?

Em largas calças de veludo,  
Varrendo a rua ao dançar,  
Avança o velho: “Ai, meus anos,  
O que fizestes?” Sem parar  
Com saltos surdos martelando,  
Dança o cossaco e ergue o pó,  
E espalha chispas ao redor:

“Foi à rua boi, boi,  
Veja como foi, foi,  
Bom seria se soubesses

O que o rato, rói, rói.  
Vou gastar estes saltos,  
Estes pés vou gastar,  
Legarei o que sobrar.  
Estas botas cravejadas  
Desfalecem de cansadas!  
Vou gastar estes saltos,  
Estes pés vou gastar,  
Legarei o que sobrar.”

Até o Cristo entre as Montanhas<sup>3)</sup>  
Foi dançando o velho,  
E com ele os camaradas  
E Kyiw inteiro.  
Chegou junto ao mosteiro,  
Gritou: “Abri a porta!  
Saudai vosso companheiro,  
Gente piedosa!”  
Abriu-se a santa porta  
Para o zaporogo<sup>4)</sup>  
E fechou-se, silenciosa,  
Ao resto do povo.  
Quem há de tornar-se monge,  
Despedindo a vida?  
Semén Paly<sup>5)</sup> — de má sorte,  
De implacável sina.

Alto se ergue o sol vermelho,  
Profundo se inclina,  
Pela cela, o monge velho  
Andando medita.  
O monge vai a Vychghorod<sup>6)</sup>  
Olhar a cidade,  
Assentar-se, pesaroso,  
Sobre o vasto vale.  
O monge desce o declívio  
Haurir água fresca  
E relembra seu sombrio  
Passado na terra.  
O monge retorna à cela  
Entre os muros mudos  
E seus anos jovens lembra,  
Sonhos prematuros.

Toma em mãos o livro sábio —  
Sagrada Escritura,  
Mas seu pensamento vasto  
Paira na penumbra.

E cala-se a sagrada voz,  
E em sua cela, qual outrora,  
Revive Sitch<sup>7)</sup> com seu clamor,  
E o ghet'man — olhos de farol —  
Trespasa a alma fervorosa.  
Berdytchiw<sup>8)</sup>, música — e dobram  
Os sinos e grilhões na dor:  
Moscou, desterro, lenissei...  
E rolam lágrimas fiéis  
Dos olhos velhos: "Com brandura  
Subjuga a carcaça vã,  
Prende o soberbo coração,  
Escuta os sinos e a Escritura!  
Não queiras asas alargar,  
Que até a Sibéria levaram  
Tua vida errante e enganada!  
Embala na alma teu chacal,  
Borzná com Fastowchtchyna<sup>9)</sup> esquece.  
Pois tudo passa, tudo segue,  
E nem se lembrarão sequer..."

E o monge desistiu de ler  
A Bíblia, ao soluçar.  
Depois interrogou o céu,  
Com seu andar medindo a cela:  
"Por que será que vim à terra  
E amei a Ucrânia, santo Deus?"

Para a matina o sino clama.  
O velho monge escuta o ar,  
Ao persignar-se, põe a capa  
E prende o terço do rosal,  
E pela sua amada Ucrânia  
O velho monge vai orar.

KOBZÁR, Kyiw, 1971.

1) Companhia da Sitch Zaporoga — a organização dos cossacos ucranianos, nos séculos XVI — XVIII.  
2) Mosteiros da Irmandade, onde se achava o Colégio de Kyiw.

- 3) Cristo Salvador entre as Montanhas — um mosteiro nos arredores de Kyiw, onde os cossacos costumavam passar os últimos anos de sua vida.
- 4) Zaporogo — cossaco ucraniano.
- 5) Semén Paly, coronel cossaco de Fastiw, um dos principais chefes contra a opressão polonesa no fim do século XVII.
- 6) Vychghorod — “cidade alta”.
- 7) Sitch — a sede dos cossacos ucranianos, numa das ilhas do Dnipró.
- 8) Berdytchiw — lugar, onde Sémén Paly foi preso em 1704 por Pedro I da Rússia e enviado à Sibéria.
- 9) Borzná e Fastowchtchyna — região de Fastiw.

Será por mando divino?  
Será por duro destino?  
Como serva, enamorou-se  
Por um órfão belo e pobre.  
E o órfão, ao lado dela —  
Sua infeliz açucena —  
Da estrela vespér à d'alva,  
Na casa da viúva estava:  
Os dois pombos-namorados  
Por Assunção<sup>1</sup>) esperando.  
Veio o dia... Sinos bradam  
De Tchyghyryn exaltada  
Pela Ucrânia gloriosa  
Que se aprontem para as bodas  
Os cossacos, afiando  
Sabres cortantes e gládios,  
Atrelando seus cavalos  
Ao enlace ensagüentado.

No domingo cedo, bem cedinho,  
Tocaram clarins e trompas.  
Puseram-se todos a caminho  
Para a campanha gloriosa.  
A viúva via partir seu filho —  
Sua alegria e esperança,  
A irmã levava o irmão querido,  
E a serva o noivo levava.  
Acompanhava-o. A seu cavalo  
Deu água, à luz da estrela,  
Entregou-lhe o sabre dourado  
E o fuzil para esta guerra.  
Foi com ele três milhas, três campos,  
Despediram-se no vale:  
Ofertou-lhe seu lenço bordado  
Para que longe a lembrasse.

Ai, lenço de pura seda,  
Com seda bordado!  
Tua honra — cobrir a sela  
Do morto cossaco.

Voltou triste, pesarosa,  
Olhando a estrada longa.  
Enfeitava-se com loios,

Esperando seu retorno.  
Aos domingos, da colina,  
Mirava a neblina cinza.

Passa o verão, passa o outro,  
No terceiro voltam  
Da campanha os gloriosos,  
Cobertos de honras.  
Passa a tropa e a segunda,  
A terceira passa —  
Não repares, ó infortuna,  
Na tua desgraça!  
Trazem um caixão pintado,  
Com rubra coberta.  
Com a chefia ao lado,  
Segue, em manta preta,  
O próprio comandante —  
O mago da estepe.  
Os companheiros adiante  
As lágrimas vertem.  
Os cossacos trazem armas  
Do morto confrade:  
Sua armadura cortada,  
Seu dourado sabre.  
Três fuzís, três espingardas  
E o gládio do lado:  
Ressequido sobre as armas  
O sangue cossaco.  
Guiam seu cavalo negro  
Com cascos quebrados,  
Sobre sua sela — o lenço  
De seda bordado.

KOBZÁR, Kyiw, 1971

- 1) A Assunção de Nossa Senhora inicia o tempo quando se celebram os casamentos, na Igreja Oriental.
- 2) Tchyghyryn — a partir do século XVII, sede dos ghet'mans ucranianos.

## Fragmentos

PANTELEIMÓN KULÍCH (1819-1897) pertencia a uma velha família cossaca. Sob a influência de sua mãe, mais tarde orientado por M. Maksymovytch que publicou obras da Idade Média ucraniana, colecionou material etnográfico. A amizade com vários homens de Letras, entre eles T. Chewtchenko, estimulava seus interesses literários. Era talentoso e muito aplicado, tornando-se poeta, romancista, historiador, etnógrafo e crítico literário. Desejava elevar a Literatura Ucraniana ao nível da Literatura Européia Ocidental. Seu temperamento instável lhe causava freqüentes complicações na vida; como historiador não possuía uma orientação coerente. Seus méritos, no entanto, são inegáveis. A obra mais famosa de Kulích é ASSEMBLÉIA NEGRA, primeiro romance histórico ucraniano, editado em 1857. Serviu de tema ao autor a luta interna na Ucrânia, em 1683, para a conquista do poder de "ghet'man" dos cossacos. Kulích conseguiu reproduzir com poderoso realismo a vida política e social, os velhos usos e costumes da classe dominante naquela época na Ucrânia.

A seguinte cena passa-se em Kyiw, na casa de Somkó, pretendente ao posto de ghet'man de todos os cossacos. Visitantes: Kyrilo Tur, otamán (= comandante) da Sitch Zaporoga<sup>1</sup>); Chram, coronel cossaco; Tcherevân' com sua filha Léssia.

— Dize-nos, senhor otamán, que vento te trouxe a Kyiw?

— Um santo vento, Sereníssimo, — respondeu o zaporogo. — Acompanhamos um peregrino ao mosteiro de Mejyghirsky Spas<sup>2</sup>)!

— E por que abandonaste teus companheiros?

— Espera, senhor ghet'man, contarei tudo na devida ordem, mas dá-me licença para molhar a garganta primeiro. É pena que aqui só tenham uns copos muito mesquinhos que nem vale a pena de encher. Os nossos canecões na Sitch é que são uma invenção verdadeiramente santa! Poder-se-ia afundar neles até um polaquinho!

— É verdade! Deus é testemunha! — disse Tcherevân'. — Há muito tempo digo eu que somente na Sitch a gente vive de verdade. Juro-te, irmão, que se não fossem a mulher e a filha, eu me juntaria aos zaporogos!

— Hum! — comentou Kyrilo Tur, reparando na gordura de Tcherevân'. — Com este corpanzil não deixarias lugar para muitos!

Riram-se todos, e Tcherevân' riu-se mais forte. Era um homem de natureza alegre e bondosa.

— Como eu quero bem de todo o coração a este vagabundo! — cochichou o ghet'man para Chram. — Às vezes ele se zanga, tudo parece aborrecê-lo. Mas o diabo bem o conhece! Desanda a rir, de repente, e não se pode por coisa alguma deste mundo ficar de mal com ele.

— O mal está em que estes camaradas rindo te compram e rindo te vendem!

— Sim! Que isso é verdade, lá isso é! Segundo seu raciocínio, nada no mundo merece que a gente fique alegre ou triste. São uns filósofos, filhos do demo. Olham o mundo pela perspectiva de um barril, apenas não como Diógenes, do vazio, mas cheio de aguardente até a borda!

— Querem saber porque eu me separei de meus companheiros? — perguntou Kyrilo Tur, esvaziando o caneco. — Eis a razão: Já ouviram falar alguma vez em confraternização? É nosso costume na Sitch. Por mais severa que seja a separação do mundo, o homem precisa de um amigo. Não tendo irmão, escolhe um. Então confraternizam-se, acompanham um ao outro como o peixe a água. "Sejamos

irmãos”, disse eu a meu companheiro Thornoghór. “Vamos!” Então, fomos à irmandade cossaca e pedimos ao padre que rezasse o Ato dos Apóstolos sobre nossas cabeças que somos irmãos, não pela carne, mas pela palavra de Deus. Pois, agora, já somos confrades como Yarema e Khoma.

— E depois?

— Hem... depois... Acontece que quando um homem pratica uma boa ação, o diabo — não se deve falar nele à mesa — aproxima-se com uma tentação... Olho então, e o que vejo... Uma bela, mas tão bela que só... hum! E pronto!

— Será que alguém entre as mulheres já conseguiu alguma vez tentar um cossaco da Sitch Zaporoga?

— Ah! Ah! Senhor ghet'man! Como não! E nisso não há nada de estranho. Adão não era um homem igual a nós, e até ele tropeçou em Eva.

— Onde é aquela beleza?

— Pergunta-lhe tu mesmo, se quiseres. Eu nem sei como se dirige a palavra a uma senhorita tão orgulhosa, — e olhou para Lëssia.

— Pára, pára, louco! — disse Somkó rindo. — Esta é minha noiva!

— O que me enche de pena não é que ela seja tua noiva, — disse o zaporogo suspirando. — O que me preocupa é que ela me enfeitiçou inteiramente!

Riam-se todos às gargalhadas ao ouvir tais coisas.

— Bravo, disse Somkó. — O urso caiu nas malhas. O que vai acontecer agora?

— O quê? O urso irá para seu covil, carregando a rede consigo.

— Como? Para Sitch?

— Que tem isso? Por acaso só existe aquilo se vê pela janela?

— Será que um cossaco tão bravo, e ainda por cima um otamán, há de deixar os companheiros por causa de uma mulher?

— Por que não? Por uma beldade como essa perde-se o mundo e não somente os companheiros!

— Então, para onde puxarás tua rede?

Kyrylo Tur pôs-se a rir.

— Queres saber demais, Sereníssimo! Não pretendo dizer a verdade, nem quero mentir.

— Pois de certo jamais mentiste desde que nasceste, — caçoou Somkó.

— E não mentirei agora! — respondeu Kyrylo Tur. — Permita-me que molhe a garganta.

Por haver raptado a jovem, Kyrylo Tur foi levado a julgamento cossaco.

O processo de julgamento de Kyrylo Tur foi aberto pelo “pai” Pughátch. Este, saindo da fileira, inclinou-se na direção dos quatro pontos cardeais, fez uma reverência especial ao ghet'man, aos anciãos e cada um dos otamáns, principiando, então, a falar em voz forte e grave:

— Senhor ghet'man e vós anciãos! Senhores otamáns e vós confrades, bravos companheiros! E vós, fiéis cristãos! Sobre o que repousa a Ucrânia, senão sobre a Sitch Zaporoga? E a própria Sitch Zaporoga, sobre o que repousa, senão sobre os antigos costumes de nossos antepassados? Ninguém pode dizer com exatidão quando se iniciou a ordem de cavalaria cossaca. Ela já existia à recuada época dos varegos, nossos famosos ancestrais, que conquistaram a glória aos olhos do mundo, sobre a terra e sobre o mar. Ora, ninguém entre os cossacs havia até agora manchado esta glória preciosa. Nem o cossaco Báyda que foi suspenso pela costela a um gancho de ferro em Constantinopla, nem Samylo Kichka que sofreu cinquenta anos nas galeras turcas! Não existe senão um miserável, um único debochado que a manchou! Esse patife encontra-se diante de vós, neste momento!

Após pronunciar estas palavras, ele agarrou Kyrylo Tur pelos ombros e, fazendo-o voltar-se para todos os lados, disse-lhe:

— Volta, ó filho do diabo, teus olhos para a gente honesta, para que os outros aprendam bem esta lição!

— Então! O que fez este patife? — prosseguiu o pai Pughátch, dirigindo-se à assembléia. — Cometeu uma ação que nem pode ser nomeada e sobre a qual só podemos escarrar. Este brejeiro se entendeu com mulheres e desonrou a fraternidade por muito tempo. Senhor ghet'man e vós, anciãos! Vós, senhores otamáns! Vós, irmãos! Refletí bem, deliberai entre vós e decidí a maneira pela qual poderemos lavar-nos desta infâmia. Qual punição que devemos inflingir a este maroto devasso?

Ninguém se apressou a tomar a palavra. Esperavam que o ghet'man se pronunciasse a respeito. E os anciãos disseram:

— Pronuncia-te, pai ghet'man. Tua palavra é lei!

Brukhovetsky inclinou-se profundamente e disse:

— Meus muito queridos pais! O que poderia meu fraco espirito imaginar? Vossas cabeças veneráveis estão cheias de são julgamento. Todos vós conheceis os regulamentos e os costumes cossacos antigos. Julgai como achardes melhor. Quanto a mim, não foi por outro motivo que vos trouxe da Sitch Zaporoga. Guiai-vos pelas antigas tradições, tal como as conheceis; julgai e decretai o castigo que vos parece melhor. Não vos oporei os meus arrazoados. Diante de vossos cabelos brancos, não passamos de crianças inexperientes e de tolos!

— Bem!... Se é assim... — disseram os anciãos, — não há absolutamente necessidade de refletir mais tempo. Que seja atado ao poste e vergastado!

O ghet'man fez um sinal com o bastão de comando. Os debates estavam terminados. As fileiras de cossacos, dispostas em círculo, agitaram-se.

O desgraçado Kyrylo Tur foi amarrado e levado ao poste que se encontrava não longe dali e ao qual foi atado de modo que se pudesse dar-lhe a volta. Deixaram-lhe o braço direito livre, para permitir ao infeliz pegar um corcho e beber hidromel ou aguardente. Pois era costume, entre aqueles estranhos zaporogos, colocar perto do poste um barril de hidromel ou aguardente e um cesto cheio de pãezinhos para que, em primeiro lugar, o supliciado embriagando-se escapasse aos sofrimentos demasiadamente intensos, antes de expirar; em segundo, para que os cossacos sentissem mais entusiasmo no cumprimento de sua tarefa. Encontrava-se ali, também, um feixe de varas. Cada um dos presentes, ao passar pelo poste, pegava uma vara, aplicava uma varada no culpado e prosseguia seu caminho.

Ora, narravam os velhos, eles tinham o hábito horrível de bater com tal força que após sete vergastadas mais ou menos já não se pertencia a este mundo. Acontecia, também, embora muito raramente, que nenhum dos cossacos tocava no corcho, e todos em consequência continuavam a andar sem pegar na vara, como se nada vissem. Neste caso, após haver o desgraçado passado um certo tempo ligado ao poste, desamarravam-no: estava livre e era considerado como tendo cumprido sua pena. Mas, para merecer dos cossacos um tal favor, era necessário que se houvesse distinguido do comum dos cavaleiros.

É bem verdade que Kyrylo Tur não era o último na Sitch: era um cossaco valente e de alma aberta, mas seu crime fora grave demais. Os zaporogos consideravam os amores ilícitos como a falta mais grave. Eis porque alguns, embora lamentando-o muito, avançavam para ele e empunhavam a vara para que isso servisse de advertência aos mais jovens contra semelhante pecado. Outros, porém, olhando para Kyrylo Tur, recordavam-se dos velhos tempos e, superando a dureza de seu coração, deixavam os braços cair, envergonhados, e afastavam-se do poste. Acontecera-lhes, mais de uma vez, haverem corrido juntos o perigo dos campos selvagens ou de se socorrerem na necessidade.

Além disso, o confrade de Kyrylo Tur, Boghdán Tchernoghór, esforçava-se por desviar a desgraça que pendia sobre a cabeça do amigo. Não se afastava do poste; suplicava a este, recordava àquele um serviço que lhe fora prestado por Kyrylo Tur, ameaçava os que zombavam e que, conhecendo a bravura de Tchernoghór, não tardavam em afastar-se, embora estivessem tão gulosos de aguardente quanto um rato possa estar por um pedaço de tocinho. Aconteceu mesmo ao amigo fiel derramar

lágrimas para enternecer algum otamán. Ora, na Sitch, amizades assim eram muito apreciadas.

Mas eis que o pai Pughátch avança diretamente ao poste. Boghdán Tchornoghór não ousou recordar coisa alguma ao velho austero, não podia pensar em amedrontá-lo, nem mesmo conseguiu desprender a língua para fazer-lhe uma súplica. Tal como um cachorrinho que se retira para trás da porta à vista de um mastim, o infeliz Tchornoghór afastou-se para dar passagem ao rude ancião. Este se aproximou do poste, bebeu um corcho de aguardente, não sem louvar sua boa qualidade, comeu o pãozinho e dirigiu-se a Kyrylo Tur:

— Vira as costas, — ordenou-lhe.

O desgraçado apresentou-lhe as costas, e o velho aplicou-lhe um golpe tão violento que os ossos estalaram. Mas Kyrylo Tur mostrou que era um verdadeiro cossaco zaporogo: nenhuma careta, nenhum gemido lhe escapou.

— Fica sabendo, patife, em que estima se deve ter a boa fama dos cossacos, — declarou o pai Pughátch. Largou a vara e retirou-se...

Aproximou-se mais um ancião da Sitch, seguido por três outros.

— Não ponhas, — disse, — tua esperança nos moços que te pouparão, porque nós seremos bastante fortes para acabar contigo. Espera somente que tenhamos bebido um gole de aguardente.

Pegou o corcho, encheu-o de bebida, tomou-a e, lançando uma exclamação aprovadora, segurou a vara dizendo:

— Que achais, irmãos? Bato-lhe na cabeça para que o libertino rebente logo?

— Não, meu irmão, — respondeu outro, — nunca se viu bater na cabeça do réu. A cabeça é a imagem de Deus, seria pecado erguer uma vara sobre a cabeça. Não é ela que gera as culpas, mas do coração do homem é que procedem os maus pensamentos, homicídios, adultério, fornicações e furtos; a cabeça de tudo é inocente.

— Então, — perguntou o terceiro, — que é preciso fazer, já que não é possível atingir esse maldito coração com uma vara? Batendo-lhe nas costas, jamais conseguiremos acabar com este touro, mesmo que lhe demos com o ferro de um machado. Seria, no entanto, uma grande pena, se deixássemos vivo um sedutor deste tipo. A gloriosa Sitch Zaporoga ficou abalada com o que aconteceu.

— Escutai, — interveio o quarto. — Se Kyrylo Tur conseguir agüentar esta punição, que o deixem viver! Um cossaco de tal têmpera há de servir muito bem para qualquer coisa!

— Servir para qualquer coisa? — exclamou o pai Pughátch. — Para que poderia servir um sedutor deste tipo no meio de cristãos? Batei-lhe de cima, batei forte sobre este miserável! Como lamento não poder mais pegar numa vara! Não fora isso, eu teria batido até acabar com o barril de aguardente. Não poupeis, ó irmãos, um criminoso desta espécie!

Então, um após outro, os anciãos beberam um corcho de aguardente, apanharam uma vara e deram uma pancada sobre as costas de Kyrylo. Os braços dos velhos ainda possuíam bastante força, e os ombros do condenado estalavam. Um outro, que não Kyrylo Tur, teria sucumbido há muito tempo, mas ele suportou os quatro golpes sem mesmo aparecer-lhe uma contorsão no rosto. Quando os anciãos se afastaram, ele se pôs a fazer graça, dirigindo-se a Petró:

— Esfrega-se de rijo nos banhos da Sitch! Depois de uma fricção como esta não se corre o risco de sofrer de alguma moléstia nas costas e nos ombros!

— Que devo dizer à tua venerável mãe? — perguntou Petró.

— Que lhe poderias dizer? — respondeu Kyrylo Tur. — Dize-lhe, simplesmente, que o cossaco se perdeu por uma bagatela. Quanto à marca do lugar onde está escondido meu tesouro, meu confrade a conhece. Ele dará uma parte à minha velha mãe e à minha irmã. Levará uma outra à Irmandade paroquial de Kyiw para que rezem pelo repouso de minha alma; o resto ele entregará aos jovens de sua terra para que comprem balas e pólvora e para que tenham com que celebrar nos torneios a memória de Kyrylo Tur.

— Coragem, meu confrade! — disse Boghdán Tchornoghór. — Ninguém mais levantará o braço sobre ti. O tambor logo vai anunciar a hora do jantar. Serás desamarrado e ficarás livre...

Quando o tambor soou anunciando o rancho, uma multidão de zaporogos lançou-se em direção de Kyrylo Tur. Desligaram-no do poste, abraçaram-no felicitando-o por se achar quite...

— Então?—perguntou, aproximando-se, o pai Pughátch. —Que achas das varadas da Sitch? Provavelmente os ombros te doem tanto quanto os daquele diabo que levou às costas um monge até Jerusalém. Toma, põe estas ervas em cima. Amanhã estarás curado. Em nossa juventude também nos bateram assim. É por isso que conhecemos o remédio para este mal.

PANTELEIMÔN KULÍCH, OBRAS SELECIONADAS, Kyiw, 1969

- 1) Sitch Zaporoga — a sede dos cossacos ucranianos independentes, numa ilha de Dnipró.
- 2) Mejyghirsky Spas — mosteiro onde os velhos cossacos se retiravam para finalizar sua vida como monges.

YAKIW CHTCHÓGHOLIW (1824-1898), nasceu na região de Kharkiw, onde terminou os estudos universitários, tornou-se alto funcionário público e onde morreu. Publicou duas coletâneas: RIO VORSKLO (1883) e SLOBOJANCHTCHYNA (1898). Segundo o crítico Yefremiw, suas poesias parecem serenas e contemplativas que, no entanto, "como pinturas tranqüilas provocam arrepios". O neoclássico Mykola Zerów o coloca entre os maiores líricos ucranianos.

Ai, eu tinha um bom cavalo,  
Um cavalo endiabrado,  
Tinha o sabre e a escopeta  
E uma moça feiticeira.

O primeiro já mataram,  
O segundo já envergaram.  
A escopeta já quebrou-se  
E a amada desprezou-me.

Pela estepe sobranceira  
Passam tropas com bandeiras,  
E eu sigo meu arado  
Pelo campo ressecado.

Hê, hê, hê, meu boi sombroso!  
Longa nesga — o campo em colmos...  
Sopra o vento da colina,  
Ferve minha caldeirinha.

Quem no bosque está — responde!  
Quem no campo queda — volve!  
Antes que a neblina desça,  
Compartilha nesta ceia!

Chamo... Morre meu chamadô,  
Surge a lua sobre o prado,  
Sopra o vento da colina,  
Arrefece a caldeirinha.

LEONYD GHLIBIW (1827-1893) junto com Yewghén Ghrebinka é o maior escritor de fábulas na língua ucraniana. Nasceu na propriedade dos fidalgos Rodzianka perto de Poltava, onde seu pai era administrador. Teve uma infância feliz no meio de uma atmosfera de tradição e calor humano. Tendo terminado os estudos, tornou-se professor de História e Geografia. Em Tchernyghiw, principiou a publicar um semanário que após dois anos foi proibido pelo governo czarista russo, e o redator perdeu o trabalho pelas idéias nacionalistas. De 1863 em diante Ghlibiw sofreu de doenças e perdas dolorosas até que a morte o veio libertar.

A rã saiu a passear,  
Ao sol as costas esquentar.  
Olhou o boi  
E disse com ardor ao companheiro  
(Esperta foi!)  
— Que majestoso aquele corpo inteiro!  
Será que eu serei seu par  
Se bem me inflar?  
Os sapos vão se admirar!  
— Mas não convém tentar...  
Assim a outra começou.  
Em vão! A rã de ar se inchou:  
— Vê, mano, agora estou maior?  
— Nem um pouquinho, meu amor!  
— E agora? Veja bem, maninho!  
— Nem um pouquinho!  
A rã não ouve — se infla de ar,  
Ao boi querendo se igualar...  
E o que aconteceu, então?  
Arrebentou-se de tensão!

Existem sapos ao redor  
Que mudam forma, mudam cor.  
Mas o melhor é respeitar  
O que bom Deus nos quis legar.

STEPÁN RUDANSKY (1830-1873) nasceu na região de Podila. Foi médico em Yalta na Criméia. Teve uma vida familiar infeliz. Seu pai forçou-o a utilizar somente a língua russa, mas Rudansky não abandonou o idioma materno. Ao lado de poemas históricos, escreveu poesias líricas e traduziu as obras de Homero, Virgílio e Lermontov para o ucraniano. Sua fama, porém, ficou definitivamente consagrada com a coletânea SPIVOMOWKY (1882), onde o poeta guarda o tesouro de humor do seu povo.

Uma velha foi à igreja,  
Comprou muitas velas,  
Em frente de cada santo  
Colou uma delas.

Inda lhe sobraram duas:  
Onde colocá-las?...  
— Ao ícone de Nicetas,  
Disse, — vou levá-las.

A velha encontrou o santo  
Malhando o capeta.  
Uma vela — a São Nicetas,  
Outra — à cara preta.

Vendo aquilo, grita o povo  
Escandalizado:  
— O que fazes, velha? — dizem, —  
Não vêes? É o malvado!

Mas a velha respondeu-lhes:  
— Quem conhece a sorte  
Para onde irão enviá-lo  
Após sua morte:

Se no céu, ou se no inferno?  
Não ralhem comigo:  
Em todo o lugar, ó gente,  
Convem um amigo!

OSYP YURY FED'KOVTCH (1834-1888) nasceu na região de Bucovina, perto de Vyjnytsia, e morreu em Tchernivtsi. Apesar de ser descendente da nobreza, tomou parte no levante ghutsulo contra os nobres que oprimiam o povo. Viveu na Moldávia. Estudou as literaturas alemã e espanhola, escreveu poesias alemãs e de 1861 em diante passou a escrever em ucraniano, tendo grande repercussão. (O escritor russo Turgueniev encantou-se com suas poesias.) Após servir certo tempo como soldado austríaco e ser fazendeiro e inspetor na Bucovina, mudou-se para Lviw, onde editou o jornal PROSVITA (= Clarificação). Sua linguagem poética é semeada de vocabulário regional ghutsulo.

Assim se chama esta montanha escura  
Que se ergue, soberana e orgulhosa;  
As tēmporas augustas lhe circundam  
As rútilas estrelas, em coroa.  
Os vendavais, em turbilhões de neve  
Envolvem-lhe a cabeça, como em lenços,  
De seda, ervas, flores a revestem,  
Granito azul é o trovejante peito.  
Os montes ao redor inclinam frentes  
Diante da sua frente coroada;  
Trazei damascos, vós, palácios nobres,  
Trazei veludos, vales e montanhas!  
Eis a Montanha Negra que ressoa:  
Eis Tchornoghora!

POESIAS DE OSYP YURY FED'KOVTCH, Lviw, 1902

IVÁN NETCHÚY-LEVYTSKY (1838-1918), descendente de uma família de sacerdotes ortodoxos da região de Kyiw, era professor secundário. Começou aos trinta anos de idade sua carreira literária. Escreveu numerosos contos e romances; entre os últimos destacam-se A FAMÍLIA DE KAIDÁCH (1880) e MYKOLA DJÉRIA (1883). O tema preferido do autor é a vida dos camponeses e do clero na Ucrânia, principalmente sob o aspecto político-social. O trecho escolhido do romance A FAMÍLIA DE KAIDÁCH mostra a mistura típica da religião com a credence popular no meio da sociedade rural, na Ucrânia.

— Vais a Kyiw este ano também, Palajka? — perguntou a mulher de Kaidách.

— Se Deus quiser, como não! Já fiz vinte vezes minha Páscoa em Kyiw. Deus então há de ajudar-me a fazer a vigésima primeira. A velha Gholovatchykha pretende ir comigo. Talvez algum de vocês queira ir junto? Se de cada casa for pelo menos uma pessoa fazer a Páscoa em Kyiw, Deus há de abençoar toda a família e lhe há de dar boa colheita. Se essa pessoa morrer na Semana Santa, irá diretamente para o céu, pois a Porta Real<sup>1</sup>) na Semana Santa não fica fechada nem na igreja, nem no paraíso. A alma voará por ela direitinho para o céu. — Palajka virou-se para Kaidách. Ela sabia que ele era muito piedoso.

— E quem jejuar doze sextas-feiras no ano não vai direitinho para o paraíso? Não ouviste falar sobre isso, Palajka, nas Grutas ou em Lawra<sup>2</sup>)?

— Não, — respondeu Palajka com dignidade. — Quem jejuar nas sextas-feiras e levar consigo a erva-de-santa-maria, não morrerá queimado no fogo, não se afogará na água, nem morrerá de repente, mas não vai diretamente para o céu. Quem, no entanto, for a Jerusalém, ou fizer a Páscoa em Kyiw, na catedral de Lawra, ou morrer precisamente no Domingo de Páscoa, esse será salvo; os anjos hão de carregar sua alma para Deus. — Melachka escutava e o trabalho desprendeu-se-lhe das mãos.

— É preciso ir a Kyiw, confessar-se na Quinta-Feira Santa, encomendar uma reza nas Grutas, contribuir para as hóstias e oferecer um óbolo para as santas relíquias; então sim, o Senhor se apiedará de nós, — ensinava a velha Palajka, levantando um dedo. — E quem adquirir a mirra que as santas caveiras estilam ou o óleo das lâmpadas de Santa Bárbara e untar com eles a testa e os olhos, nunca mais sofrerá dos olhos e da cabeça. Conheço todas as relíquias e todas as igrejas de Kyiw. Costumo andar pelas igrejas e criptas, e atrás de mim seguem uma ou duas centenas de peregrinos. Eu lhes digo em que igreja se encontram as relíquias; mostro-lhes onde se acham as penas do Arcanjo Gabriel, no mosteiro de Santíssima Virgem; onde está guardado o leite de Nossa Senhora e onde São Nicolau prendeu à parede um ladrão que queria roubar a igreja.

— É verdade? — perguntou Melachka, abrindo muito os olhos.

— Prendeu, sim! Segurou-o com as mãos até que acudissem todos os monges de Kyiw. E da imagem se espalhava um clarão por toda a igreja, assim como o sol. Os monges pensavam que fosse incêndio e correram para fora das celas. Vendo o milagre, porém, vestiram depressa os paramentos fazendo tocar os sinos; pegaram as velas e começaram a rezar e a celebrar ofícios diante de São Nicolau. Então a imagem largou o ladrão. Este logo entrou para o convento e tornou-se um santo!

Todos na casa escutavam o que Palajka contava. As mulheres, cruzando os braços, suspiravam profundamente e exclamavam: — Meu Deus, ó meu Deus!

— Minha mãe! Deixe-me ir também a Kyiw com a avozinha! — pedia

Melachka. — Já sou crescida e nunca fui a Kyiw. Assim o Senhor não vai ter piedade de mim no outro mundo.

— E todas as igrejas de Kyiw estão cobertas de ouro. Nas Grutas de Lawra ficam os túmulos dos doze irmãos que construíram seu campanário. Dizem que, enquanto o estavam construindo, ele se afundava todo na terra. Mas, numa noite, ele emergiu inteiro para a superfície. Então, todos os irmãos tornaram-se monges. Meu Deus, quanta gente conduzi eu até o alto do campanário, até os grandes sinos!

— Oh, deixa-me ir, mãezinha! Parece-me que morro se não fôr a Kyiw! É verdade que lá existe um leão que põe água pela boca?

— Naturalmente! Em cima dele está sentado São Sansão, rasgando-lhe o maxilar. Ele perdeu-o no bairro de Podil, perto do Dnipró e, abrindo-lhe a boca, transformou-se em pedra. O leão também virou pedra e começou a lançar água pela boca. Coisas muito estranhas acontecem por lá. Para contar tudo, um dia não bastaria, nem uma semana inteira! — dizia Palajka. Fitou os ícones, erguendo as duas mãos e separando os dedos.

— Senhor, tende piedade de nós pecadores, — pronunciou ela, e a casa toda suspirou. O velho Kaidách continuava sentado, a cabeça inclinada. Melachka chorava, porque queria ir também.

Já passava de meio dia. A um lado da estrada erguia-se uma alta colina, e sobre ela um túmulo. A velha Palajka conduziu as mulheres todas até lá. Dali se podia contemplar Kyiw com suas igrejas e seus campanários. Os peregrinos jamais deixavam de visitar essa colina.

Palajka aproximou-se do túmulo, caiu de joelhos e pôs-se a rezar. No cimo das montanhas podia-se ver os altos campanários e os tetos de ouro das igrejas. À volta de Kyiw, verdejava espessa mata. Do outro lado do Dnipró, a floresta, envolvida na neblina cinzenta, azulava. Aqui e além, por entre os pinheiros, resplandeciam as ondas largas do rio, tornadas escassas pela estiagem. Por entre a floresta, as cruces de ouro dos mosteiros cintilavam como pedras preciosas, atiradas por cima das árvores. O sol brilhava sobre as montanhas de Kyiw; os picos de ouro pareciam chamejar.

A velha Palajka deixou-se cair por terra, e atrás dela as mulheres começaram a inclinar-se profundamente até tocar o chão com as cabeças.

IVÁN NETCHÛY-LEVYTSKY, OBRAS, Kyiw, 1955

1) Porta Real, na igreja oriental, separa o altar do recinto reservado aos fiéis.

2) O conjunto das igrejas e o mosteiro de Petcherska Lawra em Kyiw possui muitas criptas e capelas subterrâneas.

## Fragmento

PANÁS MYRNY (1849-1920) é pseudônimo de Opanás Rudtchenko. Nas suas obras, ele desenvolveu o vital problema social da Ucrânia na metade do século XIX: da injustiça e do conflito entre os ricos proprietários e seus servos-camponeses. No livro A FORÇA PERDIDA, publicado em 1880, Myrny descreve como, pelas injustas condições sociais, um bom ser humano chega a tornar-se ladrão. Um valor particular tem a fina análise da transformação psicológica no herói principal.

Tchipka olhou para o céu.

— O que é aquilo, avozinha? — e apontou para as estrelas.

— Aquilo? São estrelas.

— O que são estrelas?

— São os anjos que nos olham. Cada pessoa tem seu anjo que cuida da alma para que ninguém faça mal a ela. Quando uma estrela cai, é que a alma foi levada, e a estrela roia, rola e desaparece...

— Então, lá estão a minha estrela, a da mãe e a sua?

— A tua, a de tua mãe e a minha, sim.

— Onde é que está a minha, vovó? — perguntou Tchipka, pondo a cabeça sobre os joelhos da avó, sem tirar os olhos do enxame de estrelas que parecia mover-se no céu azul-marinho.

— Deus o sabe, menino. O homem não chega até lá... É obra divina, Ele é que sabe...

— Deus também está lá?

— Sim, meu filho...

— Vovó, como é Deus?

— Deus é pai. É ele que mantém tudo que há na terra: cada inseto, cada animal, cada homem... Ele cuida de tudo, olha por tudo, defende do mal. De repente, Satanás se mete na Sua obra santa e começa a fazer desordem no mundo. Então, Deus manda o santo Elias num carro de fogo para matar Satanás... Assim, quando Elias passa, é o trovão, e quando atira uma flecha de fogo, é o relâmpago que brilha... Deus é assim! Ele é terrível para os maus e bondoso para os que são bons. Deus é pai... Ele nos protege no mundo e nos dá pão...

Tchipka pensa. Diante de seus olhos surge Deus irado, envolto em nuvens, gritando ordens a Elias, mandando castigar um homem mau. Elias rola no seu carro; céu e terra estremecem como uma coberta de penas ao vento que sua passagem produz. Um relâmpago caiu... uma seta de fogo cortou o céu. O medo se apodera de Tchipka! Lá fora está tudo escuro, não se vê a lua, a via láctea branqueia céu a fora. As estrelas piscam, brilham... Tchipka se aconchega à avó e murmura baixinho:

— Eu sou bonzinho, vovó! Não vou fazer nada de mal, assim Deus não me castigará... Ele vai castigar aquelas crianças que me bateram e mandaram ir embora. Deus vai castigá-las porque elas são más... E eu serei bom, vovó...

Tchipka se cala, prendendo a respiração, pensando no terrível Elias e no bom Deus... Depois de algum tempo pergunta à avó:

— Avó, tu disseste que Deus nos dá o pão?

— Sim, meu filhinho, Ele nos está alimentando, a todos...

— Então, porque é que a mãe trabalha para conseguir o pão... e até agora

não voltou do serviço?... Ela diz que se não trabalhasse, nós não teríamos o que comer...

— Que menino tolo! — diz a avó. — O homem nasceu para trabalhar e não para ficar descansando.

PANÁS MYRNY, OBRAS, Kharkiw, 1928

## Fragmento

IVÁN FRANKÓ (1856-1916) nasceu perto de Borysláv, como filho de um ferreiro. Terminou o ginásio em Droghobytch, estudando mais tarde na Universidade de Lviw, onde sob a influência de Mykhailo Draghamanow começou a escrever, utilizando-se da língua do povo. Doutorou-se em Viena e candidatou-se para o cargo de catedrático da Língua e Literatura Ucraniana na Universidade de Lviw, mas por motivos políticos (era socialista) não foi aceito. Tornou-se colaborador da Sociedade Literário-Científica Tarás Chewtchenko e redator-chefe do ARAUTO LITERÁRIO-CIENTIFICO. É o segundo maior poeta ucraniano, o maior poeta da região da Galícia. Sua cultura era imensa, sua herança conta com centenas de obras. Escreveu em prosa e verso romances, contos, dramas, ensaios críticos, poemas; era também historiador, sociólogo, filólogo e político. Entre suas obras literárias destacam-se os contos BOA CONSTRICTOR (1876), O PEQUENO MYRON (1879); os romances BORYSLÁW SORRI (1881), ZAKHAR BERKÚT (1883); a coletânea de poesias líricas FOLHAS MURCHAS (1896); a epopéia satírica A RAPOSA MYKYTA (1891); os contos em verso de elenco árabe OS CHINELOS DE ABU KASIM (1895) e O FERREIRO BASSÍM (1900); mas principalmente os poemas épicos ENTERRO (1895), IVÁN VYCHENSKY (1896) e MOISÉS (1905).

O pequeno Myron gosta de correr pelo prado verde, florido, por entre as bardanas de largas folhas e as cheirosas camomilas-romanas. Gosta de aspirar o doce aroma do trevo orvalhado e de enfeitar-se com os carrapichos de bardana que se agarram à roupa e que ele prega da cabeça aos pés. Há, ainda, o arroio por onde é necessário passar para ir da horta ao pasto, pequeno e tranqüilo riacho do vale, de margens altas e íngremes, fundo argiloso e vaus murmurantes, lageados e cheios de algas verdes, macias e longas, como verdes madeixas de seda. Aquele corregozinho é uma sedução forte, um verdadeiro feitiço para Myron. Ele gosta de assentar-se à sua margem horas inteiras, metendo-se entre os iris altos e verdes ou à sombra da folhagem espalmada da tussilagem ribeirinha. Fica sentado a olhar o chapinhar da água, o capim flutuando a ondular sob o avanço das ondas, os peixinhos que, às vezes, saem das suas covas ou da profundidade do leito do riachozinho e procuram os bichinhos do fundo ou, então, põem para fora seus focinhos chatos, ornados de bigodes, aspirando uma vez o ar e fugindo rápidos depois para seus esconderijos, como se tivessem provado não sei que petisco. Enquanto isso, no céu azul-escuro e livre de nuvens, o sol castiga, aquecendo sem queimar as costas e todo o corpo de Myron, metido entre as largas folhas. Está tão agradável ali! Os olhinhos cinzentos movem-se, a fronte infantil se franze, pensamentos começam a agitar-se lá dentro.

“Porque será que o sol é pequeno, quando o pai disse que é grande? De certo há um buraco cortado lá no céu, e então a gente só pode ver um pedaço do sol.” Mas logo em sua cabecinha surge um novo pensamento.

“Então, como é? Ele se levanta e há um buraquinho? Ele se deita, há um outro buraquinho? Será que o buraco anda pelo céu com o sol?” Isso não lhe cabe na cabeça e decide-se a perguntar ao pai, quando chegar, sobre aquele buraco cortado no céu.

— Myron! Myron! — ouve-se ao longe, chamando de sua casa. É sua mãe. Myron escuta e levanta-se bruscamente, corre para a margem até o vau, por onde se atravessa o riacho, e pára de repente. Já havia passado muitas vezes pelo riozinho e não reparara em nada, mas agora algo se revela a seus olhos. Ele está de face para o sol e vê, em lugar do fundo raso com os seixos, os feixes verdes e algas macias, — um azul sem

fundo. Ele ainda não sabe que é o céu que da água lhe sorri. Como é que se pode atravessar uma coisa funda assim? Onde é que ela surgiu de repente? Põe-se a analisá-la cuidadosamente. Está tudo como antes. Vê-se, na beira, as pedras conhecidas e ouve-se o inocente e tranqüilo murmurar da água no vau. Volta-se para o outro lado, a profundidade desaparece. O vau está raso como antes. Esta descoberta alegra-o, surpreende-o. Começa a virar-se para todos os lados, fazendo experiências, deleitando-se com o estranho espetáculo. E esquece inteiramente o chamado da sua mãe.

Muito tempo lá fica o pequeno Myron, abaixando-se e virando-se junto ao vau, sem ousar ainda passar pela água. Parece-lhe sempre que no meio do vau pedregoso e raso a terra vai abrir-se, uma negra profundidade vai escancarar-se lá dentro do rio, entre as margens íngremes, e ele vai despenhar-se fundo, desaparecer como uma palhinha atirada a um poço escuro. Quanto tempo ficaria ele ali, sobre a água, se não se aproximasse Martyn, o vizinho, indo apressado com um forcado e ancinho apanhar o feno.

— Porque estás aí? Tua mãe te chama. Porque não vais para casa?

— Quero ir, mas tenho medo.

— Medo de quê?

— Pois sim, olha! — e mostrou com a mão a profundidade azul na água.

Martyn não compreendeu.

— Não há motivo para ter medo. Isso aí é raso.

— Raso? E aquela fundura ali?

— Fundura? Não há fundura nenhuma! — disse Martyn e, como estava, calçado, atravessou o riacho, mal molhando a sola dos pés. A passagem de Martyn encheu Myron de coragem e ele, passando pela água, correu pelo quintal até a casa.

— Mas que menino tolo, este! Já tem cinco anos e tem medo de vaus, — murmurou o vizinho e dirigiu-se para seu feno...

Rebelde gênio imortal!  
Tocado de Eternidade  
Pela honra e liberdade  
Perduras belo e total.  
Nem o fogo da Inquisição  
Nem a arte de espionar  
Nem dos tzares a prisão  
Nem soldados aguerridos  
Nem dos canhões os rugidos  
Te puderam derribar.

Tu vives, sempre atual!  
Há milênios renascendo  
E pelo mundo estendendo  
Teu poder de vendaval.  
Firme e erecto vais andando  
À luz teu passo apressando  
Soando forte a trombeta  
Levando povos à meta.  
Acorre a turba veloz  
Seguindo o som de tua voz.

Voz que se ouve no interior  
Das casas pobres, das minas,  
Das lóbregas oficinas  
Moradas de angústia e dor.  
Dos lugares onde passa  
Afasta penas, desgraça;  
Gera força, teimosia  
Não de pranto — de alegria  
Nos jovens, fá-los lutar  
E a ventura conquistar.

Rebelde gênio imortal!  
A força do pensamento  
Não pode, em nenhum momento,  
Ser detida pelo mal.  
Vis ruínas derrubando  
A avalanche vem rolando,  
Nada no mundo a desvia  
Ninguém barra sua via.  
Pois quem consegue apagar  
O sol em seu despertar?

MOISÉS

Iván Frankó

Prólogo

Meu povo sofredor e mutilado,  
Iguar a um lazarento no monturo  
Pelo desdém dos homens ultrajado!

Que angústia vivo em teu destino duro!  
Foge-me o sono em queimação de pejo  
Que marcará teus filhos no futuro.

Acaso está fixado teu ensejo:  
Servir de adubo para o mau vizinho,  
Puxar sua carruagem sobre o brejo?

Será tua sina cultivar sozinho  
Esse ódio surdo e falsa humildade  
A todos os traidores no caminho

Que te forçaram, preso, à lealdade?  
Será que nunca chegarás ao gozo  
No revelar da força imensidade?

Em vão ardiam corações penosos  
Oterecendo a ti o amor sagrado  
E corpo e alma — sempre generosos?

Em vão teu solo em sangue está banhado?  
Não provarás, radiante, a alegria  
De florescer em graça e liberdade?

Em vão na tua palavra irradia  
Humor, saudade, ímpeto, brandura  
E tudo o que o espírito extasia?

Debalde no teu canto flui ternura,  
Sonoros risos, queixas amorosas  
E da esperança labareda pura?

Oh não! Não estas claves dolorosas  
São teu quinhão. No espírito teu creio,  
No teu porvir em viva luz gloriosa.



OLEKSA NOVAKIWSKY: MOISÉS  
(Metropolita Andry Cheptytsky)

Se todos nós ardéssemos de anseio  
De provocar uma onda abrasadora  
Com a palavra vívida no meio!

Se viesse uma canção animadora  
A arrebatat esses milhões consigo,  
Alando-os para a meta salvadora!

Mais ai de nós, sem rumo nem abrigo,  
Por dúvida e vergonha atormentados,  
Não nós te salvaremos do inimigo.

Porém, com povos livres a teu lado,  
Hás de esplender ainda, chamejante,  
De Cárpatos cingido, venerado.

Tua voz escoará o Mar Negro avante,  
E vigiarás — legítimo herdeiro —  
Pelo teu lar e o campo verdejante.

Meu canto aceita, triste, mas certo,  
Confiante na tua luta, teu empenho,  
Penhor do teu futuro verdadeiro:

Um simples dote às bodas de teu gênio.

## CANTO X

Já tingia as montanhas Moáb  
O sol grande e vermelho,  
Como se submergisse no mar  
Ao tocar seu espelho.

Reluzia no céu vespéral  
Uma intensa tristeza,  
Latejava o uivar dos chacais  
Com doída crueza.

Tremulou o infeliz coração:  
Eis que o velho profeta  
Fez a mente um instante parar  
No caminho a sua meta.

Sempre ser o vidente da dor,  
Do castigo suspeito?  
Como pobre criança, o amor  
Soluçou-lhe no peito.

— Se soubesses, ó meu Israel,  
De que cheia é minha alma!  
Se provasses o amor meu fiel  
Sem alívio nem calma!

És meu filho herdeiro, meu lar,  
Minha honra e vitória,  
Em ti está do futuro altar  
Na beleza e na glória.

Dei a ti meu esforço sagaz —  
O que sou de mais digno:  
Pelos séculos caminharás  
Com meu próprio signo.

Mas não amo somente o suor  
Do meu mísero zelo:  
Generoso, o mais nobre esplendor  
Do teu gênio eu velo.

Ó meu povo, não guardes rancor  
Do sacrílego dito:  
Dediquei-te mais forte amor  
Que o Yehovah bendito.

Ele tem os milhões como seus  
Que ele aquece e acalma,  
E eu tenho só a ti sob os céus,  
Tu preenches minha alma.

Ele a ti, como dono e teu rei,  
Escolheu como escravo,  
Sem escolha me escravo tornei  
Só de amor sem agravo.

E quando ele aguarda no altar  
Seu tributo, seu preço,  
Ó, meu povo, eu só quero dar,  
Eu de ti nada peço.

E quando ele exige louvor  
Com incenso, das gentes,  
Eu aceito de ti toda a dor,  
Zombarias pungentes.

Pois não posso somente te amar  
Por beleza e talento,  
Mas por falhas, maldades sem par,  
Que chorando lamento.

Por tua estúpida obstinação,  
Por orgulho na prece,

Que insistindo na ignóbil ação  
Nem a Deus obedece.

Por mentiras da língua que tens  
E consciência porosa  
Que se prende à terra e aos bens  
Com raiz poderosa.

Pelas filhas vãs, sem pudor,  
E o amor seu intenso,  
Pela fala, e riso, e ardor,  
Por tua vida e teu senso.

Ó meu povo, meu filho Israel,  
Queixa-te ao teu dono:  
Eu te dei meu amor, mel sem fel,  
Mas enfim te abandono.

Pois já ouço chegar-se meu fim  
Misterioso e ignoto,  
E eu devo alcançar o confim  
Canaano, remoto.

Eu queria convosco chegar  
Com clarim trovejante,  
Porém Deus destinou a sagrar  
A mim só este instante.

Se eu morrer vislumbrando o Jordão,  
Da montanha, na terra  
Prometida, lembreis que seu chão  
Os meus ossos encerra.

Estendido em paz fitarei  
As montanhas sombrias,  
Em seguida, — também seguireis —  
Orfãosinhos sem guia.

A saudade vos venha buscar,  
Vos mordisque e inquiete,  
Como um cão que convida a caçar  
Seu senhor pela estepe.

E eu sei: todos vós partireis  
Como as águas na enchente;  
Não me busques e não indagueis  
Onde estou, minha gente.

Que avance no seu esplendor  
Este mar degelado!

Israel, ó meu filho da dor,  
Sê bendito e louvado!

IVÁN FRANKÓ, SELEÇÃO DE OBRAS, Nova York — Paris, 1956.

Ó VIOLA INFELIZ

Iván Frankó

Ó viola infeliz, dissonante!  
Quantas mãos insensatas e vis  
Macularam tuas cordas gentis,  
Tu ficaste perdida por diante.

Ferem ar os acordes nervosos  
E perdeu-se tua afinação.  
Tu procuras teu mestre em vão  
Que teus cantos reviva orgulhosos.

IVAN FRANKÓ, SELEÇÃO DE OBRAS, Nova York — Paris, 1956.

Aristóteles, sábio da mente veloz,  
Esta máxima para Alexandre compôs:

“Mais que a espada, e o fogo, e a seta, e o punhal  
Uma bela mulher é uma arma fatal.

Só a ciência, o estudo e a velhice sagaz  
Contra a mesma sustentam o escudo tenaz.”

Aristóteles vai meditar no pomar —  
Eis que Aglaia se achega com fogo no olhar,

Esta Aglaia, de quem a beleza sem par  
Exaltavam na terra, nos céus e no mar.

Com sua língua afiada e o capricho mordaz  
De intinitas diabruras ela era capaz.

Aristóteles bem a beldade fitou,  
Ao passar junto dela, até o chão se inclinou

E lhe disse: “Felizes que podem te ver,  
A teus pés eu coloco meu todo saber.

Se cederes ser minha um instante sequer,  
Peça tudo de mim que teu peito quiser.”

Um sorriso responde: “É uma honra que enfim  
Repousaram teus olhos preclaros em mim.

Toda a Grécia te exalta, feliz, sem parar,  
A teu gênio nada eu posso negar.

Eu sou tua. Dispõe-se de mim, meu amor,  
Só que em troca te peço um pequeno favor:

No teu dorso uma hora me deixa montar  
Pelos tortos caminhos no umbroso pomar.”

E o sábio sorriu: “Caprichosa mulher!  
Prometi-lhe. Não posso mais retroceder.”

E despiu a clâmide, as costas curvou,  
Seus olhos Aglaia com um lenço velou  
E incitando-o com vara, no sábio montou.

Rastejando este chega à clareira, sem ver  
Alexandre e a corte que em doce lazer

Fazem mentes sorrir, alegrar corações  
Entre liras, poemas, cirandas, canções.

Eis Aglaia exclama com língua de mel:  
“Anda, corre depressa, meu burro fiel!”

E no centro da corte real o conduz,  
Pula, tira o véu... e derrama-se a luz

Nos olhos do sábio... Sob os raios do céu  
Nunca antes havia semelhante escarcéu!

Aristóteles, sábio da mente veloz,  
Esta máxima para Alexandre compôs:

“Mais que a espada, e o fogo, e a seta, e o punhal  
Uma bela mulher é uma arma fatal.

Nem a ciência, o estudo e a velhice sagaz  
Contra a mesma sustentam o escudo tenaz,

E só aquele que cego ou morto já for  
No combate com ela será vencedor.”

IVÁN FRANKÓ, SELEÇÃO DE OBRAS, Nova York — Paris, 1956.

## POESIA

Borys Ghríntchenko

BORYS GHRÍNTCHENKO (1863-1910) viveu em Kharkiw e Kyiw, sendo durante 20 anos o centro da vida literária e nacional e agrupando em torno de si poetas-idealistas. Obras: SOB O CÉU NUBLADO (1894), CANTOS E BALADAS (1895), FÁBULAS (1895) e outras. Além da lírica, Ghríntchenko escreveu dramas, comédias, romances; era notável tradutor e etnógrafo. Sob sua redação saiu o maior DICIONÁRIO DA LÍNGUA UCRANIANA.

Pássaros cantam, abrem-se as flores:  
Sua beleza o olor derrama;  
E lá no vale dançam os burros,  
Pisando flores junto com grama.

Indiferentes ao canto-encanto,  
Com seu capim, também, comem flores...  
Fogem as aves com poesia  
Em suas asas multicolores.

BORYS GHRÍNTCHENKO, POESIAS, Kyiw, 1965

## A BATALHA

### Fragmento

OLGHA KOBYLANSKA (1863-1942) nasceu na região de Bucovina. Educada dentro do espírito alemão, começou a escrever nesta língua, passando em 1886 a escrever em ucraniano. Serviu-lhe de tema, principalmente, a luta pela emancipação social e pela cultura da mulher. As melhores obras de Kobylanska são os romances: A PRINCESA (1895), DOMINGO DE MANHÃ (1909), ATRAVÉS DA PINGUELA (1912) VASSYLKA (1923). A novela A BATALHA é uma espécie de idílio e foi escrita sob a impressão do derrubamento das belas florestas de Bucovina, em 1895.

Quando eles chegaram ao largo vale após a longa e exaustiva viagem pela mata cerrada, divisaram as choupanas aqui e ali. Achavam-se umas espalhadas nas montanhas, outras mais abaixo e, finalmente, as últimas mostravam-se à beira da estrada que levava à aldeia. A estrada emparelhava-se, não se sabe como, à via férrea e dela não se afastava mais. As cabanas eram pequenas, cobertas de ripas ou de tábuas firmadas, às vezes, por pedras.

O maquinista fez parar o trem junto a um albergue que aparecia à beira da ferrovia. Ia levar uns estrangeiros e os trabalhadores que lá o esperavam. Os moradores do lugar começaram a surgir também por ali.

Eram ghutsulos<sup>1</sup>).

Altos e fortes, com fisionomias de traços eslavos, em trajes pitorescos, lá se achavam sentados ou deitados. Uma mulher ainda jovem, com o rosto de traços ingênuos, um pouco marcados pela vida, mas ainda belo, trajando segundo o costume de seu povo, rica e coloridamente; fumava um pequeno cachimbo, olhando com indiferença à sua frente, sem dar atenção ao grupo de estrangeiros que a devorava com os olhos. Seus companheiros, homens de estranha beleza, esguios como pinheiros flexíveis, encontravam-se dentro da casa nas posturas mais cômodas deste mundo. Seus trajes não eram menos originais: calças vermelhas, uma camisa branca bordada e um curto casaco de pele, também ricamente bordado. Usavam largas cintas coloridas, enfeitadas com detalhes e diferentes botões brilhantes; pequenos chapéus pretos ornados com penas de pavão completavam a indumentária.

Havia festa, e eles vieram para dançar. Dois deles tocavam nos violinos a koloméyka<sup>2</sup>). Outro, deitado num banco, olhava pela janela aberta o espaço com os olhos cheios de sonhos indefiníveis. Todos se deixavam observar sem se sentirem de maneira alguma molestados, como acontece às crianças. Eles, porém, não demonstravam interesse algum pelos viajantes estrangeiros que uma vez por ano apareciam naquela região, nem por quaisquer outras coisas. Todos os seus vizinhos se alvoroçavam à cada chegada do trem, mas eles mal viravam a cabeça para aquele lado. Era-lhes uma coisa indiferente, não lhes dizia respeito, nada tinham com isso. Era como se pertencessem a outro mundo e tivessem tão pouco contato com estas coisas como as nuvens do céu. Os troncos das árvores enormes, amarrados com correntes de ferro e que eram conduzidos para o vale, estes sim, assemelhavam-se mais a eles. Como as árvores, também eles cresciam harmoniosamente em sua beleza, sem serem perturbados em seus costumes. Nos cumes orgulhosos, em solitários recantos, viviam sua vida, sem senhores e sem servos. Não possuíam instrução nenhuma, de tal modo que causava estranheza e pena, inatingíveis para a grandeza da civilização, cujos progressos enfrentavam com um riso infantil nos lábios.

Assim eram esses filhos da floresta que, por preço nenhum, auxiliariam na derrubada dos gigantes da sua altura!

— A que fé pertenceis? — perguntavam desconfiados àqueles que haviam vindo contar o lucro da batalha. E assim indagando, franziam as testas, ameaçadores, apertando nas mãos as machadinhas... Quando pela primeira vez viram o trem, persignaram-se e cuspiram. Havia naquilo, de certo, uma força impura e não queriam ter nada em comum com aqueles que dirigiam tais coisas. Mantiveram-se fora daquele negócio, e entre os numerosos empregados que se empenhavam na batalha, não havia um só ghutsulo.

— Cortai vós mesmos aquilo que Deus criou e deixai-nos em paz! — respondeu um, cheio de ódio, quando foram chamados para ajudar na derrubada das árvores. E deixaram-nos em paz. As florestas e as montanhas eram o seu mundo, e só lá eles amadureceriam plenamente. Como belas flores coloridas, chamejavam eles por entre o verde das árvores, ou voavam montados em ligeiros cavalos de crinas espessas, cujo cuidado era sua ocupação predileta.

Pelas matas ecoavam seus cantares tristonhos... Como esta gente se parecia com as árvores!

Quando o trem partiu novamente e começou a correr cada vez mais rápido, os que se achavam no último vagão viram, pelas janelas abertas e através da porta do albergue, homens e mulheres dançando numa grande roda com selvagem entusiasmo. Quadro inesquecível, fugidio como um relâmpago, mas tão nítido!

Uma melodia simples de dois violinos incitava-os a tal ardor. Dançavam dominados por um dinamismo, um arrebatamento sem limites. Suas roupas e lenços de cabeça esvoaçavam com os rodopios. Lançavam, às vezes, gritos de alerta, de um júbilo quase agreste. Era como se nesta dança estivesse contida toda felicidade e quisessem saciar-se dela para a vida inteira!

Os outros agrupavam-se à frente da casa, ou deitavam-se fumando cachimbos curtos, estendendo-se junto aos cavalos selados. Tinha-se a impressão que a casa com toda sua riqueza de cores e abundância de vida voava com o trem. Uma bela mulher, uma viúva provavelmente, galopava montada num potro selvagem. Um enxame de jovens, também em fúria, voava ao seu alcance. Ela, porém, não se deixava alcançar. Virando a cabeça para vê-los, com as mãos abertas, deixava as rédeas soltas e ria despreocupadamente! Eles ainda não haviam estremecido com a visão daquele fantasma sibilante e inimigo que trazia consigo a luz mas, também, uma tristeza sem nome. Ainda não conheciam, nem mesmo em sonhos, aquela saudade profunda e destruidora com seu doentio sorriso nos lábios e que só o “progresso” e a civilização podem produzir. Viviam dia por dia sem se preocupar com o futuro e com sua desesperança. Seus desejos eram simples e transparentes: o brilho do sol e o céu azul formavam a base de toda sua felicidade...

OLGHA KOBYLANSKA, OBRAS, Kharkiw, 1925

1) Ghutsulos — habitantes dos Cárpatos.

2) Koloméyka — dança ligeira.

## Fragmentos

MYKHÁILO KOTSIUBYNKY (1864-1913) nasceu na cidade de Vynnytsia, filho de um funcionário público. Excluído do Seminário Maior em 1881, continuou seus estudos como autodidata, prestando exames para professor dez anos mais tarde. A partir de então, exerceu cargos de professor, redator, funcionário público etc., sempre suspeito pela polícia czarista russa como "indivíduo de pouca confiança". Começou a escrever novelas e narrativas sob a influência de Iván Netchúy-Levytsky, tornando-se escritor de primeiro plano. Apaixonado pela vida, o autor detestava tudo o que era banal, desarmonioso e cruel. Em suas obras, Kotsiubynsky revela-se impressionista. Há ocasiões em que seu personagem principal é a paisagem. Como ninguém, Kotsiubynsky recriou no seu livro AS SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1911) o mundo encantado dos Cárpatos, com toda a sua beleza natural e demonologia fascinante. Outras obras: EM LAÇOS DE CHAITÁN (1889); HUMANAMENTE (1900); DUELO E CONTOS (1903); AO MUNDO PECADOR (1905); INTERMEZZO (1908); ESTRÉIA (1911), NA ILHA (1912).

## Personagens:

Meu tédio.

Os campos em julho.

O sol.

Três mastins brancos.

O cuco.

As cotovias.

A mão férrea da cidade.

A desgraça humana.

Meus dias fluem agora por entre a estepe, no meio do vale repleto de cereais ainda verdes. Intermináveis caminhos ocultos, íntimos, percebidos somente pelos que lhes estão muito próximos, me guiam pelos campos, e os campos rolam e rolam em ondas verdes que se espraiam até os confins do céu. Possuo agora um mundo à parte que é como uma concha, as duas metades reunidas: uma verde, a outra azul, fecham dentro de si o sol como uma pérola. Ando e busco o silêncio. Caminho. Uma nuvem de pequenas moscas atrás de mim voa sem me abandonar. Imagino que sou um planeta com seus satélites. Vejo as arfantes asas do corvo cortarem o céu em duas partes. O céu torna-se então mais azul ainda, as asas mais negras.

No céu, o sol; nos campos, eu. Ninguém mais. Caminho. Acaricio com a mão os pelos castorinos da cevada, as ondas sedosas das espigas. O vento me açoita os ouvidos com farrapos de sons num murmúrio desordenado. Está tão quente, tudo tão inquieto que as aveias de cristas argentinas fervem. Enquanto eu avanço, elas fervem. Silenciosamente, como um riacho azul, o linho corre, — tão silencioso, tão calmo entre as margens verdes, que dá vontade de sentarmo-nos num barco a navegar. Mais além, a cevada curvou-se e tece... tece com seus finos cabelos uma musselina verde. Continuo. Tudo tece. A musselina ondula. Os sulcos arrastam-se como serpentes, profundamente nos centeios. Os olhos não os vêem, só os pés os encontram. As centáureas cheirosas miram o céu. Desejaram ser como o céu e assim ficaram. Agora é o trigo. As espigas duras, sem praganas, batem pelas mãos, os talos rastejam aos pés. Avanço. Tudo é trigo e mais trigo. Onde terminará? Os trigais correm ao vento como um bando de raposas, e seus dorsos ondulantes brilham ao sol. E eu, sem cessar, caminho solitário pela terra como o sol pelo céu. Sinto-me tão bem assim porque não cai entre nós a sombra de um terceiro. A maré cheia das espigas passa por mim em direção ao desconhecido. Paro por fim. Prende-me a branca espuma do trigo mourisco, cheirosa e leve, como que batida por asas de abelhas. A

meus pés estendeu-se a sonora harpa soando com todas as cordas. Detenho-me a escutar.

Só agora é que reparei na aldeia: um pobre punhado de telhados de colmo. Quase passa despercebida. As mão verdes estenderam-se até as casas, sufocando-as. Ela ficou envolvida pelo campo como uma mosca numa teia. Diante daquela força, que representam estas cabanas? Nada! O que é um homem para ela? Nada! Eis que uma coisinha branca saiu para o campo e submergiu nele. Grita, canta, agita-se? O infinito silêncio dos espaços engoliu tudo. Nada, novamente. Até as pegadas dos homens são apagadas e encobertas: o campo ocultou os sulcos e os caminhos. Só ele rola e rola suas ondas verdes que se espraiam até os confins do céu. Sobre as coisas todas reina um rítmico murmúrio, surdo, calmo, seguro de si, como o pulsar da vida. Como as asas daqueles moinhos que enegrecem o campo, indiferentes, sem cessar, fazendo um círculo no ar como a dizer: assim será sempre... assim será sempre... in saecula saeculorum... in saecula saeculorum...

INTERMEZZO, Augsburg, 1946

## Fragmentos

Nesta obra, escrita no ano de 1911, o autor recria a vida e as crenças dos habitantes dos montes Cárpatos, os ghutsulos.

Na Vigília de Natal, Iván sempre ficava numa estranha disposição de espírito, como se tudo fosse cheio de coisas misteriosas, sagradas. Fazia tudo com solenidade, como se estivesse a celebrar Missa. Acendia para Palaghna o fogo vivo, destinado a preparar a ceia, punha feno em cima e embaixo da mesa, e ao mesmo tempo, com toda unção, mugia como uma vaca, balia como uma ovelha e relinchava como um cavalo, para que o gado se multiplicasse. Incensava a casa e os redís para afugentar as feras e as bruxas, e quanto Palaghna, vermelha de tanta agitação, proclamava finalmente que todos os doze pratos se achavam prontos, ele levava primeiro a ceia para o gado. Este tinha de experimentar em primeiro lugar os gholubtsí<sup>1</sup>), as ameixas-passadas, a fava e a kutiá<sup>2</sup>), preparados cuidadosamente por Palaghna para Iván. Mas isso ainda não era tudo. Era mister convocar para a ceia santa todos os poderes inimigos, dos quais ele se protegia a vida inteira. Tomava em uma das mãos a comida numa tigela, na outra segurava uma machadinha e saía. As montanhas verdes, envoltas em capas de neve, escutavam com atenção o tinido de ouro das estrelas no céu. A geada reluzia como um gládio de prata, cortando os sons no ar, e Iván estendia a mão para aquela solidão aprisionada pelo inverno e convidava para sua santa ceia todos os feiticeiros, bruxos, magos, lobos silvestres e ursos. Convidava a tempestade para que esta gentilmente viesse degustar as comidas abundantes, a aguardente, a sua santa ceia; porém todos continuavam desatentos, ninguém aparecia, apesar de Iván invocá-los por três vezes. Então, ele os esconjurava para não mais aparecerem e depois suspirava de leve.

Palaghna esperava em casa. O fogo, deitado no forno, cansado, cochilava em brasas, as comidas repousavam sobre o feno. A paz do Natal se espalhava vinda dos recantos escuros. A fome os impelia, mas eles não tinham coragem ainda para sentar-se. Palaghna olhou o marido e, de acordo, eles curvaram os joelhos, pedindo a Deus que Ele permitisse que da ceia se aproximassem almas desconhecidas de todos, almas que se perdem não se sabe onde, mortas pelas árvores na floresta, mutiladas pelos caminhos, afogadas pelas águas. Ninguém se lembra delas ao levantar-se nem ao deitar-se, e aquelas pobres almas permanecem no duro inferno, esperando a Vigília de Natal.

Enquanto rezavam, Iván tinha certeza de que atrás dele Maritchka chorava, curvando-se, e que as almas invisíveis dos que haviam morrido inesperadamente assentavam-se nos bancos.

— Assopra antes de sentar-te! — ordenou Palaghna a Iván.

Ele sabia disto sem que ela precisasse dizer-lhe. Soprou com cuidado seu lugar no banco, para que não acontecesse perturbar alguma alma, e sentou-se para ceiar...

Na Vigília de Ano Bom, era o próprio Deus que visitava o gado no cercado. No alto dos céus, as estrelas brilhavam claras, a geada crepitava irritada, e Deus, grisalho, ia descalço sobre a neve macia, abrindo silenciosamente a porta do redíl.

Acordado durante a noite, Iván escutava e parecia ouvir uma voz bondosa que perguntava ao gado:

— Estás bem alimentado e dão-te bastante de beber, ó gadinho? O teu dono cuida bem de ti?

As ovelhas baliavam com alegria, as vacas mugiam satisfeitas; o dono cuidava bem delas, dava-lhes de beber, com toda a consciência alimentava-os e hoje até escovara-lhes os pelos. Agora, era certo, que o Senhor Deus iria presenteá-lo com novas crias.

E Deus lhe concedia novas crias, mesmo. As ovelhas pacificamente geravam cordeirinhos; as vacas, felizes, pariam.

Palaghna estava sempre preocupada com suas superstições. Acendia uma fogueira no meio do gado, para torná-lo lustroso e belo como a luz sagrada, para que o Maligno não se aproximasse dele. Ela fazia tudo o que sabia para que o gado fosse tão manso como a raiz no solo, tão abundante de leite como os riachos de água. Ela lhe falava com doçura:

— Há de alimentar-me, a mim e ao meu senhor, e eu te respeitarei, para que durmas um sono leve, para que não te queixes mugindo, para que a feiticeira não saiba onde passas a noite e onde descanças, para que ninguém te deite mau-olhado.

Assim a vida passava — a do gado e a dos homens; as duas se fundiam como duas fontes das montanhas se fundem num mesmo riacho.

Era um dia quente... Da terra subia a evaporação, do Monte Negro as nuvens corriam sem cessar, e as chuvas se derramavam iluminadas frontalmente pelo sol. Estava tão abafado que Palaghna, por preço nenhum, subiria ao alto da montanha, se não houvesse tido um sonho que pressagiava mal ao gado. Queria visitar as vacas na mata. Em redor, as montanhas fumegavam na nebiina, como se estivessem a ferver, e os riachos a evaporar. O rio Tcheremóch marulhava lá em baixo. Seu leito duro, entre os rochedos, fazia-o saltar de pedra em pedra. Mal Palaghna conseguira atingir o cume, quando do Monte Negro chegou o vento agitando as asas, sacudindo as árvores.

“Tomara que não venha tempestade”, pensou ela e virou-se de face contra o vento. Pois sim, era isso mesmo... Lá estava a pesada nuvem plúmbea roncando. Parecia que o próprio Monte Negro se erguia para o céu, preparando-se para cair sobre a terra, esmagando tudo. O vento corria à sua frente empurrando os pinheiros, e os montes e vales tornaram-se negros de repente, como depois de um incêndio. Nem se podia pensar em ir adiante. Palaghna abrigou-se sob a tenda de um pinheiro. Este rangia. Ao longe rolava surdamente o trovão. As sombras corriam ligeiras pelas montanhas, borrando as cores, e altas árvores nos cumes distantes inclinavam-se até o chão.

“Tomara que não caia granizo”, Palaghna pensou temerosa e abotoou bem o casaquinho.

Acima de sua cabeça já bramava a tempestade. Lá, no Monte Negro, feiticeiros cortavam o gelo nos lagos congelados, e as almas dos suicidas e dos condenados juntavam rapidamente aquele gelo todo em sacos e voavam com ele pelas nuvens para espalhá-lo sobre a terra.

“Pronto, acabou-se o feno. Vão cobrir tudo de gelo, e o gado vai chorar faminto”, pensou amargamente. Mas nem terminou o pensamento e já o raio caiu. As montanhas vacilavam, as árvores inclinavam-se para a terra, erguiam-se, e tudo turbilhonava ao vento. Palaghna mal conseguiu agarrar-se a um tronco de árvore quando, através da bruma, viu um homem escalando a montanha. Lutando contra o vento, escanchava as pernas, segurava-se às rochas com as mãos e, com esforço, subia cada vez mais alto. Já estava perto, curvou-se, correu e por fim alcançou o cume. Palaghna reconheceu Yura.

“Ele veio de certo por minha causa”, assustou-se Palaghna. Mas Yura nem a viu.

Ele postou-se em face da nuvem, uma perna adiante da outra, juntando as mãos no peito. Deitou o pálido rosto para trás, encarando a nuvem com olhos sombrios. Permaneceu longo tempo assim. A nuvem avançava sempre em sua direção.

De súbito, num gesto brusco, ele atirou o chapéu de palha ao chão. O vento carregou-o no mesmo instante lá para baixo e mergulhou nos compridos cabelos de Yura. Então, este ergueu para a nuvem o cajado que tinha nas mãos e gritou à massa de chumbo que bramia:

— Pára! Não te deixo ir adiante!...

A nuvem hesitou um instante e enviou como resposta uma flecha de fogo.

— Ai!— Palaghna cobriu os olhos com a mão, enquanto as montanhas tombavam em pedaços. Yura continuava seguro como antes, e os cachos de cabelo se lhe enroscavam na cabeça como serpentes no ninho.

— Ah! Ah! É assim que fazes!—gritou à nuvem. —Vou esconjurar-te, então! Eu vos esconjuro, trovões grandes e pequenos, chuvas e chuvaradas! Eu te ordeno, ó saraiva, que vás para o lado esquerdo, sobre as matas e as águas... Vai-te, espalha-te com o vento pelo mundo!... Acalma-te! Que aqui não tenhas mais poder!

Mas a nuvem apenas piscou desprezivelmente com sua asa esquerda e principiou a dirigir-se para a direita, em direção aos prados.

“Que desgraça!” Palaghna torceu as mãos. “Vai dar cabo do feno!...”

Porém Yura não pensava em render-se. Apenas empalidecera ainda mais e seus olhos se tornaram ainda mais escuros. A nuvem virava à direita, ele também; ela ia para a esquerda, — e ele atrás. Corria junto dela lutando contra o vento, bracejava, ameaçando com seu pequeno cajado. Serpenteava como uma enguia na montanha, compelindo a nuvem a voltar, guerreando-a, barrando-lhe o caminho... Ainda um pouco, ainda deste lado... Sentia força dentro do peito, lançava trovões pelos olhos, erguia sua mão e a esconjurava. O vento rasgava-lhe o casaco, chicoteava-lhe o peito, a nuvem rosnava, retumbava com seus trovões, cegava-lhe os olhos com a chuva, tremia acima de sua cabeça, pronta a cair, e ele, banhado de suor, mal respirando, atirava-se loucamente pelo cume, temendo perder o que lhe restava de vigor. Sentia-se enfraquecido, um vazio no peito, o vento arrancando-lhe os cabelos, a chuva se despejando dentro dos olhos, a nuvem vencendo, e com um último esforço ergueu para os céus seu curto cajado:

— Pára!

E a nuvem, de súbito, parou. Levantou, surpresa, suas franjas, apoiou-se como um cavalo sobre as patas traseiras, esbravejou com uma ira interior, com o desespero da fraqueza, implorando agora:

— Deixa-me! Para onde irei?

— Não deixarei!

— Deixa, pois sucumbimos! — exclamaram tristonhas as almas, curvadas sob o peso dos sacos repletos de granizo.

— Ah! Agora pedes!... Eu te esconjuro: vai para as profunduras, para os abismos, onde não penetra o relinchar dos cavalos, o mugir das vacas, o balir das ovelhas, onde o grasnar dos corvos não chega, nem se ouve voz cristã... Lá eu te deixo ir...

E, coisa estranha, — a nuvem se rendeu, mansamente deu volta à esquerda e despejou seus sacos sobre o rio, cobrindo com granizo denso suas margens de seixos. Uma cortina branca envolveu as montanhas; no vale profundo algo pôs-se a bramar, a se quebrar, zunindo surdamente. Yura caiu por terra respirando pesadamente.

E quando o sol rasgou a nuvem e as verdes relvas puseram-se a sorrir, Yura viu, como num sonho, Palaghna correr em sua direção. Resplandecia toda, amigável como o sol, e se curvou sobre ele com uma pergunta cheia de preocupação:

— Não te aconteceu nada de mal, Yurtchyk?

— Nada, Palaghna minh'alma, nada. Veja! Eu espantei a tempestade... —

E estendeu-lhe os braços.

Assim Palaghna se tornou amante de Yura.

AGATANGHEL KRYMSKY (1871-1942) nasceu em Volodymyr Volynsky. Estudou em Kyiw e Moscou. Esteve dois anos na Síria. Depois começou a colaborar com várias revistas ucranianas. Separadamente apareceram as obras: PARA O POVO (1892), NO ABRAÇO DO IRMÃO MAIS VELHO (1892), CONTOS E ESBOÇOS (1895), CONTOS DE FADAS POPULARES (1898), RAMOS DE PALMEIRA (1901), ANDRY LAGHÓWSKY (1905) e outras, como a GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA UCRANIANA e cerca 200 ensaios. Enriqueceu a poesia ucraniana pelos temas exóticos.

Quando Deus outrora fez o ser humano,  
Misturou com água o ressequido barro.  
Mas chegou o diabo e amassou depressa  
Lágrimas que marcam nossa natureza.

Nós daí sofremos mágoas e saudades...  
A única receita, para que se calem,  
É deixar os olhos que transbordem, chorem,  
Lágrimas vertendo e derramando dores.

Mas esta receita para mim não serve,  
Não conheço choro, só a alma dolente...  
A alma se consome, restam olhos secos,  
Coração em cinza recusa o remédio.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

VASSYL STEFANYK (1871-1936) foi filho de camponeses, nasceu na aldeia de Russiw, na Galícia. Tendo concluído o curso secundário, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Cracóvia. Em lugar de dedicar-se, porém, às matérias próprias ao estudo que fazia, entusiasmou-se pela literatura, sonhando ser escritor e tornar-se defensor da pobre classe rural. Em 1900, interrompeu os estudos de Medicina e dedicou-se à agricultura e às atividades político-sociais: de 1908 a 1918 foi deputado pela Galícia no Parlamento Austríaco. Autor de Coletâneas: CAMINHO (1901); FOLHAS DE BORDO (1904); MINHAS PALAVRAS (1905); CONTOS (1905); TERRA (1926). Sua linguagem é intensa, chegando a ser violenta, criando imagens de grande força e de estranha beleza, marcando o escritor como expressionista. Ele se revela psicólogo da aldeia no Oeste da Ucrânia, com seus habitantes trágicos, omitidos pelo destino. Suas histórias apresentam quadros de morte ou da sua espera torturante, na miséria e na solidão mais profunda. Stefanyk escreveu no dialeto da sua província.

O Fio é um conto de caráter autobiográfico, escrito em homenagem à mãe do autor que morreu cedo

A casa em silêncio. As janelas negras. O ícone de Nossa Senhora mal iluminado. No canto, a roca.

O marido dela, Semén, que ali dorme, ainda lhe quer bem. Ao lado dele, estão Maria e Vassyl. Junto dela um berço com Yurkó, o caçula. Quadros de santos nas paredes e uma grande alegria no peito, porque ela ama e é amada.

A casa está limpa, pode se sentar para torcer o fio.

“Ele está forte, ainda terei filhos.”

“A quantos filhos tiver, a tantos ele dará o que comer.”

“Tenho que cobri-los, amá-los e trabalhar para eles.”

“O fio é comprido, muito comprido, sem fim. Ninguém jamais terminou o fio. Tenho que os vestir, porque Deus m'os deu para amá-los. Quero que meu marido sinta no seu corpo os meus dedos, todos os dez. E Maria deve estar bem vestida para a Páscoa. Os meninos rasgarão tudo, pois sabem que a mãe coserá de novo.”

O marido dorme como uma pedra. Maria descobriu-se e Yurkó, no berço, ficou inquieto. Cobriu-os e deitou-se com os seios perto de Yurkó.

Os fusos, os pontos e o fio liso, interminável...

“Primeiro fiarei para eles, depois lavarei o linho, para torná-lo branco como papel, e bordarei tudo.”

“Então, olharei pela porta o meu marido e os meus filhos. Todos eles são meus, enquanto andam sob o sol.”

À meia-noite enfraquecem os olhos, os dedos tornam-se insensíveis, mas é preciso continuar a torcer o fio. E ela, com seu corpo jovem, inclina-se para a roca.

“Não posso enfraquecer, pois eles esperam por mim, todos estes que dormem aí. Tenho de fiar assim até o fim.”

A Mãe de Deus desceu do quadro para ajudá-la. Mas não quis fazê-lo por muito tempo. Chegou uma noite e disse:

— Não te ajudarei mais. Vem comigo.

Naquela cabana trepada no morro estava deitada a velha, de costas como um besouro. Um saco sob o dorso e um travesseiro sujo e duro embaixo da cabeça. Junto à velha, estavam no chão um pedaço de pão e uma jarrinha com água. Os filhos, indo para o trabalho, tinham-lhe deixado estas coisas, pois precisava de comer e de beber. Havia pobreza, não tinham coisa melhor para lhe dar. E ficar com a doente em tempo de colheita, Deus bem via que não era possível.

Na cabana, as moscas zumbiam. Pousavam sobre o pão e comiam, entravam na jarrinha e bebiam. Quando ficavam satisfeitas, sentavam-se na velha. Iam aos olhos, entravam na boca. A velha gemia, mas não podia afugentá-las. Deitada no chão, olhava com vista embaçada a cruz cortada na viga mestra. Seus lábios queimados com dificuldade se abriam como um rasgão, e com a língua branca ela os umedecia.

Pelas vidraças entrava o sol, as cores do arco-íris brincavam na face enrugada. Era terrível olhar para a velha a uma luz assim. As moscas zumbiam, os raios multicores andavam com as moscas por sobre a velha que mexia com os lábios e mostrava a língua branca. O casebre parecia um covil maldito com uma grande pecadora que estivesse sofrendo desde os começos do mundo e devesse sofrer até o fim dos tempos.

Quando o sol desceu até tocar seus pés e parou diante do barbante que amarrava a boca do saco, a velha começou a rolar pelo chão, procurando a jarrinha.

— Lá, lá!

A velha ficou quieta. Com as mãos, afugentava as visões.

De baixo do forno, saiu o diabo com uma cauda longa e sentou-se a seu lado. Com dificuldade ela virou-lhe as costas. O diabo sentou-se de lado à sua frente. Tomou a cauda na mão e acariciou-lhe a face com ela. A velha só piscava os olhos, apertando os dentes. Do forno, ergueu-se uma revoada de diabinhos. Pairavam por cima da velha como gafanhotos sob o sol, ou como um bando de corvos sobre uma floresta. Depois atiraram-se a ela. Entravam nas orelhas, na boca, assentavam-se-lhe na cabeça. A velha se defendia. Juntava o polegar e o dedo médio, queria levá-los à frente para benzer-se. Mas todos os diabinhos pousavam em sua mão e não a deixavam fazer o sinal da cruz. O velho diabo com acenos lhe dizia que não se esforçasse em vão.

A velha lutou por muito tempo, mas não pode persignar-se. Por fim, o diabo abraçou-a pelo pescoço e gargalhou de tal maneira que a velha se ergueu bruscamente sobre os joelhos e tombou com a face voltada para a janela. Dali voavam cavalheiros sobre ela. Com jalecos verdes, cachimbos entre os dentes, em cavalos vermelhos. Já chegavam. Amém para a velha!

Fechou os olhos. O chão se rompeu. Ela rolava pela brecha abaixo, cada vez mais fundo e mais rápido. Lá no fim, o diabo agarrou-a, meteu-a às costas e se pôs a voar como o vento. A velha atirou-se, bateu com a cabeça contra a mesa.

O sangue correu, a velha choramingou e morreu. Deixou cair a cabeça junto ao pé da mesa e ficou olhando de lado a casa com os olhos rijos, abertos. Os capetas deixaram de fazer diabruras; só as moscas lambiam o sangue com gosto. Ensanguentavam as asinhas, e havia sempre mais moscas vermelhas pela casa. Pousavam nos negros potes junto ao forno, nos pratos das prateleiras, onde estavam pintados cavalheiros com jalecos verdes, cachimbos entre os dentes. Espalhavam por toda a parte o sangue da velha.

MYKOLA VORONY (1871-1942) nasceu em Katerynodár. Estudou em Kharkiw e Rostov. Por razões políticas foi preso pelo regime czarista. Mais tarde viajou para o exterior, estudando em Viena e Lwiv, tornando-se, em seguida, diretor de teatro em Ternopil. Trabalhou também em Varsóvia como jornalista. Novamente em sua pátria, dedicou-se à poesia e crítica teatral. Na literatura, Vorony traçava primeiramente a linha romântica, transformando-se aos poucos num realista de cunho filosófico. Obras: POESIAS LÍRICAS (1911); NO RAIAR DE SONHOS (1913); POESIAS (1920) e outras.

Quando faltava no mosteiro o pergaminho,  
Monges lavavam os escritos mais antigos,  
Para escrever um salmo ou um coral.  
Era chamado “palimpsesto” o escrito novo;  
Mas com o tempo, aparecia, milagroso,  
Um Aristófanés das páginas de João.

Oh, minha amada! Há três anos, em verdade,  
Carrego na alma escrita tua doce imagem:  
Teu gesto, teu sorriso, tua voz.  
Minh'alma se parece com o palimpsesto:  
Embora o tempo tenha escrito um outro enredo,  
Ressurge agora novamente meu amor.

MODERNA POESIA UCRANIANA, Philadelphia, 1950

LÉSSIA UKRAINKA (1872-1913), a maior poetisa ucraniana, era filha da poetisa Olena Ptchilka (pseudônimo de Olgha Kossátch, irmã do sociólogo e historiador Mykháilo Draghomanow). Nasceu em Novoghrád Volynsky. Possuía uma vasta cultura proveniente da atmosfera na casa paterna; interessava-se pela história, música e línguas; conhecia onze idiomas e dedicava-se à tradução. Começou escrever poesias ainda em criança. De corpo fraco (sofria de tuberculose óssea que se transferiu depois aos órgãos internos), era de espírito forte. Por razões de saúde viajou à Criméia, Áustria, Alemanha, Itália, ao Cáucaso e Egito. Criou poesias líricas, poemas e peças dramáticas, nas quais se unem a ternura com o heroísmo viril, razão pela qual foi denominada pelos contemporâneos, naquela época de poesias sentimentais, "o único homem da literatura ucraniana". Depois da dolorosa experiência de um amor trágico por Serghy Merjynsky, a quem cuidou até a morte em Minsk, casou-se com K. Kvitka e manteve uma bela amizade com a escritora Olgha Kobylanska. Suas obras são escritas na mais alta temperatura emotiva. As idéias lutam com idéias como espadas batem contra espadas: o pensamento aparece nitido, com altivez idealista. CATIVEIRO BABILÔNICO (1903); NAS RUÍNAS (1904); CONTO DE FADAS DE OUTONO (1905); EM CATACUMBAS (1905); CASSANDRA (1907); JOANA, A MULHER DE KHUS (1909); INSPIRADA (1909); NO CAMPO DE SANGUE (1909); CANTO DE FLORESTA (1911); ADVOGADO MARTIAN (1911); ANFITRIÃO DE PEDRA (1912); ISOLDA DE MÃO BRANCA (1912); ORGIA (1913) e outras obras.

Era a noite a surgir, feiticeira:  
Uma larga cobertura tranqüila  
Sobre a vila se vinha deitar.  
Acordava uma estrela pioneira  
Como um cisne que na onda cintila  
A branca asa agitando no mar.

Com aquele luzeiro, violento,  
Resvalando em angústia, triste  
Debatia-se meu coração.  
Eu cansei do combate sangrento.  
Desejei entoar, como o cisne,  
Minha só derradeira canção.

LÉSSIA UKRAINKA, SELEÇÃO, Kyiw, 1954

Se todo meu sangue escorresse assim  
como estas palavras! Se a vida passasse  
como a luz vespertina que desaparece  
desapercebida... Pois quem colocou  
a mim como a guarda no pranto e ruína?  
E quem obrigou a aliviar os que vivem  
no caleidoscópio da dor, da alegria?  
Quem foi que plantou no meu peito o orgulho?  
Quem me fez empunhar a espada cortante?  
Quem, ostentando a sagrada auriflama  
de cantos e sonhos e a mente rebelde  
deu a ordem suprema: “Não largues tua arma,  
não cedas, não caias, não canses jamais!”?  
Por que eu obedeço o estranho mandato,  
não ousou deixar esse campo de honra  
ou sobre a espada cair com meu corpo?  
O que não permite dizer simplesmente:  
“Eu cedo. Destino, tu és o mais forte!”  
Por que, ao lembrar as humildes palavras,  
aperto meu gládio invisível no punho  
e gritos guerreiros ressoam no peito?...

LÉSSIA UKRAINKA, SELEÇÃO, Kyiv, 1954

“Eu sou o rei dos reis, filho do Sol.  
Fiz este monumento — meu sepulcro —  
Para que os povos todos glorifiquem  
E lembrem pelos séculos afora  
O nome de...” e as letras destruídas.  
Ninguém entre os mais sábios descendentes  
Conhecerá seu nome tão soberbo.  
Quem o desfez? O gesto dum rival?  
A mão do tempo sempre soberana?  
Ninguém o sabe... Com desenho estranho  
Palavras cinzeladas ao redor  
Narram a glória desse rei sem nome.  
Afrescos contam seus famosos feitos:  
Ei-lo sentado no seu alto trono,  
Os povos subjugados vêm trazendo  
Presentes ricos, inclinando fronte,  
Enquanto o rei — um ídolo de pedra —  
Repousa sob os leques coloridos,  
Lembrando seu semblante o rei Tutmês,  
O rei Ramsés e todos os tiranos.  
Assim, pelos cabelos ele agarra  
Um grupo de rebeldes, e sua mão  
Toma ímpeto com encurvado alfange.  
E seu semblante lembra o rei Tiraca,  
O rei Menepta e todos os tiranos.  
Com tal semblante vai caçar leões,  
Apanha os leviatãs e mata as aves,  
Cavalga pelos corpos dos guerreiros,  
Alegra-se nos seus haréns festivos,  
Envia os pobres súditos à guerra  
E manda o povo ao trabalho duro,  
Este trabalho egípcio, tão terrível,  
Para cobrir de glória o próprio nome.  
Em ondas, como o mar, avança a plebe,  
Sem conta, sem cessar, para a batalha  
E tinge com a púrpura de sangue  
A estrada triunfal para o tirano,  
Tombando sob os cascos dos cavalos.  
E quem sobreviver daquele povo,  
Há de morrer no Egito trabalhando;  
Da sepultura escrava o rei deseja  
Erguer seu monumento. Morra o servo!  
E o servo cava a terra, grava a pedra,  
Do rio apanha o lodo, faz tijolos,  
Coloca muros, forma estátuas altas,

Como animal de tiro, puxa os carros,  
Edificando assim algo infinito,  
Algo de incomparável, belo e nobre,  
Pintado, elaborado, cinzelado;  
E cada pedra, estátua e coluna,  
Cada ornamento, friso e escultura  
Com invisíveis lábios pronuncia:  
“O povo egípcio foi meu criador!”  
Morreu há muito tempo o rei tirano,  
Restou apenas a inscrição extinta.  
Cantores, não sonheis, não indagueis, ó sábios,  
Quem foi aquele rei inominado,  
Pois o destino fez do seu sepulcro  
Um monumento ao povo. Morra o rei!

LÉSSIA UKRAINKA , SELEÇÃO, Kyiw, 1954

Não és meu! Separou-nos teu estranho país  
E tomou-te uma bela estrangeira!  
Tu achaste com ela teu éden feliz,  
Eu padeço — uma flor passageira.

Só restaram a mim as canções a curtir  
Que cantaram irmãos-prisioneiros,  
Escutando à beira do Eufrates zunir  
Babilônicos verdes salgueiros.

Estes cantos calavam nos dias da dor,  
Harpas mudas nos ramos caídos  
Balançavam-se tristes, lembrando o vigor  
E a fortuna dos anos perdidos.

Com os lábios selados cantavam judeus,  
Só nas asas dos seus pensamentos  
Enviando a canção à cidade de Deus,  
A seu templo entre os ermos e ventos.

“Tu caíste em ruína, ó templo sem par,  
O infiel ao sacrário profana,  
Acendendo no teu venerável altar  
A seus deuses a chama leviana.

Renegaram-te todos eleitos dos céus,  
Os levitas não estão mais contigo,  
E sacode a cabeça nos pórticos teus  
Quem olhar teu vestígio antigo.

Não és nosso, mas há de manter-se fiel  
Nossa gente no exílio pesado:  
O que Deus uma vez como templo escolheu,  
Será sempre seu templo sagrado.”

Meu amado! És um templo em ruína e caos.  
Não te abjuro na sorte severa,  
Por tu seres a presa dos hóspedes maus  
E da deusa estrangeira, não vera.

Um quarto no gineceu, no palácio de Priamo. HELENA está sentada num banquinho cinzelado e torce lâ purpúrea num fuso de ouro; está vestida ricamente; da cintura lhe pende um espelho redondo de prata. CASSANDRA entra no quarto, pensativa, olhando em frente; seu olhar cai sobre HELENA, parece transpassá-la e ver algo mais distante. Olhando assim, CASSANDRA pára no meio do quarto, silenciosa.

HELENA           Alegra-te, irmã!  
 CASSANDRA           Salve, Helena!  
                           Nós nunca poderemos ser irmãs.  
 HELENA           Bem sei que me detestas como a morte.  
 CASSANDRA        A morte e tu — vós sois irmãs.  
 HELENA    Cassandra!  
 CASSANDRA        Este é meu nome certo, não “irmã”.  
 HELENA           ofendida. Não vou chamar-te assim, daqui por diante.  
                           Por que não apelidas a ti mesma  
                           Irmã da morte? Assim seria justo.  
 CASSANDRA        Toma o espelho.  
 HELENA    Para quê?  
 CASSANDRA    Pois toma!  
 HELENA           sem querer obedece, toma o espelho nas mãos.  
 CASSANDRA        põe-se junto dela: Vês, nós duas não temos semelhança.  
 HELENA           E quem diz assim?  
 CASSANDRA    Sendo da morte irmã,  
                           Eu deveria ter teus próprios traços.  
 HELENA           Malvada, vai-te embora dos meus olhos  
                           E não invoques sobre mim a morte!  
 CASSANDRA        Mas uma irmã não vai matar a outra,  
                           Senão lhe dar o seu fraterno apoio.  
 HELENA           Por que chegaste? Para atormentar?  
                           Vós só sentis prazer quando eu choro.  
 CASSANDRA        toma o espelho e segura-o diante do rosto de HELENA. Esta franze as  
                           sobrancelhas, mas não chora, nem se volta; sua face logo se torna tranqüila.  
                           Tu, como a morte, não conheces pranto.  
                           Olha: teu rosto logo está sereno,  
                           De novo todos cedem à tua força,  
                           Seres mortais... e eu no meio deles.  
                           Deixa cair o espelho.  
                           Andas, e os velhos homens veneráveis  
                           Inclinam-se a teus pés profundamente  
                           Saudando em voz festiva: “Ó, divina!”  
                           Olhas, e os fortes quedam desarmados,  
                           Dizendo aos sussurros: “Ó, invencível!”  
                           Beijas e apagas a centelha viva  
                           No olhar do meu querido irmão mais moço.  
                           No coração o sangue lhe lateja  
                           Mas a viril palavra emudece,  
                           A mente pára, e nada mais lhe dizem

A mãe, o pai, amigos e parentes,  
 A pátria nossa... Ó, chorai, troianos!  
 Morreu, a todos nós, o jovem Páris!  
 HELENA Tu vês a morte do irmão mais moço?  
 CASSANDRA Ele está morto, para mim, há tempo!  
 HELENA Bem sei que de nascença, tu, malvada,  
 Lhe eras hostil.  
 CASSANDRA Amei-o desde sempre.  
 HELENA Então, porque tentaste persuadir  
 A Príamo e a Hécuba, seus pais,  
 A recusar-lhe a volta ao palácio  
 Quando chegou do meio dos pastores,  
 Banido pela falsa profecia?  
 CASSANDRA Não era falsa aquela profecia.  
 Morrer ou estar no meio dos pastores  
 Fora sua única felicidade.  
 HELENA Porque assim? Porque Deífobo,  
 Heitor, Heleno e todos os irmãos,  
 Como as irmãs, e mesmo tu, Cassandra,  
 Podiam alegrar-se no palácio,  
 Só Páris padecendo com pastores?  
 CASSANDRA Julgas melhor que Páris padecesse  
 No gineceu contigo, nos teus braços?  
 Pois que Deífobo, Heitor, Heleno  
 Vivem e não padecem: no Conselho —  
 Deífobo, Heitor — entre os guerreiros,  
 Heleno — lá no templo. Que faz Páris?  
 Ele vivia só tocando flauta  
 No meio dos rebanhos. Pois que cala  
 Agora no Conselho, teme as armas,  
 E os deuses não lhe fazem confidências.  
 HELENA Pois Afrodite fala com meu Páris.  
 CASSANDRA Ele é apenas seu submisso escravo,  
 E com escravos nunca se conversa:  
 É só mandar e só cumprir as ordens.  
 HELENA Só tu, sozinha, lutas contra os deuses,  
 Por isso os deuses sempre te castigam!  
 CASSANDRA Pois seja! Seu poder está no castigo,  
 E meu poder — na luta corajosa.  
 HELENA Então, lutasse em vão contra Afrodite,  
 Quando mandou a Páris que partisse  
 No seu navio a Esparta, em minha busca.  
 Agora vê, Cassandra, que Afrodite  
 Foi vitoriosa. A deusa te venceu!  
 CASSANDRA A mim, Helena? Não! A ti e a Páris!  
 HELENA Páris não obedece a teus conselhos.  
 CASSANDRA Não ouve o surdo. Há vitória nisso?  
 HELENA Quem ouviria aquelas profecias?  
 Tu nunca predisseste com clareza  
 Que fim traria seu empreendimento.  
 CASSANDRA Eu não predigo nada, só anuncio  
 Aquilo que estou vendo com meus olhos.  
 HELENA Que coisas poderias tu ter visto?  
 CASSANDRA Eu vi partir um jovem luminoso,  
 Não sábio embaixador da sua pátria,  
 Nem um guerreiro, no lidar das armas,  
 Nem mesmo um mercador. Pois seu chapéu  
 Não protegia a fronte tão leviana,

Mas a enfeitava. Foi então. Eu disse:  
“Forjai, troianos, elmos para guerra,  
Três vezes mais gastai do duro cobre!”  
Depois — ó tempo de pior augúrio!  
Ele chegou, e tu ao lado dele.  
Eu vi teu beijo....

HELENA

Isso é mentira!

Eu não beijei naquela hora Páris.

CASSANDRA

No entanto, eu gravei aquele beijo  
Na minha mente. Foi no mesmo instante,  
Quando teu pé, calçado de vermelho,  
Primeira vez tocou o nosso solo.

Helena, tu feriste a nossa terra!

HELENA

Então, tu deste o grito: “Sangue e morte!”  
Não hei de perdoar-te, enquanto viva.

CASSANDRA

Não para ti foi que gritei, Helena.  
Eu era como que recém-nascida,  
Com o sinal da dor saudando o mundo.  
Eu vi que Páris nem olhou-nos todos,  
Saudou só com os lábios os troianos,  
Pois que por cima de seus pensamentos  
Pisou uma sandália encarnada.

Gritei: “Trazei centeio, sal e vinho,  
É a vítima que vai ao sacrifício!”

O vento desmanchou uma madeixa

Do teu cabelo — ouro reluzente:

“No incêndio da volúpia Ares corre —

Um ganhão no carro de Afrodite!

Cavai as catacumbas, ó troianos!”

Meus olhos viram sobre o mar surgir

Navios negros com rasgadas velas,

Cortando com suas quilhas ondas rubras,

E sobre os elmos de guerreiros gregos

Com ira tremulavam os penachos...

HELENA

És louca! Foi então, no mesmo dia,  
Que os gregos vieram? Não vivemos, todos,

Durante um ano em calma e alegria?

CASSANDRA

No mesmo dia vislumbrei os gregos.

Agora vejo: Menelau te toma...

HELENA

Perversa! Vai-te embora dos meus olhos!

Mentira! Nunca há de ser verdade!

Antes da torre me despenharei,

Caindo sobre as pedras escarpadas!

CASSANDRA

com decisão: E Menelau te toma pela mão,

Nem bem tocou, e já tu mesma o guias!

Tu vais na frente e ele vai atrás...

Passa por mares, toca estranhas terras

A vossa nave em direção à pátria.

O incêndio nas ruínas se extinguiu,

Já diluiu-se Tróia na fumaça...

E tu, de novo, sentas no teu trono

E torces sobre o fuso cinzelado

A lâ vermelha. A púrpura do fio

Vai-se alongando sempre e sempre e sempre...

HELENA

Mentira!

CASSANDRA

Tu divina, tu invencível

Filha de Epimeteu!

HELENA

Que nova farsa?

CASSANDRA

Que espécie de loucura? Como ousas  
Dizer a mim: filha de Epimeteu?  
Havia Prometeu e Epimeteu,  
Dos mesmos pais dois filhos diferentes.  
Primeiro a nós doou no fogo a vida,  
Sabendo que martírio o esperava,  
Mas não fugia da visão do mesmo.  
De filhos todos que gerara a Terra  
Foi ele mais por Moira castigado.  
Epimeteu — de nada se importava,  
Correndo seu pensar atrás da obra.  
Ele casou-se com a má Pandora  
Que deu aos homens o pesar e a morte  
E foi com ela bem-aventurado,  
Ninguém o desgraçado conhecia.  
Dos mesmos pais dois filhos e titãs  
Irmãos não foram desde que nasceram,  
E tu quiseste ser apelidada  
De irmã por mim até? Não vês, Helena,  
Que eu não posso proclamar mentiras?  
Tu sempre anunciaste só mentiras!  
Assim falou o irmão a Prometeu  
E foi feliz. Alegra-te, rainha!

HELENA

CASSANDRA

Sai.

LÉSSIA UKRAINKA, OBRAS, Nova York, 1954

## Fragmento do Segundo Ato

MAWKA<sup>1)</sup> se levanta e vai silenciosamente, passo cansado, até o lago, senta-se sobre o tronco do salgueiro inclinado, deita a cabeça nos braços e chora em silêncio. Começa a cair uma chuva miúda, cobrindo com sua rede densa a clareira, o bosque e a casa.

RUSSALKA<sup>2)</sup> vem nadando até a margem e olha MAWKA com curiosidade e surpresa:  
Tu choras, Mawka?

MAWKA E tu mesma, mana,  
Conheces lágrimas?

RUSSALKA Um pouco...  
Mas quando choro só por um instante,  
Alguém precisa rir-se até a morte.  
MAWKA Tu não amaste nunca, minha mana...  
RUSSALKA Eu não amei? Tu mesma te esqueceste  
Como devia ser o amor deveras!  
O amor é como a água: rodopiando  
Arrasta, brinca, tenta, afaga, afoga.  
No fogo — ferve. Quando vem o frio —  
Se torna pedra. Assim eu amo, mana!  
Teu próprio amor tem a alma duma planta  
Ou criancinha. Curva-se ao vento  
E deita-se aos pés. Uma faísca —  
Logo se queima, sem travar combates,  
Restando só fuligem negra e cinzas.  
Quando o ofendem como a rejeitado,  
Azeda no seu vão ressentimento,  
Deitado como palha na água fria  
Sob os chuviscos de arrependimento.  
MAWKA Tu dizes — arrependimento, mana?  
Pergunta pois<sup>o</sup> bétula tristonha  
Se se arrepende das formosas noites  
Quando o arteiro vento lhe soltava  
A trança longa.

RUSSALKA E por que está triste?  
MAWKA Por não poder com seus compridos ramos  
Cingir seu bem-amado para sempre.

RUSSALKA Porquê?

MAWKA Ele é o vento da florada.  
RUSSALKA E precisava logo, então, amá-lo?  
MAWKA Era tão tenro, aquele jovem vento  
Cantando fez desabrochar suas folhas,  
Brincando lhe desfez a coroinha,  
Regando a linda trança com sereno...  
Ele é o jovem vento da florada,  
Um outro ser — jamais ela amaria.  
RUSSALKA Então, que ela pendure o vèu de luto

Até tocar a terra. Pois o vento  
Não se detém jamais, — já foi adiante!

Silenciosamente, sem marulho, afasta-se nadando da margem e some no lago.

MAWKA de novo se curva, suas negras tranças pendendo até o chão. Começa o vento, incitando nuvens cinzentas, junto com elas as fileiras negras das aves de arribação que partem. Depois dum ímpeto forte do vento, as nuvens da chuva se espalham e vê-se a floresta já nos luminosos trajés outonais, no fundo de um azul intenso do céu vespertino.

- 1) Mawka — virgem da mata, no folclore ucraniano.
- 2) Russalka — virgem das águas.

## Fragmento da cena final

Aproxima-se da floresta uma alta figura feminina, com longas roupas brancas e um alvo lenço na cabeça, amarrado à maneira antiga. Vai oscilando, como se o vento a balançasse; às vezes pára, inclinando-se profundamente, como se procurasse alguma coisa. Quando chega perto das sarças que crescem nas queimadas, detém-se, ergue-se e deixa ver seu rosto, parecido com o rosto de LUKÁCH.

LUKÁCH            Quem és? Que andas fazendo?

DESTINO            Sou o destino perdido.  
Adentrei a floresta,  
Uma tola ousadia,  
E ando agora vagando,  
Como espectro, na mata,  
Vendo se consigo dar com o caminho  
Do meu éden perdido.  
Mas, o antigo roteiro,  
Ocultou-o a nevasca...  
Pelos despenhadeiros,  
Vagarei para sempre!

LUKÁCH            Quebra, pois, meu destino,  
De espinheiro algum ramo  
Pra varrer a neve e tentar, ao menos,  
Descobrir um atalho.

DESTINO            Em abril, eu, outrora,  
Percorria a floresta  
E com mágicas flores  
Demarcava o caminho.  
Descuidado, pisaste  
Os meus marcos de flores...  
Não vejo um vestígio, um sinal, mesmo leve,  
Do caminho que busco.

LUKÁCH            Com as mãos, meu destino,  
Cava um sulco pequeno:  
Talvez aches um talo  
Duma flor encantada.

DESTINO            Minhas mãos vão gelando,  
Há torpor em meus dedos.  
Ergo meu lamento porque sei que devo  
Morrer neste instante.

LUKÁCH            Vai saindo a gemer, estendendo as mãos :  
Dize: como é possível  
Existir sem destino?

DESTINO

mostrando a terra sob seus pés:  
Como um ramo cortado  
Que no chão se enxovalha.

LÉSSIA UKRAINKA, SELEÇÃO, Kyiv, 1954

MARKÓ TCHEREMCHYNA (1874-1927), pseudônimo de Iván Semaniúk, nasceu perto de Kossiiv, na região ghutsula. Estudou no ginásio de Kolomyia, depois cursou Direito na Universidade de Viena. Já neste tempo, principia sua atividade literária, também no campo da crítica e pesquisa. Sob a influência de Iván Frankó, deixou de escrever poesia, substituindo-a pela prosa realista. Depois de doutorar-se em Direito, Tcheremchyna voltou para a Ucrânia, dedicando-se aos problemas sociais e culturais do seu povo. Obras: MARCAS NA MADEIRA (1901); CONTOS, publicados em diversos periódicos.

Román Mokán das montanhas, chefe do salão de leitura em Roghizno, saía, na Quinta-Feira Santa, da sala da Corte de Justiça bastante aturdido e magoado. Os policiais o haviam deixado mal, depois dos policiais o juiz, após o juiz o prefeito, e depois do prefeito as suas próprias testemunhas.

“Os inimigos me empurram para a prisão, e meu advogado ficou mudo.”

As testemunhas cercaram-no e o consolaram. Um ano não é toda a vida. Na prisão, o tempo passará mais rápido do que na guerra, e não precisava ficar preocupado com a mulher e os filhos: o povo iria ajudá-los.

Este consolo aborrecia ainda mais a Mokán.

“Pois que tenham tanta saúde quanto de verdade vocês estão dizendo,” pensava ele consigo mesmo. “O povo há de ajudar, como estas testemunhas ajudaram. O tribunal pergunta: “Ouviste, compadre, as coisas que Mokán dizia no vosso comício contra os senhores e os policiais?” E aqueles carneiros dizem, um após outro: “Não ouvi!” O advogado pergunta: “E talvez tu, compadre, ouvindo tudo, ouviste que ele nada de mal falava sobre os senhores e os policiais?” E a testemunha continua sempre na mesma: “Não ouvi!” Eu catei durante três dias esses burros e os trouxe das montanhas para a cidade, três dias os alimento como uns bois. E ele agora me diz que o povo há de ajudar a minha patroa e a meus filhos! Não falam sobre minha prisão, só me distraem a atenção.”

Uma testemunha com sacos duplos sobre o ombro, alto como uma cegonha, cuspiu sob os bigodes negros e lhe sussurrou ao ouvido:

— Mano Román, eles nos têm agora na mão; eles têm o direito de nos pôr no xadrez.

Uma testemunha de face magra, baixinha, acendeu sob a boina de pele de carneiro seus olhos verdes e, encobrindo a boca com a palma da mão para o lado dos guardas em serviço, simpatizando com Mokán praguejou:

— Que tua prisão fique marcada na sina deles!...

Uma testemunha de cara larga, narigudo, cutuca o lado de Román e declara:

— Uma hora má também chegará para eles!

Uma testemunha redonda como um pãozinho, ajeita no pescoço roliço o lenço de seda e, passando o braço pela cintura de Román, se surpreende:

— Homem, eu fiz uma aposta com Mytró Popeniúk em que havias de escapar, mas qual nada, perdi!

Aquelas testemunhas que iam atrás consideravam que os inimigos iriam dar cabo de Mokán na prisão, para que não mais defendesse a aldeia. Destas testemunhas, o cabeludo Olassy, de rosto moreno, também se achegou a Mokán e o elogiou:

— Tens uma cabeça bem esperta, pois que pediste ainda um mês para semear na primavera e depois que seja feita a vontade dos senhores.

Mais atrás caminhavam as testemunhas temerosas que de medo do juiz haviam testemunhado a favor dos dois lados, concordando ora com o procurador, ora com o advogado de defesa e, quando apertados contra a parede, explicavam que

estavam longe e não haviam ouvido bem o que Mokán dizia, mas juravam que ele não estava calado. Até agora eles lançavam seus olhares para a frente, em direção a Mokán, ou para trás, espiando os guardas, como se quisessem assegurar-se sobre quem os levaria à pousada para o almoço.

E Mokán se arrependia amargamente:

“Quando eu tiver sobrevivido àquele calabouço, então, mesmo vendo que estão sangrando o camponês como a um porco, não direi uma única palavra. Deus é testemunha! Ou, antes, hei de gritar: Tirem as tripas dele, cortem-no em tiras finas, pois o juiz bem disse que o camponês só é bom frito e salgado... Uns bodes assim precisam da Ucrânia? Precisam é de piche na garganta e de uma paulada na cabeça. Por causa dele tu tornas tua mulher viúva e os filhos órfãos, e ele quer beber teu sangue. É isso um povo? São cobras de todas as cores!”

Nestes confusos pensamentos de Román e também em sua cabeça, seu grisalho advogado pernalta deu alguns tapinhas; ele o alcançou e lhe afirmou que tivera grande sorte em ter recebido apenas um ano de prisão, pois por tal delito o parágrafo prescreve pelo menos cinco anos de xadrez.

Quando Román nada lhe respondeu, o advogado ficou certo de que ele acreditava em sua boa sorte e, segurando-lhe o braço, lembrou:

— Você me deve ainda uma centena, pois veja: perdi três dias com você, e o castigo é bem pequeno.

As testemunhas sorriram de castigo tão pequenino; o advogado respondeu com um sorriso e foi-se embora.

Ele se assemelhava a um bordo queimado.

Sua face alongada contorceu-se sob o bigode aparado, os olhos azuis fixavam o solo, como se não quisessem olhar aqueles muros cinzentos, aqueles guardas armados, aquelas testemunhas falsas e insaciáveis.

Saiu pelo portão e olhou para trás, assim como um pássaro atingido olha para seu matador.

Tão grande é aquela muralha de pedra que os olhos não a podem abranger toda. Só pedra e barro, só covas escancaradas, só ferro enferrujado. O sol não penetra pelas brechas ali, talvez só se achega furtivamente com o musgo verde. O frio sopra através daqueles buracos.

Mokán olha e torna olhar aquele muro, procurando algo com os olhos. Ele pensa, ele recorda algo.

As testemunhas reparam no lugar que ele fita e vêem, lá no muro, um par de olhos pestanejantes como duas borboletas de asas azuis. A face é como um lenço branco ao vento, e dedos finos seguram uma cestinha e tornam-se vermelhos.

Estes olhinhos tristes repararam em Mokán, em compadres-testemunhas e ficaram alegres por qualquer motivo:

- De quem és, fulaninha?
- De Iván Paladiúk.
- Aquele que morava nas aveleiras sobre o Prut?
- Dele mesmo.
- Daquele, que foi morto pelos guardas?
- Dele mesmo.
- Daquele, a quem queimaram a casa?
- Dele mesmo.
- E o que você está fazendo numa cidade assim?
- Estou trabalhando na casa dos senhores e vim visitar minha mãe.
- Tua mãe está aqui, na prisão?
- Há um ano está no xadrez, tios queridos.
- E por que razão será que a estão torturando?
- Pela mesma razão pela qual mataram o pai.
- É verdade?
- Dizem que é por causa daquela Ucrânia.
- Aquilo lhes aperta a garganta.

A face de Mokán acendeu-se numa chama rubra.

— Queridinha, o que trouxeste para tua mãe?

— Olhem: uns ovos de Páscoa bem bonitos!

A menina descobriu sua cestinha, e de dentro lhes sorriam como estrelinhas uns ovos pintados, semelhantes a olhos muito vivos...

— Vêja, tu preparaste para tua mãe, por assim dizer, a Páscoa toda?

— Será para a mãe, será para os guardazinhas pela gentileza de entregar à mãe.

— És tão pequena e sabes pintar tão bem?

— Eu pintarei também para vocês, bondosos e queridos tiozinhos, apenas acendei, hoje ou amanhã, junto às aveleiras, sobre o rio Prut, uma fogueira pela alma do pai.

Os compadres prometeram que, com muito boa vontade, iriam acender a fogueira logo que chegassem à casa, para que todas as montanhas vissem brilhar a memória de Paladiúk.

A menina beijava as mãos dos titios e jurava que fora Deus quem os enviara. Ainda não se havia aproximado de Mokán, e este já afagava sua cabecinha loira e resplandecia todo de alegria.

— Que possas crescer bem!

— Que possas crescer bem, — repetiam os compadres-testemunhas e se esqueciam do almoço.

— Que vocês vivam por muito tempo, titios queridos.

Pareceu a Mokán que seus pensamentos sombrios assentavam-se sobre as asas dos corvos e fugiam-lhe, sumindo para um lugar qualquer entre os muros e as chaminés, e em seu lugar tremulavam os ovos de Páscoa na cestinha da filha de Paladiúk, pintando sobre o muro da prisão a sua Ucrânia...

— Vejam, tão pequenina e insignificante, mas envergonhou a velharada!

— Para que nunca te doam as mãos, querida pintorazinha!...

OLEKSANDER OLÉS'(1878-1944), pseudônimo de Oleksander Kandyba, nasceu na região de Kharkiw. Estudou e formou-se em Kyiw, colaborando ao mesmo tempo em várias revistas e editoras. Emigrou para Viena, depois para Praga, onde faleceu. Virtuoso da forma poética, reúne em suas obras a tradição com o modernismo. ALEGRIA ABRAÇOU-SE COM TRISTEZA (1907); POESIAS (1909-1917); NO CAMINHO PARA O CONTO DE FADAS (1910); PELO ESTRANGEIRO (1919) e outras obras.

Mawka, onde tu encontraste  
A criança, neste vale,  
Para tanto querer bem?

Balançaste-a tão de leve,  
O materno seio deste  
Cheio de calor e mel.

Ficas quieta, como em prece,  
Só no olhar cintila e treme  
O sereno do pinhal.

Tuas mãos prometem, juram  
Não deixar a flor ghutsula  
Sofrer frio, fome, mal.

Mawka, perto os homens andam...  
Se te encontram? Que desgraça!  
Corre, fuge bem veloz!

Dormes, mawka? Não me ouves?  
Deus do céu: não me responde,  
Fica muda, está sem voz.

Ai, Senhor, que lhe acontece?  
Mawka, o vento te oferece  
Uma manta de aldeã...

Mas a mawka não replica:  
Como mármore, tão linda,  
Com criança ao ninar.

## Fragmento

VOLODYMYR VYNNYTCHENKO (1880-1951) nasceu na cidade de Yelysavét. Foi expulso da Universidade de Kyiv por causa de suas atividades políticas, em 1902. Destacou-se como publicista e político durante a curta fase (1917-1921) em que a Ucrânia esteve independente e depois em seu exílio na França. Entre suas numerosas obras mais importantes são: BELEZA E FORÇA (1906), MEMÓRIAS DE MEFISTÓFELES DE NARIZ ACHATADO (1918), A MÁQUINA SOLAR (1928). Era romancista e dramaturgo. Vynnytschenko foi buscar seus temas na vida da pequena burguesia e dos camponeses, preocupando-se com o momento psicológico dos seus personagens.

— Aonde vais, Elias?... Bom dia! Ah! Vestiste o casaco novo e já não reconheces mais os amigos...

Elias virou-se, debruçando-se um pouco sobre a cerca, onde se achava Mória, sorrindo docemente, brincando com os olhos.

— Não te havia visto. — Elias se aproximou rindo. — Como vais?

— Ainda estás zangado?

— Porquê?

— Por causa daquilo...

— Não tem importância! — Elias sorriu novamente, olhando as botas. — Foi, por acaso, a primeira vez?

— É verdade? Não estás zangado? Dize! — Mória perguntou, buscando encontrar-lhe os olhos e fitando-o de maneira ardente e cheia de promessas.

— Como és estranha! — Elias ergueu a cabeça. — Se eu digo que não, é porque não... Como te enfeitaste! Casquinha, saia nova... Como tu és!...

— Eu te esperava, ha-ha-ha! Não estou brincando! Queria ver-te... Mas porque estás aí? Passa para cá! Vamos para o pomar.

— Não! Preciso ir à feira. Andry está a minha espera.

— Vais fazer algum negócio com ele?

— Justamente!

— Vais mesmo?

— Vou, sim!

— Talvez não vás... Eu te contaria uma coisa, dir-te-ia uma coisa... Então?

— Não, não... Andry vai ficar zangado. O negócio se perde... Não é de meu gosto, mas enfim, dei minha palavra. Até logo!

— Não, espera! — Mória segurou-o pela manga. — Dizes que não é do teu gosto e vais... Andry arranjará outro e ficas aqui comigo. O pai não está em casa. Foi à praça do comércio. Andry dará um jeito...

— Quem sabe... — Elias coçou a cabeça.

— Passa para cá, passa! Vou contar-te uma coisa bonita, bem bo-ni-ta! Santo Deus, como és esquisito, Elias! Não é do teu gosto e vais... Podem persuadir-te sempre, não tens vontade própria! E Andry é um demônio! Eu te contaria uma coisa... Vem cá! Eu já estava com saudade de ti... Vou contar-te uma coisa interessante, verás!

Elias olhou para Mória. Era bela, de uma beleza estranha. Bela como a alegria, como um sentimento ardente e juvenil, como um sonho querido. Elias fitou aqueles olhos grandes e encontrou um olhar profundo que falava, prometia e pedia alguma coisa. Ele suspirou, coçou-se, viu-lhe novamente o sorriso amável... e passou uma perna por cima da cerca.

— Vais me contar, mesmo, uma coisa interessante? — perguntou ele, parando.

— Por Deus que eu conto!... “Segue-me” — completou em pensamento.

— Bem, se é assim... — Elias não terminou e pôs-se a passar pela cerca com uma expressão que parecia querer dizer: “Passo, porque é necessário ouvir coisas interessantes, senão, nunca na vida eu passaria pela cerca”. Subiu, pulou e, para não cair, agarrou-se a Mória, abraçando-a e apertando-a contra o peito.

— Vamos para o banco ao lado da casa! — disse ela baixinho, apertando-se contra ele, e foi na frente, afastando os ramos de cerejeiras.

— Então, que é que há de interessante?

— Queres saber? Muito, mesmo?

— Tanto... Tanto, quanto quero beijar-te, agora!

— É? Como és estranho! Ha-ha-ha!

— Mas, então, dize!

— Bem, escuta! — Dobrando os ramos e sem olhá-lo, ela disse em voz baixa:

— Vou me casar com... Andry.

— O quê? — Elias gritou erguendo-se. — Tu mentes!

— Deus é testemunha de que é verdade! — Mória voltou-se para Elias que empalidecera e fixou-a atentamente.

— Quinta-feira ficarei noiva...

VOLODYMYR SVIDZINSKY (1885-1941) nasceu na região de Podila. Era conhecido como poeta quase exclusivamente nos círculos de amigos. Só depois de sua morte, tornou-se famoso e considerado um dos melhores autores modernos de língua ucraniana. Ele bebeu na fonte dos líricos chineses e japoneses: sua arte se assemelha aos desenhos orientais de nanquim, com economia e exatidão de traços, de caráter surrealista. Durante a vida do poeta saíram publicadas apenas duas coletâneas de poesias: POESIAS LÍRICAS (1922) e SETEMBRO (1927), além de suas traduções de alemão, grego e latim. A grande parte de sua herança poética (baladas, contos de fadas e poesias) resta inédita. A coletânea COLHEITA DE MEL acaba de sair publicada, nos USA.

A chuva cai —  
A voz do cuco não calou.  
Sou um menino, sou?  
No ninho quero pôr a mão,  
Lá onde o raio jaz  
Como uma cobra em fofó algodão.  
A chuva cai.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

## BESOURO

Volodymyr Svidzinsky

### AVIÃO SOBRE A ALDEIA DA ESTEPE

Uma casa colorida  
Duas macieiras ao lado:  
Dum lado — copa florida,  
E do outro — fruto encarnado.

Sobre a casa — a fumaça em flecha,  
Da casa — um caminho em seta.  
Entorna a manhã a névoa,  
No ramo o sol se ajeita.

Súbito, um grito medonho:  
“Um besouro enorme, credo!”  
Foge a fumaça no forno,  
O caminho — ao arvoredado,  
As macieiras sob o telhado...

Dissipa-se a sombra ligeira  
E zumbe o ronco zangado.  
De novo ri a macieira:  
“É só de metal, danado!”

VOLODYMYR SVIDZINSKY, POESIAS, Kyiw, 1940

MYKHÁILO DRAI-KHMARA (1889-1939), terminou os estudos na Universidade de Kyiw, viajando em seguida pela Croácia, Sérvia, Hungria, Rumênia. Na volta, assumiu cargo de professor de Literaturas Eslavas na Universidade de Kamianetz Podilsky. De 1923 a 1933 viveu em Kyiw, dedicando-se à literatura original, pesquisa e tradução. Surgiu sua única coletânea de poesias: *RENOVO* (1926). Foi o mais velho dos cinco membros do grupo dos neoclássicos. Na poesia, reuniu o motivo da solidão ao do humanismo profundo e assumiu uma atitude heróica diante do mundo hostil. Renovou a língua ucraniana, usando palavras raras, quase esquecidas, como muitos neologismos. Em 1935, Drai-Khmara foi preso, deportado, torturado com fome, frio e pesados trabalhos forçados nas minas de ouro, chegando a falecer em Kolyma no fim do ano de 1938 ou no começo do ano 1939.

Feneceram peônias. Sangue  
Coloriu a terra em redor:  
É da morte cruel o estandarte  
Combatendo beleza e amor.

Para a lança mortal e sangrenta,  
Trespasar este peito é dever.  
Porém meu coração não se entrega,  
Florescendo no seu fenecer.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959.

Gemia a noite. Lanças aguçadas  
Feriam cataratas — brancos véus,  
Dourado-azuis clarões da madrugada  
Zurziam a intempérie do corcel.

Das nuvens leve armada dissipou-se,  
E bronzeada pelas brasas, já  
Voavas sobre teu cavalo jovem —  
Eterno amor, contínua traição.

E sob os cascos estalavam ossos,  
Os olhos extasiavam-se de ver,  
E despejavas baldes generosos  
Da tempestade, ao alvorecer.

Ó jovem amazona, às tempestades  
Tu deves tua força — dom dos céus.  
E saltam as centelhas triunfantes  
Dos ressonantes cascos do corcel.

MYKOLA ZERÓW (1890-1937) nasceu na região de Poltava. Estudou na Universidade de Kyiw, tornando-se em seguida professor ginasial e trabalhando, ao mesmo tempo, como crítico literário e redator do jornal LIVREIRO (1919-1920). Mais tarde, lecionava Literatura na Universidade de Kyiw, era membro da Academia Ucraniana de Ciências e Letras e redator de numerosos livros, como colaborador de várias revistas. Dedicou-se principalmente à tradução de clássicos latinos e à teoria da literatura. Lançou o lema: "Ad fontes!" e reabriu aos ucranianos os caminhos à Grécia antiga e Roma, assim como ao Parnasianismo francês. Representante da idéia da justa medida, foi um esteta da palavra. Teve o lugar de liderança no grupo dos neoclássicos, ao qual pertenciam também Yury Klen, Maksym Rylsky, Mykháilo Drai-Khmara e Pawló Fylypovytch. Obras originais: KAMENA (1924); CATALEPTON (Philadelphia, 1951); COROLLARIUM (Munique, 1958). Mykola Zerów foi um exemplo de erudição. O regime comunista, hostil à tradição, o acusou de formalismo e de fuga da realidade. Na verdade, ele foi perseguido por ter uma grande atuação sobre a juventude universitária e exigir cultura, conhecimento e profissionalismo na literatura. Zerów foi deportado à Sibéria de onde não voltou mais.

Nos ombros já pousou a carga dos meus anos,  
Em lidas apagou o riso descuidado.  
Severa e crucial, eu ouço aquela voz:  
— Devolve, servo mau, o fruto que era flor!  
Que trouxe teu suor e teu esforço duro?  
Soubeste cul tivar no negro, rico humo?  
Enquanto haja luz, conseguirás colher?  
— Estas palavras são amargas como fel.  
E como não sentir de vós inveja, moços,  
O cheio cálice com vinho precioso,  
A hora matinal com áspero frescor,  
E sobre os brancos véus, a estrela ante o sol.

KAMENA, Lviw, 1943

Alegra-te, tu fronte coroadada  
Nos montes verdes! Sonha o sonhador...  
E não a ti, mais moço, o esplendor  
Dos nossos anos soa em trovoadada.

Os dias de tua glória já passada  
Choram dos sinos cobre e amargor,  
Invocam com mil vozes teu vigor,  
Teu florescer, cidade escravizada.

No entanto, vem na pura luz solar  
Adornos e quimeras contemplar,  
E o maravilha de colunas brancas!

Emana vida e ímpeto o perfil  
Desta montanha de floridas flancas,  
Este de ouro cravejado anil!

KAMENA, Lviw, 1943

YAKIW SAWTCHENKO (1890-1937) foi um dos primeiros simbolistas ucranianos. Frequentou a Universidade de Kyiw, sem terminar um determinado curso e viveu da produção literária. Deixou duas coletâneas: POESIAS (1918) e TERRA (1921). Com a mudança política na Ucrânia, passou para a linha oficial, sem no entanto escapar do desterro em Solovky no Mar Branco, onde chegou a falecer no começo da quarta década do século.

Ele vem ao raiar num medonho corcel  
Na janela bater com a espada real.  
— Tu na lenda darás derradeiro teu mel  
E das lágrimas sal.

Sim, então saberás. Não irás perguntar  
Porque vim ao raiar, de que terra cheguei,  
Só com velas a estrada farás clarear,  
Uma estrada do rei.

Para sempre. Não mais... Mas o mito cruel  
Não sepultam assim como o corpo mortal.  
Lembrarás que cheguei num medonho corcel  
Com a espada real.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

## Fragmentos

YURY SMOLYTCH (1900-1976), nasceu em Uman', na família de um professor; viveu, entre outros em Bila Tserkva, Kamianetz Podilsky e, finalmente, em Kyiw. Começou estudos de comércio, foi um tempo assistente médico, depois dedicou-se ao teatro e ao jornalismo. Era escritor muito fértil, sob cuja pena saíram obras desiguais quanto a seu valor literário, pois algumas dão impressão — já pelos títulos — de literatura encomendada pelo regime. Em suas melhores obras, Smolytch foi um escritor talentoso cuja narrativa prende a atenção do leitor. Contos e romances: A FALSA MELPÔMENE (1928); LINGUAGEM DO SILÊNCIO (1930); DO OUTRO LADO DO CORAÇÃO (1930); BRAME E GEME O LARGO DNIPRÓ (1960); NARRATIVA SOBRE A INQUIETAÇÃO (1968); A INQUIETAÇÃO PERSISTE (1969) e outros.

Quando Maik tinha trinta e cinco anos, nós acompanhamos sua namorada à estação da Estrada de Ferro. Chegamos meia hora antes da partida do trem, e ainda havia uma possibilidade de passearem pela plataforma. Eles poderiam ainda estar um pouco mais de tempo juntos; eu, naturalmente, desculpei-me com tato e sumi. No entanto, Maik apenas levou a namorada até o vagão e despediu-se logo, indo rapidamente embora; o ritual de despedida era-lhe odioso. Retirava-se até das festas sem dizer uma única palavra aos anfitriões, e quando se tratava de uma viagem — pior ainda. Se é para viajar, então se viaja, que mais é necessário? Maik foi-se embora da estação sem olhar para trás. “E para quê? O assunto dela é viajar, o meu — ocupar-me dos meus negócios.” A moça estava junto da janela enxugando as lágrimas.

No dia seguinte telefonei para Maik. O telefone não respondeu. No terceiro dia também não. Mas, à tardinha, recebi um telegrama com duas assinaturas: a de Maik e da sua namorada. Acontece que Maik agüentou apenas um dia sem sua bem-amada e sua paciência esgotou: não podia esperar um mês inteiro até que ela terminasse seu tempo no sanatório de Ghaghra. Sentou-se no avião e, no dia seguinte, esperava na plataforma de Sochi pelo trem que acabava de trazer ali o objeto de seu amor.

O final desta história romântica foi da mesma maneira repentino e surpreendente. Tendo ficado com a moça três semanas em Novo Athos, Maik voltou a Kharkiw, pois algumas tarefas urgentes o esperavam, ou, mais provavelmente, faltou-lhe dinheiro. Esperava pelo regresso da namorada depois de uma semana (ela tinha que terminar seu período no sanatório para a mãe não desconfiar), e devia ir buscá-la na estação, prevenido por um telegrama. Este chegou, de fato. Eis o texto literal, absolutamente exato:

“Maik, não espere de mim nunca nada de bom.”

Embaixo havia ainda uma anotação do funcionário do correio: “Confirmado: nunca nada de bom!”

A moça voltou depois de dois meses, apaixonada por outro, um colega de profissão — um pintor.

A partir de então, Maik aproveitou cada ocasião que pôde para atacar os artistas (por sua limitação, sua alienação da vida, sua falta de entrosamento na sociedade, falta de educação, anarquia etc.). Falava mal das mulheres (sobre sua traição, sua dependência aos pontos de vista dos outros, a aridez do espírito, mesquinha e maneiras afetadas), e isso horas a fio. Deve-se reconhecer que, sendo uma pessoa talentosa, de cultura, com conhecimentos fora do comum, tendo uma visão original do mundo, limpa de alma e de coração reto, em seu ódio contra as mulheres, Maik se revelou... totalmente banal. Sua filosofia se resumia afinal, quando se tratava desta questão, à fórmula: cada mulher é bela, vista de longe. Que a mulher não precisa de amor, mas de palavras bonitas sobre o amor; que uma pessoa com cultura não poderia amar uma mulher, pois a um intelectual não convém bater-lhe... Quanto às mulheres, estas se apaixonavam por Maik à primeira vista. Ele casou-se tarde, depois de terminar a universidade; a primeira esposa foi abandonada por ele, a segunda o abandonou. Só depois, assim dizia Maik, ele havia descoberto a alegria de viver e adquiria gosto pelo amor.

Mas, adquirindo gosto, a Maik faltou-lhe de repente o chão sob os pés: tornou-se irritado e “insaciável”, superficial, experimentando aventuras passageiras. Este aturdimento durou alguns anos e terminou também repentina e dramaticamente.

Naquela ocasião, tinha ele três cobiçados objetos de amor: estava apaixonado um pouco por todas elas e a todas as três desprezava um pouco. Uma era pintora, outra artista de teatro, a terceira — uma esportista, professora de tênis. Todas as três tinham o mesmo nome: W.

Aconteceu, então, uma coincidência de circunstâncias: no verão, todas as três, mas cada uma separadamente, foram passar as férias no mesmo mês e no mesmo lugar, nas estações de águas.

Um dia, Maik veio correndo à minha casa um tanto desorientado:

— Yura, — disse-me ele, — será que tu poderias dar um palpite? Qual delas escreveu isto?

E me mostrou o telegrama de Sotchi. Lá estava escrito: “Tudo acabado entre nós”... e uma assinatura — W.

Maik olhou-me implorando:

— Entendes, agora não sei como devo me dirigir à respectiva... Não tens uma idéia, com o caráter de qual delas isso está mais de acordo?

Eu não tinha a menor idéia. Tanto mais, que das três eu só conhecia duas e à terceira mal fora apresentado. Maik saiu de minha casa muito preocupado.

Sua saída foi esta: mandou três telegramas, um para cada uma delas, com o texto: “Aguardo a confirmação do telegrama anterior.” Calculava então: aquela que o expediu responderá diretamente ou calará; as outras, sem dúvida, hão de perguntar de que se trata.

A resposta veio inteiramente inesperada: um telegrama de todas as três: “Confirmamos” e três vezes a assinatura — W.W.W.

As moças se conheceram e... começaram a gabar-se, trocando confidências, como sempre acontece entre elas.

NARRATIVA SOBRE A INQUIETAÇÃO, Kyiv, 1968

## PASSOU A NOITE

Pawló Fylypovytch

PAWLÓ FYLYPOVYTCH (1891-1937) nasceu como filho de um sacerdote ortodoxo. Tanto talentoso como esforçado, tornou-se professor na Universidade de Kyiw, onde trabalhou até sua prisão em 1935. Era colaborador da Academia Ucrâniana de Ciências e Letras e fez parte do grupo dos neoclássicos. Como poeta, deixou poucas mas requintadas obras. Coletâneas: TERRA E VENTO (1922), ESPAÇO (1925). Suas poesias estão imersas num fogo ao mesmo tempo sensual e purificador; revelam idéias pan-cósmicas e panteístas. O poeta morreu no exílio, em Sibéria.

Passou a noite inglória e profana,  
Por toda a parte — estepe, escuridão.  
Quando virás, ó doce Yaroslawnna  
Sobre a muralha de ânsia e de paixão?

Atira o vento as setas aguçadas,  
O sol derrama o vinho embriagador,  
E eu não vejo tuas mãos, amada,  
Salvar a vida de perigo e dor.

Kontchák induz sua filha — feiticeira  
A seduzir o estranho nos grilhões;  
Volúpia negra, livre e traiçoceira  
Pressinto já nas bárbaras canções.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

OLEKSA SLISSARENKO (1891-1937) nasceu na região de Kharkiw; trabalhou como agrônomo e, depois da Primeira Guerra Mundial, veio a Kyiw, colaborando na formação da vida nacional e literária. Principiou como simbolista, anexando-se mais tarde ao grupo de futuristas, chefiado por Mykháil Semenko. Em seguida, de novo em Kharkiw, colaborou no VAPLITE, por causa de que foi deportado à Sibéria, de onde não voltou mais. NA MARGEM CASTÁLICA (1918), ALMANAQUE DOS TRÊS (em colaboração com Lúbtchenko e Semenko, 1920), POESIAS (1923), BÁYDA (1928); Prosa: EM PÂNTANOS (1924), PLANTAÇÕES (1925), UVAS DE PEDRA (1927) e outras.

Na bétula branca pendurado  
O ícone de Savaty e Zossima.  
Circula a laboriosa irmandade  
Sobre as colmeias todo seu dia.

Lá carregam os monges alados  
O mel d'ouro e cera para velas.  
Eu saúdo vossa ordem severa!

Incansável em todo seu dia,  
Só de tarde se acalma, nas celas.  
O ícone de Savaty e Zossima  
Protege o mosteiro contra as trevas.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

## Fragmento

YURY KLEN (1891-1947) é o pseudônimo de Oswald Burghardt que descendia dos colonos alemães na região de Podila. Foi exilado na primeira Guerra Mundial para Arkhangel'sk, voltando no fim do ano 1918 a Kyiw, onde tornou-se mais tarde professor. Quando, no ano de 1931, o regime comunista prendeu o poeta Maksym Rylsky, Yury Klen resolveu emigrar. Ele tornou-se catedrático de Línguas e Literaturas Eslavas nas Universidades de Munster, Praga e Innsbruck, considerando no entanto Ucrânia sua antiga pátria. Morreu em Augsburg. Era uma alma cândida, um cavaleiro que dedicou sua vida e obra a uma cultura injustiçada. Yury Klen conduz seu fio poético através de séculos e culturas. Principiando como romântico pela índole, termina nas alturas filosóficas. Sua cosmovisão é o humanismo cristão. Com grande compaixão, registra Klen a ruína da sua pátria. Suas melhores páginas são dedicadas à fome e à crueldade que devastaram a Ucrânia na 4ª década do século. As obras mais representativas: ANOS MALDITOS (1937), CARAVELAS (1943), CINZA DOS IMPÉRIOS (1946), MEMÓRIAS SOBRE OS NEOCLÁSSICOS (1947). O autor fez numerosas traduções do alemão, inglês e francês.

Em Kyiw, no verão de 1919, estavam levando à cena no teatro de Solovtsov a SALOMÉ, de Wilde. Fomos todos ver a peça, para embriagar-nos com as metáforas sedutoras do autor e apreciar a dança apaixonada de Salomé, representada com grande arte. Fylypovytych reagiu a essa apresentação com o seguinte soneto:

Que enviasse raios o profeta João  
Sob líneo céu da pátria, neste dia,  
A voz de Salomé nos envolvia,  
Serpenteando em nosso coração.

Irresistível, espalhou paixão  
A penetrar platéia e galeria,  
Nenhum abrigo dela mais havia,  
Quando na dança despertou tufão.

Volúpia vil, beleza embriagadora,  
Tu em cinza tornarias a aurora  
Dum povo, maleável e fatal!

Diante de ti a cabeça ensangüentada,  
E tu darás a própria vida alada  
Para no mito seres imortal!

Zerów, no entanto, reagiu de modo diverso. Ao ver a dança de Salomé com a cabeça do profeta nas mãos, contraiu o rosto e disse-me: — É apenas libertinagem semítica! — E em resposta à poesia de Fylypovytych, escreveu este soneto a ele dedicado e que se encontra em KAMENA:

A lua levantina em noites claras  
Revolve o sangue escuro com ardor,  
Em flor agreste torna-se o amor,  
E o sangue banha elmos e tiaras.

E da cisterna soam as fanfarras  
De oráculos terríveis aos mortais:  
locanaã...Não voz de carvalhais,  
Mas retumbar de incêndios e Saaras.

Criança — que criança! Salomé  
Já sorve do veneno o negro mel  
E clama por vingança e desventura.

Minh'alma! Não tardemos navegar  
Onde entre as rochas brancas sobre o mar  
Nausícaa te espera, bela e pura!

No último verso, Zerów queria dar a seguinte redação:  
“Nausícaa te espera, esbelto raio.”

Eu, no entanto, aconselhei a conservar a palavra “pura” como um contraste a Salomé.

O tema de Nausícaa foi desenvolvido por Zerów num outro soneto com este nome, onde o poeta saúda o helenismo como elemento saudável e salvador, contrapondo-se à perdição sombria, à voluptuosa paixão asiática. Como tal noção estava completamente de acordo com sua natureza pura!

Radiosa qual sereno no pomar,  
Ao róseo bater das ondas gregas,  
Sorri-lhe a alegria salutar.

Era bem o elemento daquela arte greco-romana cheia de vitalidade que, mais tarde, Khvylovy havia de saudar na sua visão da Renascença Oriental.

É interessante ver como Malaniúk respondeu também ao tema de Salomé, publicando no número 10 da revista VISNYK (= Mensageiro) duas poesias, retomando o tema de Fylypovytych. Seu tratamento de idéia assemelha-se à de Zerów.

Foi na Ucrânia fulva: com trovão  
Ouvia-se exorcismos do profeta,  
O sino antigo retumbava em vão,  
Em vão o ruivo pó subia em seta.

O filho pródigo, absorto então,  
Bebia a dança, esquecendo a meta,  
Seguia os ombros e a pestana preta,  
Dos olhos tonteantes o clarão.

Ela, qual sonho, flutuava no ar,  
Perita e incansável no pecar,  
Serpente em renda, bela força impura.

Não Sulamita — a brisa no calor,  
Não Rute que entre espigas colhe a dor,  
Mas Salomé — dos homens desventura.

A Herodiada atraíu-me também para seu círculo mágico, quando a diretoria do teatro de Kharkiw me encomendou a tradução do libreto da ópera SALOMÉ de Strauss. Terminado o trabalho, fui a Kharkiw entregá-lo, e foi então que se deu comigo uma aventura um tanto cômica. Não havia mais tempo para procurar um quarto livre no hotel, pois a hora já era avançada. Então, sem pensar muito, dirigi-me ao teatro. Fui atendido por um vigia que já estava bastante embriagado e que concordou em dar-me abrigo. Guiou-me até sua cozinha superaquecida, pôs sobre a mesa duas panelas enormes com ovos mexidos e aguardente. Assim começou sua hospedagem. Tentei agradecer-lhe, mas ele bateu com tal força o punho na mesa vociferando que os convidados não podiam recusar, que percebi imediatamente não ser o caso para brincadeira. Contudo, não me arrependi, pois os ovos eram bons e a aguardente era até gostosa, apesar de ser de fabricação caseira.

Depois de ceiar, meu vigia-hospedeiro conduziu-me à sala de espetáculos e propôs-me uma acomodação sobre as poltronas macias. Tentei deitar-me entre a primeira e a segunda filas, pois assim teria os encostos das poltronas para me impedirem rolar para o chão. Meu hospedeiro, no entanto, recusava-se inflexível:

— Não! O senhor merece maiores honrarias! Deve deitar-se na primeira fila!

Exigia aquilo com tão feroz insistência, com teimosia de bêbado que também aqui não permitia brincadeiras. Cedi. Só consegui me mudar para a segunda fila depois que ele se retirou para dormir.

Foi uma noite estranha: a cena aberta com seus cenários fantásticos, suas armações e decorações, e um luar pálido que penetrava por uma abertura qualquer em cima, talvez a cúpula de vidro, tornava tudo ainda mais fantasmagórico. Apesar disso, podia-se dormir bem. O vigia, pensando que eu fosse um ator, concluiu que, de certo, eu viera para representar um papel de segunda ordem, pois se fosse o papel principal, o diretor teria reservado um quarto no hotel antecipadamente. Eu sou homem que não sabe discutir e contentei-me com essa versão dos fatos, uma vez que meu anfitrião estava, evidentemente, satisfeito por haver acertado. Aquilo me aproximava dele e contribuía para criar uma atmosfera apropriada, semifraternal.

Infelizmente, a ópera SALOMÉ nunca foi levada ao palco ucraniano.

YURY KLEN, OBRAS, Toronto, 1960.

## PELO OUTONO

Yury Klen

Há nuvens sobre o coração cansado.  
O vento esgarça as tendas d'ouropéis.  
Matas chamejam em incêndios bravos,  
Em tão serena solidão do céu.

Minh'alma oscila como a folha ao vento,  
Cavalos pisam cardos, ao passar.  
Os anos, dias, horas e momentos  
São o pulsar do nosso coração.

CARAVELAS, Praga, 1943

## A PÁTRIA EM RUÍNAS

Yury Klen

De CINZA DOS IMPÉRIOS

Tudo perdeste, só teu céu florido  
Qual um tapete caro levarás.  
Que mais precisas, pobre peregrino,  
O que tua alma vem pedir a mais?

O vento poderoso, teu confrade,  
Carregará fiéis constelações,  
E sobre ti estará por toda a parte  
Dos astros pátrios ressurgida flor.

Onde vagares, em regiões estranhas,  
Encontrarás teu teto protetor:  
Repousam sempre sob o céu da pátria  
Mendigo, sábio, bardo e herói.

YURY KLEN, OBRAS, vol. II, Toronto, 1957

PAWLÓ TYTCHYNA (1891-1967) foi chamado de “príncipe da poesia ucraniana”. Estudou no Seminário Teológico da sua cidade natal Tchernyghiw, dedicando-se com zelo à leitura da Escritura Sagrada e à música. É o mais musical entre os poetas ucranianos. Mais tarde, em Kyiw, passou pelas treze mudanças sangrentas do governo, aplaudindo a renascença cultural ucraniana com sua coletânea CLARINETAS DO SOL (1918). Outras obras: EM VEZ DE SONETOS E OITAVAS (1920), ARADO (1920), NA ORQUESTRA CÔSMICA (1924), VENTO DA UCRÂNIA (1929). Sua poesia destes anos não se enquadra dentro de uma escola literária. Conhecedor de uma dezena de línguas, principalmente orientais, Tytchyna podia ter sido tocado por sua magia. O folclore influi diretamente na sua obra. A partir do ano de 1922, passou a viver em Kharkiw, então a capital da Ucrânia, colaborando com Khvylovy e Blakytyny nas recém-formadas associações dos escritores ucranianos TEMPERO e VAPLITE. Porém, sob a pressão do regime, Tytchyna cessa de ser o grande poeta original para se tornar um trovador do tirano, sem personalidade nem originalidade, salvando com este preço sua vida.

Descerrai a porta —  
Eis a noiva vem!  
Descerrai a porta —  
Anilado azul!  
Corações, corais: risonho  
                                Sonho,  
Sol!

Descerrou-se a porta —  
Noite sem luar.  
Descerrou-se a porta —  
Sangue ao redor.  
Inchorável mar, lamento —  
                                Vento,  
Dor.

CLARINETAS DO SOL, Kyiw, 1918



PAWLÓ KOWJÚN: CAPA DA ANTOLOGIA POÉTICA "MURMÚRIO DOURADO"  
DE PAWLÓ TYTCHYNA, LVIW-KYIW, 1922

Andava pelo campo  
Por sulcos e veredas,  
A dor feriu o peito  
Com rútilas espadas.

Olhou — sereno tudo,  
Um morto nas espigas,  
Os talos sonolentos:  
— Alegra-te, Maria!

Os talos sonolentos:  
— Não vás, não vás embora.  
Parou a Mãe de Deus —  
Orvalho, quando chora.

Nem lua, nem estrelas  
E não raiava o dia,  
O coração humano  
Ao fundo empobrecia.

II

Andava pelo campo  
O verde florescia.  
Discípulos de Cristo:  
— Alegra-te, Maria!

Alegra-te, Maria,  
Buscamos nosso mestre.  
Nos dize: qual mais reto  
Caminho que nos leve? —

Ergueu as mãos Maria  
Sem sangue, como lírios:  
— Não ide a Galiléia  
Nem a Judéia, filhos.

Mas ide para Ucrânia.  
Entraí em cada casa,  
Então vereis sua sombra  
Na cruz crucificada.

### III

Andava pelo campo  
Os campos em ruína,  
E o vento lhe anuncia:  
— Ressuscitou a Vida! —

— Ressuscitou? Não vejo,  
Não ouço, não sei nada.  
Que luz o céu derrama  
Na terra ensangüentada? —

— Ressuscitou, Maria!  
Nós, flores de massacre,  
Nascemos aos milhares  
Do derramado sangue! —

As vilas, longe, calam,  
Os campos em ruína,  
Só a meiga flor cochila:  
— Proteja-nos, Maria!

### IV

Andava pelo campo:  
— E deve consumir-se  
A terra que Ele amava  
Além do seu limite?—

Olhou — sereno tudo,  
Selvagem a cevada.  
— Por que motivo foste  
Assim martirizada? —

Não suportou o tormento,  
Não suportou a tristeza,  
Em cruz abrindo os braços  
Caiu na vereda.

—Alegra-te! — cantavam  
As loiras espiguiñas,  
E os anjos nas alturas  
Não viam nem ouviam.

I

Deito para dormir.  
Três anjos na cabeceira estão.

O primeiro anjo tudo enxerga.  
O segundo anjo tudo ouve.  
O terceiro anjo tudo sabe.

E veio-me no sonho  
O filho.

Ele sozinho contra o inimigo investe,  
Aquele o cerca, direto no peito fere,  
O primeiro anjo seus olhos verte.

Parece o campo verde, plano.  
— Vai, filho! — Adeus, mãe! — Ouve-se o canto.  
Levanta-me a cruz o segundo anjo.

E o vento: — Não fiques triste! Não conhece a morte  
Quem pela Ucrânia morre! —  
(O terceiro anjo alegre as flores).

E veio-me no sonho  
O filho.

II

À direita — o sol.  
À esquerda — a lua.  
Em frente — a estrela.

— Abençôo-te, filho, contra o inimigo! —  
E ele: — Mãe querida!  
Não há, — diz, — inimigo  
E não haverá.  
Só temos um inimigo —  
O coração.

Abençoe-me, mãe, a procurar ervas,  
A procurar a cura contra a nossa loucura. —

Levantei para a cruz a mão —  
Junto a mim — ninguém mais no chão,  
Só do corvo o grito vão...

À direita — o sol.  
À esquerda — a lua.  
Em frente — a estrela.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

Ritmo:

Quando passam duas moças esbeltas — papoula  
rubra nas tranças —  
— bem longe! jovens planetas!  
Flutuam. Se afilam. Átomos de trégua no mundo,  
no mundo de trevas! Dançam, levantam poeira...  
Os sóis se põem em torno. Emanam faixas de luz  
pelo universo.  
Duas moças.

Antístrofe:

Serviu leite às crianças famintas,  
sentou-se a pensar...  
E sobre a jarra, como de olhos cegos, rolaram  
lágrimas. Rápida a primeira, a segunda  
a contragosto  
atrás...  
Duas moças.

ARADO, Kyiw, 1920

MYKOLA KULICH (1892-1937?), nascido na região de Korsun', é o maior representante do drama ucraniano moderno. Entre suas obras, três serviram para o renascimento do teatro nacional: MALAKHY PLEBEU (1928), MYNA MAZÁILO (1929) e MAKLENA GRAÇA (1933). Foi o regente Les' Kurbas com seu conjunto BEREZIL que conduziram o teatro ucraniano ao nível moderno europeu. Infelizmente, a maior obra de Kulich: SONATA PATÉTICA (1930) foi proibida na Ucrânia pelo governo comunista e o autor, igualmente como seu amigo Kurbas e tantos outros intelectuais no tempo de perseguição stalinista contra a cultura ucraniana, foi preso e não voltou do cativeiro. Os dramas de Kulich se caracterizam pela maestria na composição de diálogos e uma sátira fina.

COMPADRE Tu vais, mesmo, embora? Olha, tua mulher está desolada, tuas filhas se curvaram como vimes sobre uma lagoa na estepe... Olha, até teu canário ficou triste.

MALAKHY aproximando-se, pensativo, da gaiola. Todos prendem a respiração. Ele tira a gaiola do lugar:

Assim também eu estive preso em uma gaiola durante os melhores anos da minha vida. Abre a gaiola e solta o canário. Voa, passarinho, para os espaços azuis. Voltando-se para os presentes: Adeus!

COMPADRE fazendo um sinal ao regente do coro, diz a MALAKHY: Tu vais morrer, compadre! Não vás!

MALAKHY Que me importa?

COMPADRE Mas por que razão?

MALAKHY É por um fim muito alto.

Sua filha LUBÚNYA começa a tocar o harmônio, o REGENTE faz um gesto com os braços, e o coro principia o cântico "A paz da misericórdia, o louvor do sacrifício" MALAKHY fica um instante parado, querendo dizer alguma coisa, mais o BAIXO não lhe permite. Cobrindo com sua voz todas as outras, até mesmo a do harmônio, com as veias entumecidas, entoia "Já os temos para o Senhor".

MALAKHY sorrindo com amargura para o COMPADRE: Já varri da minha alma as teias da religião, mas não sei porque esse canto me comove de maneira tão estranha... O CORO faz-se ouvir: "É digno e justo adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível". Desde criança, eu me lembro de ouvir cantar isso na festa de Pentecostes. Imaginava, então, que Deus descia sobre nossa cidadezinha e andava pelas várzeas espalhando incenso... Era um velhinho de cabelos brancos, vestindo alvas roupagens, de olhos tristes... Caminhava incensando os campos de centeio, as flores, a Ucrânia toda. Dirigindo-se ao COMPADRE. Ouve? O turíbulo tilinta e as calhandras estão cantando.

COMPADRE Domingo, na igreja, iremos cantar "A paz da misericórdia". Fica Conosco! Segura MALAKHY pela manga, querendo tirar-lhe a bolsa pendente do ombro.

MALAKHY Voltando a si, de repente: Deixa-me! Este cântico é peçonhento, calem-se!

COMPADRE Fazendo um gesto com a mão: Cantem!

MALAKHY Ah! Foste tu quem contratou o coro da igreja, para me envenenar novamente com cantos e incenso! Mas não vais mais consegui-lo! Escuta: alguém se aproxima do teu velho Deus, alguém vestido de vermelho alguém cujo rosto não se vê, e atira uma granada!

O CORO troveja: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, o céu e a terra estão cheios de Vossa glória..."

É o fogo que passa pelas estepes floridas da Ucrânia... Olhem! O céu cai despedaçado, e quarenta mártires voam de cabeça para baixo: Cristo, Maomé, Adão, o Apocalipse, rolam no chão... E a constelação de Câncer e de Capricórnio se desfazem em poeira, em nada! O CORO canta em alta voz. Ouves? Soam os clarins... Os clarins da revolução! Vejo na distância o socialismo azul. Vou-me embora. À sua MULHER: Adeus, sê feliz, minha velha...

Nota do tradutor: Em vez do "socialismo azul", MALAKHY encontra... bares, lupanares, asilos para loucos e cadeias. Desiludido exclama:

**MALAKHY** Alô, alô! Comuniquem pela rádio a todos, todos, todos que vivem na Ucrânia — aos homens, aos álamos, aos salgueiros, às estepes, aos vales e às estrelas do céu... comuniquem que Malakhy plebeu, socialista, está dominado pelo desgosto e uma lágrima prateada corre sobre seu bigode branco e vai cair no verde mar. Que tragédia! E que ele se consome nos seus sonhos azuis...

A RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1958

MYKOLA KHVYLOVY (1893-1933) nasceu em Trostianka, na região de Kharkiw, de uma família operária de sobrenome Filitov; foi um autodidata. Representou um papel importante no Partido Comunista da Ucrânia de 1920 a 1933. Nos últimos anos de sua vida, iniciou uma campanha contra a supremacia cultural russa no seu país, lançando a chamada: "Fora com Moscou!" sem romper, no entanto, com o Comunismo. Não podendo unir sua sensibilidade de verdadeiro poeta à realidade cruel, suicidou-se em 1933. Khvylovy entrou para a literatura como novelista e romancista de talento. Obras: ESTUDOS AZUIS (1923), O OUTONO (1924), O NOVEMBRO AZUL (1926), AS GALINHOLAS (1927). Na novela SOLONSKY YAR, o autor descreve a luta do regime comunista na Ucrânia contra os guerrilheiros nacionalistas

Ressoou um tiro sobre Solonsky Yar e, no mesmo instante, o mais profundo silêncio reinou em torno da aldeia. Eles se aproximaram das casas no bairro de Gholokhvasty.

— Os donos estão em casa?

As mulheres saíram, olhando os cavaleiros, assustadas, mas reconhecendo os rapazes da aldeia de Mlynky, puseram-se a bater palmas.

— Que o diabo leve vocês! Que susto nos pregaram! Já pensávamos que eram os comunistas que haviam chegado de repente!

Sawkó olhou severo e indagou:

— Onde está o chefe?

— Que "chefe"?

— Quero dizer: o prefeito.

— Devias ter dito logo assim... Marfa! Vai chamar o prefeito.

O prefeito veio imediatamente.

— Onde estão teus rapazes de Gholokhvasty? Veio ordem do distrito para prendê-los.

O prefeito sorriu:

— Como hei de apanhá-los? Meu Deus, aqui a mata, graças ao benfazejo São Nicolau, não falta, há muito lugar para se esconder. — E piscou com o olho quase cego:

— Espera aí, Sawkó, vou trazer alguma coisa. Chegaram visitas, é necessário fortificá-las.

— Não toquem nem num prego. Cumpram seu dever!

O homem da milícia ruivo coçou a nuca embaraçado:

— Escuta, Sawkó, um golezinho não fazia mal!

Mas o "chefe" de Mlynky a nada atendia; ordenou a seus rapazes que tirassem as roupas dos baús dos moradores e o prefeito que arranjasse uma carroça. As mulheres começaram a gritar e a lamentar-se; o prefeito ficou inquieto. Da mata de Solonsky Yar elevou-se um murmúrio surdo. Em todas as casas, os baús foram abertos e as roupas levadas para a carroça. Abandonando a aldeia, Sawkó prometeu queimar esse ninho, se os guerrilheiros de esporas não se apresentassem espontaneamente a Mlynky.

Assim que os cavaleiros e a carroça desapareceram na mata, aproximaram-se das casas furtivamente vultos de homens. Ouviu-se ainda por muito tempo o murmurar contido de Solonsky Yar.

Em Mlynky, a feira zumbia. Crianças ciganas puxavam as caudas dos cavalos e lançavam gritos como o faziam há duzentos anos. As vendedoras azafamavam-se e conversavam. Junto às brilhantes pilhas de louças, achavam-se os honestos oleiros da região de Poltava. Sawkó e o ruivo miliciano carregavam pela feira as roupas tomadas à aldeia de Solonsky Yar, gritando:

— Boa gente, vinde reconhecer o que é vosso!

Pessoas chegavam perto, apalpavam as roupas, sacudiam a cabeça, mas ninguém tinha coragem de verificar o que era seu. O sol brilhava palidamente sobre a multidão; ameixas e maçãs rescendiam. Cheirava também a suor dos cavalos. Pacíficas vacas mugiam.

Um homem baixinho aproximou-se de Sawkó. Vestia um paletó rasgado, e a face era enrugada. Parecia estar quase a ponto de chorar. Apalpou o lenço verde acariciando-o e disse em voz que mal se podia ouvir:

— É, sem dúvida, de Dun'ka... da minha Dun'ka... — mas desapareceu, de súbito, mergulhando na massa do povo. Só perto da cooperativa de consumo aproximou-se outra vez de Sawkó e, com a voz quase inaudível, como ervilhas a caírem no chão, perguntou:

— O que achas, Sawkó? A guerra vai durar ainda muito tempo?

Depois, novamente, apalpou o lenço verde e suspirou:

— É de Dun'ka, sem dúvida alguma...

As ovelhas balem. O rebanho passa pela feira e a poeira esconde o sol. Em alguma parte, os vendedores de porcos gritam, e a algazarra corre através da pastagem até onde se acham as casas dos senhores, fechadas.

— Boa gente, reconhecei os vossos bens!...

Sawkó não nota a raiva, o ódio com que os habitantes de Solonsky Yar o olham. Quando porém se volta para o lado deles, viram-lhe as costas, e pelas costas somente o pai do diabo pode ser reconhecido...

MYKOLA KHŪVYLOVY, CONTOS, Praga, 1940

## Fragmento

OLEKSANDER DOWJENKO (1894-1956), nasceu na região de Tchernyghiw. Assistiu, em Kyiw, treze sangrentas mudanças de governo. Queria ser pintor. Nos anos 1919 em diante, colaborou com a ala esquerda na Ucrânia, viajou a Varsóvia e Berlim em função diplomática. Em 1923, voltou a Kharkiw e tornou-se colaborador de VAPLITE. É o maior criador do cinema ucraniano, admirado por Ingmar Bergman que confessou ser Dowjenko seu mestre. Seus maiores filmes caem na época da renascença ucraniana durante o regime de Mykola Skrypnyk: ZVENYGHORA (1928), ARSENAL (1929), A TERRA (1930). Com a perseguição da cultura ucraniana nos anos seguintes, Dowjenko não pode desenvolver seu gênio. Seus projetos foram deturpados, modificados. Dois filmes póstumos: A EPOPÉIA DOS ANOS DE FOGO (1961) e A DESNA ENCANTADA (1964) revelam parcialmente sua potência poética. Ele foi o maior épico do cinema, trazendo à tela os eternos temas da humanidade, implantados liricamente na terra ucraniana.

Não sei se foi verdade, ou se sonhei, ou se os sonhos se entrelaçaram às lembranças e às recordações das lembranças — não me recordo. Lembro-me apenas que o avô era muito velho e que se assemelhava à imagem de um daqueles santos que protegiam e enfeitavam nossa velha casa.

Se olhasses para o pomar, por entre as macieiras, pereiras, groselheiras e arbustos de uvas-espim, sem falta lá branqueava sua barba luminosa.

Lembro-me ainda: era um lindo dia de verão e tudo em torno parecia belo — o pomar, a horta, os girassóis, as papoulas e os prados para além da horta. No pomar, justamente ao lado da adega, sob a macieira, no meio das maçãs e peras, sobre a antiga cobertura branca, vestido com camisa branca, todo alvo e transparente de velhice e de bondade, estava estendido meu avô Semén, outrora viajante mercador de sal.

Tinha cem anos, talvez um pouco menos, mas é-me agradável pensar que era justamente cem, pois isso se passava há muito tempo e era lindo. Ele se achava deitado como numa pintura, belo também. Parecia resplandecer um pouco, e mesmo se não resplandecesse, dava essa impressão, pois sorria, e isso se passava num domingo ou algum dia santificado.

Junto do avô, assentado sobre um tronco de macieira cortado, estava seu companheiro e confrade Ghryghory, também muito idoso, mas pela ausência de barba, um homem privado de traços divinos. Embora não usasse barba, Ghryghory possuía severos bigodes grisalhos que o tornavam semelhante a um guerreiro antigo. Outrora, fazia já muito tempo, Ghryghory, assim o avô nos contou, fora o jovem mais forte de toda a região. Pelas estepes todas, de Tchernyghiw e Konotóp a Stawropol, Berdiánsk e Yassy até a própria Moscou, pelas cidades entre as quais eles haviam vendido o sal e o álcool transportados pelos bois durante uns quarenta anos, jamais se vira um homem igual a ele. Não era de muitas palavras e parecia um tanto misterioso, mas tinha pelo avô uma amizade fiel e visitava-o pelo menos três vezes ao ano. Vestia-se com cuidado, andava de igual maneira sempre bem composto e concentrado e, assim parecia, estava sempre a pensar n'alguma coisa. Assim, agora, permanecia sentado junto ao companheiro, calado. Depois perguntou:

— Estás morrendo, Semén?

— Estou, sim, Hhrvtskó, — confessou o avô em voz baixa e, sorrindo de leve, cerrou os olhos.

A mãe chegou e, percebendo o que se passava junto da macieira, ficou pensativa.

— Então... Vá morrendo, — disse Ghryghory e voltou as costas.

Sobre a grama, em meio às maçãs caídas, estava sentada uma das nossas crianças que ainda nada sabia da vida. Segurando com as mãos uma maçã, tentava teimosamente mordê-la com seus dois primeiros dentinhos, mas a maçã era demasiadamente grande para sua boquinha.

— Vá morrendo, Semén, — dizia Ghryghory, — mas quando estiveres morto, dá-me um sinal do outro mundo, do paraíso ou do inferno, dizendo-me como te encontras.

— Está bem, Ghrytskó, — prometeu o avô, preparando-se para sua última viagem.

— Se for possível, avisarei sem falta. Virei em sonhos, ou aparecerei, de qualquer maneira. — Mansamente considerava ele um modo ingênuo de manter relações com o além.

Mas como o avô jamais sofrera de moléstia alguma, ele não morreu logo. Pelo contrário, sem qualquer ajuda dos outros, ergueu-se ainda com leveza, sentou-se e olhou a sua volta. De casa vieram saindo seu filho Opanás e os netos Vassyl e Oryssia com uma tigela de peras.

— Talvez fosse bom comer alguma coisa? — pensou em voz alta o avô, olhando a família, e quando Oryssia lhe apresentou a tigela com peras, ele escolheu uma, esfregou-a contra a manga da camisa branca e principiou a comê-la. Era das suas preferidas, casca vermelha, mas parece que já tinha comido a última de suas peras, pois apenas mastigou esta um pouco como de costume, o coração principiou a parar, e ele o percebeu: colocou a pera de lado, ajeitou a barba e a camisa, olhou a todos novamente, cruzou as mãos sobre o peito e disse com um sorriso:

— Então, adeus. Eu vou morrer. — E, deitando-se silenciosamente, expirou.

Aqui, provavelmente se inicia a primeira cena do filme, apesar de, aparentemente, também nada de mais acontecer adiante.

A morte do avô não provocou a menor agitação no mundo em torno: as nuvens não trovejaram, nem raios de mau augúrio cortaram o céu com solene clarão, nem as tempestades arrancaram poderosos carvalhos com suas raízes. Sobre o céu do meio-dia, como antes, não havia nuvem nenhuma. Silêncio envolvia tudo. Apenas, em qualquer lugar, uma maçã caía sobre a relva — era tudo. Todo o claro mundo dos girassóis permanecia parado como um coro de crianças formosas que erguiam para o alto seus rostos radiosos. E sobre suas faces, moviam-se silenciosamente as douradas abelhas, abandonadas pelo avô.

## Comédia Cinematográfica

O sub-porta-estandarte Nesmatchny<sup>1)</sup> me maltrata.

Deito-me para dormir. Sonho com a revista do regimento. Entrego ao tzar que o inspeciona minha queixa contra Nesmatchny no justo momento em que o tzar chega ao ponto da fila em que estou.

O tzar lê minha queixa. Zanga-se. Seu rosto arde de revolta. Ordena que fuzilem Nesmatchny imediatamente. Rufam os tambores.

Eu acordo. Quartel. Tambores. Em minha frente, na parede, pende o retrato do tzar. Sei que há preparativos para a revista. Então, o sonho foi vantajoso.

Escrevo a queixa contra Nesmatchny.

Eu estou no desfile da tropa. O povo. A milícia.

O tzar está chegando. Um gato cruza seu caminho. A comitiva volta, mas apesar disso, o presságio do gato não se frustrou e ficou valendo. De qualquer maneira, creio em diversos presságios durante a guerra.

O tzar passa de carruagem pela rua. Anda a pé, apoiando-se em bengalinas. Um cachorro se atira contra sua Majestade e começa a latir brutalmente, o que provoca enorme susto no tzar que nunca antes se vira em semelhantes situações. O tzar começa a gritar como louco e se joga no meio de uma poça a qual suja inteiramente seus sapatos, ou — antes — botas. O professor da escola paroquial Chvatchka-Voinarovytch, dono do cachorro que latia para o tzar, salta do pátio para a rua, e eis que o general Voyeykov lhe grita: — Olha, filho de uma cadela, é o tzar! — Então, de susto, aquele começa a gritar: — Hurra! — em vez de prender o cão, e o resultado é que o cachorro latidor, sendo uma criatura ininteligente, agarra-se rosnando à bota do tzar, com o que o humor do dito cujo se deteriora completamente. Mas nem aí termina o fato. Quando um gato, sobretudo se for preto, cruzou o caminho, então, seja você não apenas um tzar, mas o próprio diabo, não escapas da má sorte.

Então, tendo o tzar batido com qualquer coisa na nuca do professor Chvatchka-Voinarovytch, como resultado o professor logo bate com a ponta do sapato no cão que ladra, tendo interrompido desta maneira o jubiloso grito “Hurra!”, o mencionado cachorro pula para o pomar e, sentando-se como se nada houvesse acontecido, cala-se com um ar muito interessante.

E daí, acontece aquilo que fora a razão do gato cruzar o caminho da comitiva do tzar: o coronel de brigada Kotchubey, neto daquele Kotchubey<sup>2)</sup> que todo o mundo conhece, vendo o tzar em perigo, lança-se, por ordem do general Voyeykov também por cima da cerca do pomar para punir o cachorro, contra o qual dispara com sua pistola cinco balas, todas elas fora do alvo.

Então, um menino da vizinhança, o qual estivera no meio desta história, vendo como disparam contra o cão, pega também na sua atiradeira e lança-lhe um feijãozinho, atingindo bem em cheio a cabeça do cachorro que, uivando de dor, se manda para onde Judas perdeu as botas. Esta fuga inesperada e espontânea do cão age sobre o sistema nervoso do coronel Kotchubey, pois este se põe a rodopiar no mesmo lugar onde está e, de repente, fazendo um autojulgamento, atira contra si próprio, querendo, de certo, provar, alguma coisa ao tzar. Fosse por sentir tanta vergonha, fosse por tanto temor do tzar, ou por esses dois motivos — quem sabe?

Depois de um mal-entendido tão desagradável, o tzar vem até a praça, junto a nós, numa disposição bem pouco satisfeita. Quando, após a ordem do comando, nós lhe damos um “Hurra!” prolongadíssimo, ele torce a boca, como se

estivesse enfadado com o nosso brado e caminha ao longo das fileiras. Atrás dele vem a comitiva. E o nosso comandante, o general Nepeyghoríltchenko<sup>3</sup>). Só que o tzar não anda como eu sonhei, junto a nós, e sim a uns trinta passos de distância da primeira linha. É isso o que se dá.

Agora, como entregar-lhe minha reclamação? E por cima de tudo, minhas mãos estão ocupadas segurando o fuzil em posição de guarda. Ele está chegando à altura em que eu estou, já vai passando adiante. Má sorte! Então eu ponho o fuzil de baixo do braço direito, com a esquerda tiro a reclamação de dentro da camisa e corro para alcançá-lo:

— Majestade!

Alguém grita:

— Pára!

O pobre tzar, lança um olhar para trás.

Vê que atrás dele vem correndo um soldado — quer dizer eu — com o fuzil a tira-colo, como quem vai atirar. Sou eu atrás dele. O que fazer! E ele põe-se a correr ligeiro — apesar de ser o tzar — com suas perninhas tip — tip — tip.

— Parai, Majestade, — digo eu.

E ele: —Ó, meu Deus! Ó, meu Deus!

Lá atrás, gritos, tropéis, ordens de comando.

Querem atirar em mim. Mas receiam, Deus não o permita, cometer um engano. Que fazer? O tzar e eu corremos, corremos nós dois. Já não sou eu mesmo. Nem me vem à mente a idéia de parar. Peço a Deus que me fuzilem por detrás, para não passar por tamanha vergonha. Ele, coitado, talvez tenha compreendido que não devia correr, mas era tarde demais. Era mister correr, tal a situação.

Agora novo problema: para onde deve correr o tzar? Eu próprio pensei mais tarde, várias vezes, analisando a situação. Para onde eu correria, pensei, se eu fosse o tzar e algum soldado me perseguisse com um fuzil e uma tão grande determinação em tempo de guerra, numa zona de atos marciais? Certamente, já que comecei a correr, eu não correria à direita, em direção aos soldados, pois isso poderia fazer abortar meu prestígio no exército. Também não poderia correr até a minha comitiva, pois esta ficara para trás, e eu seria obrigado, então, a passar pelo soldado que me alcançava. Evidentemente, eu só correria para frente, em direção à latrina do regimento, o que o tzar realmente fez. Bem, não vou continuar. Pois, tendo pulado lá para dentro, principiou também ali o brado “Hurra!”, em seguida ao que de lá surgiram correndo soldados assustados, espalhando-se para todos os lados, levantando depressa suas calças, desculpem.

1) Rabujento

2) Alusão a Vassyl Kotchubey, traidor do ghet'man Iván Mazepa e aliado de Pedro I da Rússia.

3) Nao-beba-cachaça

MAIK JOHANSEN (1895-1937) nasceu em Kharkiw. Era de origem sueca, por parte do seu pai. Um dos mais expressivos mestres da palavra poética, também tradutor, teórico da literatura, tornou-se um dos fundadores da literatura ucraniana soviética, embora estivesse longe da vida política. Era assistente da cátedra de Língua Ucraniana, na Universidade de Kharkiw. De 1921 a 1933, saíram publicadas sete coletâneas de poesias de Johansen, sendo as mais importantes ÀS ALTURAS (1921), FREIXO (1930) e POESIAS (1933). Escreveu, também, contos e romances. Por pertencer à organização dos escritores soviéticos ucranianos VAPLITE, foi preso na época mais dura de perseguição contra a cultura nacional, em 1937, e fuzilado.

Azulam à tardinha os vales,  
O rio fala com as margens.  
    Misteriosas,  
Fumegam tendas brancas —  
    Celestes véus:  
Ceia das matas a ferver.  
Mais próxima a tarde aborda,  
Mais baixo choram ervas-cordas.  
    Calmos, ditosos,  
Poetas — bosques  
    Navegam céus.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

A MADRUGADA

Maik Johansen

A estrela esmoreceu de temor  
sobre a mata  
(há muito morreu a lua),  
o capim vermelho grita no levante,  
a rubra beterraba vai se erguendo,  
sempre mais alto, mais alto;  
assobiou, bateu, explodiu em centelhas  
— a manhã.

MODERNA POESIA UCRANIANA, Philadelphia, 1950

MAKSYM RYLSKY (1895-1964) foi um dos maiores poetas dos anos de 1917-1933. Nasceu na capital ucraniana, onde frequentou a Universidade, sem, no entanto, terminá-la, dedicando-se à criação literária. Possuía o íntimo contato com a Natureza, preferindo a vida na aldeia, no meio de seus livros, à agitação da metrópole. Era um dos componentes do grupo dos neoclássicos, um tradutor brilhante. Obras: NAS ILHAS BRANCAS (1910), SOB AS ESTRELAS OUTONAIAS (1918), DISTÂNCIA AZUL (1922), ATRAVÉS DA TEMPESTADE E NEVE (1925), DÉCIMA TERCEIRA PRIMAVERA (1926), ONDE OS CAMINHOS SE ENCONTRAM (1929) e outras. O poeta foi atacado pela crítica soviética como alguém que se refugiava da realidade para um mundo bucólico. Rylsky foi preso em 1931, capitulando em seguida diante do regime e aceitando a ideologia oficial.

A andorinha voa, pois tem asas,  
E Ghanússia ama, — veio a vez.  
Onda verde, se ergue a montanha,  
O degelo chama ao convés.

Bordos tenros dobram seus joelhos,  
Pombos vêm as nuvens pratear,  
Tudo, tudo em breve deixaremos  
Por um vôo azul no infindo mar.

Gire e torne nossa terra gasta  
Em redor da lâmpada, talvez!  
A andorinha voa, pois tem asas,  
E Ghanússia chora, — veio a vez.

MAKSYM RYLSKY, OBRAS, Kyiw, 1961

TINIU A CHAVE

Maksym Rylsky

Tiniu a chave do lar... Solidão laboriosa e tranqüila  
Vem acender minha luz, branco papel me estender.  
No peitoril, meu gerânio virou baobá gigantesco,  
Sobre a parede azul voga uma estranha nau.

Gritos de nautas ecoam de longe, como das águas,  
Diáfano vento me traz sua asa molhada do mar,  
Ao alegrar o velame, bordado com seda ardente,  
Sopra das ilhas ignotas perfumes de plantas do sol.

MAKSYM RYLSKY, OBRAS, Kyiw, 1961

MACIEIRA

Maksym Rylsky

— Regue esta macieira, de maçãs  
Tão carregada! Que dê frutas, sã! —  
Disse a esposa, cheia de ternura.  
— Esta macieira é grávida — oxalá  
Que cresçam frutas, como cresce a lua! —

Esta macieira é vida de nós dois,  
No filho incorporada e resumida,  
Que se levante este pomar em sóis,  
Lá, onde a mãe chorava na ruína.

MAKSYM RYLSKY, OBRAS, Kyiw, 1960

TEODOSY OS'MATCHKA (1895-1962), natural de Tchernyghiw, era professor secundário em Kyiw. Quando o processo literário ucraniano foi aniquilado na 4ª década do século, o poeta resolveu abandonar a pátria; foi, porém, preso na fronteira e posto numa clínica psiquiátrica. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, Os'matchka emigrou primeiramente para a Alemanha, depois para os Estados Unidos da América do Norte, levando uma vida angustiada entre os continentes e trabalhando freneticamente nas suas obras até a morte na clínica psiquiátrica em Long Island. É um poeta trágico que conta — como Chewtchenko — a injustiça cometida ao povo ucraniano. O homem, na sua obra, é predestinado à solidão e à procura da Verdade num universo alheio. Obras: PENHASCO (1922), FOGOS CITAS (1925), POETA (1947), CAVALEIRO DA HONRA (1946); traduções de Shakespeare e Wilde.

Quando a mãe a mim banhava  
na reseda,  
Dyw no berço sacudia  
as estrelas.  
Inclinava sua fronte  
jovem lua  
aos pesinhos da criança  
na água pura.  
Escorria de sua face  
água-brilho,  
enxaguando com a prata  
o menino.  
Quando a mãe me deu o banho,  
entre os astros  
colocou-me no meu berço,  
como em campo.  
Como em campo, na colina,  
junto ao rio,  
onde embalam as espigas  
loiro trigo.  
Meu coração ficou na água  
por descuido.  
A mãezinha derramou-o  
no viburno.  
Gotejou de dentro prata  
sobre o trevo,  
rouxinóis a beliscaram  
em espelhos.  
Camomila foi nascendo  
nos orvalhos,  
e caiu a lua dentro  
do seu lago.  
Espraiou-se a camomila  
pela terra  
e lavou-lhe o mar celeste

a cabeleira.  
Um falcão tendeu as asas  
sobre a estepe,  
e caíram as neblinas  
de asas leves.  
Foi murchando a camomila  
na garoa,  
mas colheu-na dentro de ervas  
uma moça.  
Eu nas tépidas estrelas  
a procuro,  
tanjo sinos de sereno  
pelo mundo.

FOGOS CITAS, Kharkiw, 1925

LEONÍD MOSSENZ (1897-1948) nasceu na região de Podila. Formou-se químico, dedicando-se, mais tarde, à literatura. Emigrou primeiro para a Polônia, depois para a Tcheco-Eslováquia. Em 1931, Mossenz defendeu sua tese de doutoramento sobre os derivados do petróleo, começando uma série de publicações científicas. Em 1945, ele teve que abandonar sua mulher e filha, fugindo das tropas soviéticas para a Áustria, vivendo em Seefeld e Salzburgo. Em 1946, viajou para a Suíça em tratamento de tuberculose pulmonar, onde morreu. Obras: ZODÍACO (1941); KANITVERSTÁN (1945), O ANO DE VOLÍNIA (1948); O ÚLTIMO PROFETA (1960) e outras. Era um poeta erudito, de pensamento filosófico. Suas obras em prosa (como o romance póstumo) são superiores à sua poesia.

Põem-se estrelas. Sobre as matas mudas  
pendeu azul-marinho o horizonte.  
Um sôpro morno pelo campo corre,  
alguém se inclina sobre a terra nua.

Em benção suas boas mãos estende  
e quase toca a neve cor-da-lua.  
Na quietude os sons distingo leves  
do acorde, cujo nome diz ternura.

ZODÍACO, Praga, 1941

YEWGHÉN MALANIÚK (1897-1968) nasceu na região de Korsun'. Estudava no Ginásio Real de Yelysavét. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi oficial do exército da República Nacional Ucraniana, sentindo-se a vida inteira combatente. A partir de 1921, Malaniúk viveu na emigração. Em Praga, concluiu os estudos de Engenharia; depois, viveu em Varsóvia. Suas publicações provocaram entusiasmo em intelectuais soviéticos e ódio em seus governantes. Durante a Segunda Guerra Mundial, viveu na Alemanha, emigrando em seguida para os Estados Unidos da América do Norte. Morreu em Nova York. Obras: HERBÁRIO (1926); TERRA E FERRO (1930); MADONA TERRESTRE (1934); ANEL DE POLICRATO (1939); QUINTA SINFONIA (1954); A ÚLTIMA PRIMAVERA (1959); AGOSTO (1964) e outras. É um poeta viril, heróico, escolhendo a temática severa. Em últimas obras, acentua o lirismo individual.

Tu és jônica branca coluna:  
A neve ao sol de verão,  
Escondes teu colo, ó pura,  
Nos lírios — coxas e mãos.

Tua imagem, madona terrestre,  
Não posso ofender com olhar:  
Nas faces papoulas florescem,  
Na testa — uma flor de coral.

Debate-se o sangue nas veias —  
Um pássaro no vento anil.  
Em que góticas cantilenas  
Cantar teu hino-jasmim?

No céu — a Madona dos coros,  
Na terra — tu brilhas a nós  
E guardas na concha do colo  
A pérola pura de amor.

COORDENADAS, Nova York — Munique, 1969

YEWGHÉN PLUJNYK (1898-1936) foi uma personalidade cristalina. Nasceu numa numerosa família camponesa. (“Eu sou como todos os outros. Até as calças de linho.”) Primeiro era professor na escola primária, depois tentou várias profissões, escolhendo finalmente a literatura. Obras: DIAS (1926), OUTONO PRECOCE (1927), EQUILÍBRIO (1948). O último livro, escrito no tempo de extermínio da intelectualidade ucraniana nos anos 1929-1935, foi publicado no Oeste (Augsburgo). Doente de tuberculose hereditária, Plujnyk foi deportado a Solovky em Sibéria, onde chegou a falecer. Sua técnica de “pontilismo” anexa-o aos impressionistas.

— Seja feita tua vontade,  
Meu tempo,  
Nesta terra cansada!  
Sou um pequeno inseto  
Na tua indiferente palma.

Ai, caíram frutos encarnados  
Nos tranqüilos, calmos campos...  
Meu povo!  
    Ignorante e descalço!  
Santificado seja teu nome!

Que floresçam novos centeios  
Com a flor altiva da glória!  
Ai, tu paixão minha santa —  
Tempo sangrento!

A todos teus filhos sacrificados  
E àqueles  
Que serão mortos,  
Para que ressurjam num mito eterno,  
    A todos  
    Eles  
        — Hosana!



**YURY SOLOVIJ: PROJETO AO MONUMENTO A TARÁS  
CHEWTCHENKO EM BUENOS AIRES**

O monumento compõe um pesadelo de portas, fechaduras, cadeados, grades, grilhões que pendem sobre a humanidade oprimida. Um constante toque de sirene nele instalado seria alerta para os tempos futuros.

DMYTRÓ FÁLKIWSKY (1898-1934) nasceu em Políssia, estudou no ginásio de Brest'-Litówsk. Como jovem, dedicou-se à idéia do Comunismo, mas em breve acordou dos seus sonhos, vendo a cruel realidade com milhares de vítimas inocentes e sentindo sua trágica culpa por esta participação ideológica. Fálkiwsky voltou arrependido à sua região de florestas e lagos, porém foi preso em seguida e fuzilado. Obras: PASTOR (1925), HORIZONTES (1927), NA QUEIMADA (1928), POLÍSSIA (1931). A lírica de Fálkiwsky é singela, mas corajosa e honesta.

Verde junco me pôs no seu berço,  
Em meu lar se tornou pantanal;  
Amo minha cabana no brejo,  
Pensativa floresta natal.

Que são pampas e trópicas terras!  
Nossa mata vai sempre durar;  
Eu daria por ela sem pena  
Taiga, Tundra, Tibet e Ural.

Eis Políssia — nostálgica lama,  
Largos lagos, caniço, sapé,  
Só ao longe uma pobre morada,  
Um retalho de aldeia qualquer.

Nossa vida é sem tempo e desejo,  
Mas que júbilo primaveril,  
Quando os peitos esbarram no vento  
E voamos no barco, sem fim!

Quando a água ondula e resvala,  
E se turva na raiva total;  
Primavera nas almas em brasa  
Cria asas e ensina a voar.

VOLODYMYR SOSSIURA (1898-1965) nasceu em Donbás como filho de camponeses. Terminou a escola rural e começou a trabalhar em diversos empregos, também nas minas de carvão. Como poeta, foi em grande parte autodidata, tornando-se, no entanto, um dos mais populares líricos nos anos após a Revolução. Sua atitude ética de certo pode ser censurada tanto do lado dos nacionalistas como comunistas, pois mudava de idéias frequentemente e era algo superficial, porém inegável é seu talento. Escreveu numerosos livros de poesias, entre eles: INVERNO VERMELHO (1922), CIDADE (1924), ESTRELAS OUTONAIS (1924), NEVES (1925), POESIAS (1929-30), ROSAS RUBRAS (1932) e outras obras, também em prosa.

A estrela de douradas pontas  
Nas losnas, quando a flor se abrir,  
Sobre a soleira abrasadora  
Deita sua asa de marfim.

E nas calçadas — não os lírios,  
E não dos cisnes dor tenaz:  
Ressoa o anilado abismo,  
Chameja o astro ao pensar.

Nos campos, o outono espalha  
Aromas. Generosa mão...  
Corcéis metálicos cavalgam,  
Rescende fresco o matagal.

RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959

ARKADY LÚBTCHENKO (1899-1945) estudou na Universidade de Kyiw. Nos anos 1918-1920, tomou parte nas guerras libertadoras da Ucrânia. Com o advento do Comunismo, trabalhou no teatro Iván Frankó e colaborou em várias organizações literárias, como TEMPERO, URBINO e VAPLITE. Quando a última foi liquidada pelo governo soviético, Lúbtchenko organizou O MERCADO LITERÁRIO, e depois deste ser fechado, PROLITFRONT que continuou com a orientação de VAPLITE. Em 1942, o escritor conseguiu fugir para o Oeste. As obras de Lúbtchenko possuem elementos simbolistas. CAMINHO TEMPESTUOSO (1925), ELA (1929), VELAS DE ANSIEDADE (1932), VERTÉP (antologia de contos e novelas, 1943).

Um camponês está andando. Olha e vê — uma chaminé fumega. “Como a chaminé fumega belamente!” — pensa o camponês. De repente a sirene soa. “Ah, sirene! Ah, belíssima sirene! Ah, como soa divinamente a sirene!” — pensa o camponês e imediatamente se apaixona pela chaminé e pela sirene. Ele deve arar a terra, semear, mas deixa seus braços cair. Ele não pode, não pode de maneira alguma, pobre do camponês, pois — julguem vocês mesmos — ele está apaixonado. E o camponês larga a terra, larga o sítio, larga tudo e se apressa ao encontro do poderoso chamado da sirene invencível e da severa chaminé de uma fábrica terrivelmente colossal. E logo, tendo vestido um blusão de trabalhador e batido com o martelo, torna-se um proletário incrivelmente consciente. E logo é contramestre, candidato a mestre, consciencioso subchefe e sinceço autocrítico. E ele se alegra. E todos se alegram. E tudo em torno sobremaneira se alegra. E finalmente, ouve-se cantar o começo da “Internacional”.

Um livro assim, podem ter certeza, jamais escreverei.

DISTÂNCIA AZUL, Nova York, 1963

OLEKSA STEFANOVYTCH (1900-1970) nasceu na região de Volínia, estudando nas cidades Ostrów e Jytomyr. Aos vinte anos de idade, emigrou para a Tcheco-Eslováquia, estudando na Universidade de Praga. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, esteve na Alemanha Ocidental, emigrando em seguida para os USA. Morreu em Buffalo. Obras: POESIAS (1927), STEPHANOS I (1938), OBRA REUNIDA (póstuma, 1975). Embora sua safra poética seja pequena, ela abrange um grande círculo temático, causando a impressão de um vasto quadro em mosaico. O poeta opera brilhantemente com os elementos sonoros, dando grande importância à questão léxica.

Ela se apressa e esconde seu tesouro,  
Mas deus em chamas não retém o amor...  
Derrama suas flechas ao redor  
Sobre os pomares-vinhas — chuva d'ouro.

Ninguém impede seu dourado choro.  
Ninguém detém o lampejante ardor:  
Da altura descem rios ao compor  
Cascata e mais cascata — o loiro coro.

Em avalanches no seu desabar,  
Em lavas implacáveis ao rolar,  
Flameja o cativo enamorado.

Sob a redoma, no áureo dossel,  
Dânae sorve o favo desvairado:  
Dos pés às tranças — âmbar, ouro, mel.

COORDENADAS, Nova York — Munique, 1969

O FENO FRESCO

Oleksa Stefanovytch

O feno fresco, o presépio lindo  
Clara Criança...  
Virgem Maria estende ao Filho  
A longa trança.

A ovelha branca no Cristo sopra  
Sopra a cinzenta,  
Sopram no Cristo, pois na madorna  
O bafo esquenta.

Nas nuvens riscam asas as asas —  
O enxame de anjos,  
Nunca as alturas tanto soavam —  
Alegres cantos.

Pinheiros tinem, repicam sinos,  
Viburnos dançam...  
O feno fresco, o presépio lindo,  
Clara Criança...

COORDENADAS, Nova York — Munique, 1969

MYKHÁILO ORÉST (Mykhálio Zerów, 1901-1963) nasceu na região de Poltava. Terminou o Instituto de Estudos Populares em Kyiw, tornando-se professor secundário. Foi preso durante quatro anos, emigrando em 1944 para a Alemanha, onde faleceu. Mykháilo Orést era pessoa de grande erudição. Além de suas poesias originais, deixou valiosas traduções de alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, português, russo e polonês. Obras: REFLEXOS DE ANOS (1944), ALMA E DESTINO (1946), NAÇÃO DA PALAVRA (1952), HÓSPEDE E HOSPEDEIRA (1952), REBENTOS TARDIOS (1965). O mundo poético de Orést é o mundo da sabedoria equilibrada, da profundidade de alma. É-lhe típica uma alegria tranqüila que simboliza a harmonia mística entre o ser humano e o universo.

Noivei-me com a saudade,  
E aquele pesado anel,  
Entregue a mim e tão grave,  
Foi na alma muda fazer.

Só às vezes — pálido raio,  
Dado por sol ao luar,  
Brilha o alegre passado  
No meu estrelado umbral.

ALMA E DESTINO, Augsburg, 1946

## Fragmento

YURY YANOWSKY (1902-1954) nasceu em Yelysavét. Formou-se no Instituto Politécnico em Kyiw. Escrevia poesias, libretos para cinema, dramas, ensaios e crônicas, mas destacou-se com seus contos e suas novelas, onde se revela um prosador vigoroso: SANGUE DA TERRA (1930), CARTA À ETERNIDADE (1941), TESTAMENTO (1943), A SONATA DE KYIW (1945), A MOÇA DE GRINALDA (1946) e outros. Seus principais romances são: O CONSTRUTOR DE NAVIOS (1928), QUATRO ESPADAS (1930), GINETES (1935), ÁGUA VIVA (1947), PAZ (1956). Em 1958-59 apareceu em Kyiw a edição de cinco volumes, contendo a obra completa do autor. Os personagens de Yanowsky são monumentais, lembrando as figuras citas de pedra no meio da estepe, expostas ao sopro da eternidade.

Como na Páscoa, reuniram-se homens na igreja. Construída em tempos passados pelos cossacos da Sitch Zaporoga, a igreja era exígua, antiquada. Com certeza, sobre todas as coisas vigiara o olho bem aberto do irmão do Nyz<sup>1</sup>), pois não se poderia, nem mesmo hoje, construir igreja mais sólida. Toda armação era de ferro. O lampadário era de tal peso que no verão, durante as cerimônias, as traves, de onde pendia, rangiam, estalavam, como se essa generosa dádiva zaporanga fosse arrastar consigo para dentro da igreja a cruz da cúpula. Os severos costumes da Sitch Zaporoga deixaram na igreja as suas marcas. Os ícones haviam sido pintados reproduzindo as fisionomias dos irmãos-construtores, do chefe da ordem, dos coronéis. Numa igreja assim dava medo ficar entre aqueles cavaleiros sombrios, bigodudos, ornados de longos topetes, envoltos em capas, — heróis valentes e cruéis. Do alto das paredes, eles olhavam, piscando uns para outros, muitas vezes desdenhado os que rezavam, indulgentes às vezes, raramente prontos a perdoar. Os paroquianos, no entanto, já se haviam acostumado com seus ícones.

“Ai, juntemos todos ao chefe um ducado

E lhe compremos um fogoso cavalo!”

Dando volta pela igreja, Ghalát resmungava. Era claro que não havia velas em número suficiente. Os ícones nas paredes com seus grandes bigodes estavam zangados. Queriam mais luz. Mesmo assim, há muito tempo não se via a igreja tão bem iluminada. Só o era mais, quando os zaporogos ao voltar de suas expedições marítimas punham carroças inteiras de velas diante dos santos-chefes na igreja e queimavam em sua intenção carapuças cheias de aromático incenso de Esmirna.

“Ai, juntemos um ducado, um dourado,

E lhe compremos um cavalo-encilhado!”

Ghalát, insatisfeito, apanhou o candelabro de cem velas que se achava diante de Santa Bárbara e colocou-o em frente do ícone da Nossa Senhora do Amparo, onde se viam entre a multidão representada muitos cossacos de negros bigodes, empunhando cetros e bastões de chefia. Esta homenagem a seu confrade, no entanto, não o satisfez. Suas esporas tiniram ao longo de toda a igreja, nos cantos e recantos, nas absides. Não parou enquanto não encontrou num esconderijo um maço de velas. O sacristão, acompanhando Ghalát, vigiava-o de longe. Não seriam permitidas as brincadeiras quando o próprio Chakhái se casava!

“Ai, levemos ao chefe um negro cavalo,

E cavalguemos juntos ao vasto campo!”

As velas todas foram distribuídas. A igreja parecia em brasas que repousavam aos montões sobre os candelabros diante dos ícones, movendo-se, oscilando,

como se possuíssem vida múltipla em pleno dia, sob os raios do sol ou sob as résteas de luz a entrar pelas janelas.

“Cavalguemos junto para o vasto campo,  
Para o vasto campo e bosque de carvalho!”

Ghalát, satisfeito, deteve-se para olhar seu trabalho. Quanto a reparar em alguém que viera à igreja somente por sua causa, nem o notou. O povo não estava triste, pois em dia de casamento a igreja se transformava, assemelhava-se ao alegre templo de um antigo deus pagão. Era Dajbógh, deus do sol, deus do bom tempo, deus acessível, simples e alegre.

A moça cortou a passagem de Ghalát. Tímida, a esguia moça fitou-o nos olhos, negros como poços de água fria.

— Khoma, tu vais sair? Fiquei com tanta saudade de ti!

— O diabo te trouxe à igreja, Vas’ka, — murmurou Ghalát. Segurando a moça pela manga, guiou-a até o coro. Ali já se achavam os cantores.

Os sinos repicavam. Pela porta da igreja penetravam as vozes de bronze. Chakhái entrou. Sua noiva ainda não chegara. Ele mandou os padrinhos, Martchenko e Ostiúk, buscá-la.

A esperança dominava Chakhái. Imensas estepes se alargavam diante dele e de sua aldeia. O tremendo caos, em que o país caíra, era como um oceano a despedaçar os barcos. Ele precisava manter segura a ilha até que a tempestade perdesse seu ímpeto e o caos se desfizesse. Iria, então, com a espada defender as ruínas. Deceparia os braços dos que quisessem escravizar o povo livre, cortar sua terra como o pão e comê-la esganadamente, engasgando-se no temor de que alguém mais forte lhe tomasse a côdea.

Chakhái recordava-se do domínio czarista, toda a história do seu povo — gloriosa, agitada e sempre generosa. Os cossacos errantes desfilavam diante dele numa lenta procissão: todos os virtuosos, valentes, audazes, corsários que andavam pelo mundo e que orgulhosamente puseram o pé sobre vastas terras; todos cavaleiros cheios de honra, desafortunados e mártires: Maksym Zalizniák, Yakiw Chvatchka, Iván Bondarenko — todos os rebeldes famosos, aqueles corações puros por volta de 1770, vingadores de injustiçados e de pobres. Eles desfilavam diante de Chakhái como uma recordação cruel, como uma advertência, a lembrar a perfídia dos senhores, as represálias czaristas, o completo desrespeito à lei da hospitalidade. Passavam com as narinas dilaceradas, as fontes ferreteadas, levando nas mãos seus crânios cheios de debulho de trigo sarraceno. Fiutuavam, carregando suas próprias pernas ou trazendo às costas os braços mutilados. Petró Kalnytch, o último chefe da Sitch, fazia tinir as contas do rosário na solitária cela do mosteiro de Solovky. Vinte e sete anos ficara o velho a tecer suas recordações da estepe. Da margem do Mar Branco, olhava seu país e chorava, não podendo vislumbrar, por causa da névoa, os séculos futuros. Alegrou-se quando o sol conseguia penetrar o nevoeiro do Ártico.

Dando volta pela igreja, Chakhái faz um voto ao parar diante das imagens da santa ordem cossaca nas paredes. Faz um voto de não deixar o coração ser dominado pela compaixão, para não mais confiar em ninguém que esteja sob sua espada ou assentado à sua mesa. Inclinando-se beija o ombro de um coronel de bigodes cinzentos. A esperança o envolve como a emanação embriagadora dos grandes acontecimentos futuros.

QUATRO ESPADAS, Winnipeg, 1951

1) Irmão do Nyz: cossaco ucraniano.

MYKOLA BAJÁN nasceu em 1904 em Kamianetz Podilsky, passando os anos de juventude em Uman', — duas plataformas histórico-culturais ucranianas. Grande importância na sua formação exercia o teatro de Les' Kurbas, como a obra de Oleksander Dowjenko, o gênio do cinema nacional. Colaborou na organização VAPLITE, de Mykola Khylyovy. Tornou-se professor da Orientalística, em Kyiv. Suas primeiras obras literárias colocaram-no logo acima da literatura russa do seu tempo. Foi poupado nos anos do extermínio da cultura ucraniana e condecorado com os mais altos cargos e mais altas distinções soviéticas. No entanto, suas obras escritas antes da era da perseguição têm o maior valor literário; nos anos posteriores o poeta se dedica, principalmente, à tradução, p. ex. georgiana medieval de Chota Rustaveli: CAVALEIRO EM PELE DE TIGRE. Obras originais: SOMBRA ESCULPIDA (1927), CONSTRUÇÕES (1929), CAMINHO (1930), POESIAS (1930), CEGOS (1930) e outras.

Silenciosa, informe, muda cortina  
Cobriu, abafando, o meio do céu,  
A nuvem cresceu, luzia seu véu  
Assim como os roxos bagos da vinha.  
Amadurecia a safra veloz  
Das gotas redondas, precisas de uvas,  
Inchavam, ao saciar-se, na chuva  
Que já suspendeu-se no ar sobre nós.  
Inevitável acerto de contas,  
Atroz aguardar — sem ruído e luz,  
Só a andorinha com asas em cruz  
Riscava qual raio as copas sombrosas.  
Homens respiram mais lento. No olhar  
Jaz recolhida fundura da calma,  
No entanto o coração tenso resvala —  
Um pássaro pronto a erguer-se no ar.  
Esquentam-se palmas. Mãos calorosas  
Tornam os homens amigos no azar,  
Pois numa corrida insensata e louca  
Golpe após golpe dos céus tombará.  
Já o pálido céu exclama com fogo!  
Homens tranqüilos irão enfrentar  
A tempestade na terra e no mar,  
Com respirar límpido e poderoso.

MYKOLA BAJÁN, RUBOR, Kyiv, 1966

BOGHDÁN KRAWTSIW (1904-1976) nasceu na região de Galícia, de família de sacerdote uniata. Terminou os estudos na Universidade de Lwiw. Teve ativa participação na vida político-cultural da parte ocidental da Ucrânia. O governo polonês o sentenciou a três anos de prisão. Dedicou-se à formação da juventude na organização de escoteiros ucranianos (PLAST). Emigrou para os USA, onde trabalhou como redator dos jornais LIBERDADE e ATUALIDADE. Foi crítico, pesquisador literário, tradutor e poeta. Na criação individual, se mostra tradicionalista, preocupando-se mais em aperfeiçoamento de versos de que com invenções novas, embutindo sua obra no rico folclore ucraniano e na tradição medieval. Coletâneas: CAMINHO (1929), RAIOS (1930), ÚLTIMO VERÃO (1940), SOB AS ESTRELAS ALHEIAS (1941), NAVIOS (1948), VERDOR HIBERNAL (1951), e outras.

O dia, de ferrugem rubro,  
e os prados, ruivos de rubor...  
O cuco nos prediz futuro  
no verde bordo, meu amor.

Arruda, camomila e beijo,  
e o sangue — corda ao arfar;  
resvala o dia — rubro remo,  
o o jovem junho jorra no ar.

COORDENADAS, Nova York — Munique, 1969

OKSANA LATURYNSKA (pseudônimo, 1904-1970) nasceu na região da Volínia. Estudou nos ginásios de Ostrógh e Kamianétz, depois emigrou para a Alemanha, fixando-se finalmente em Praga, onde terminou seus estudos de Arte. Durante a guerra, tornou-se surda. A partir do ano de 1949 vivia nos Estados Unidos da América do Norte. Oksana Laturynska era pintora, escultora, escritora e poetisa. Representante dos poetas da Escola de Praga, hauria da fonte da poesia popular pré-cristã e medieval. Seu estilo é sucinto, ascético, extremamente concentrado. Obras: SALTÉRIO (1938), ESMALTE REAL (1941), ARCO-ÍRIS (1955).

Paz para este chão!  
Quedo sob o campo  
Junto a meu irmão.  
Tirso e cavalo  
Guardam o lugar.  
Hão de estrelar ares,  
Ervas amargar,  
Azulear flores.

SALTÉRIO, Praga, 1938

O OURO, VEJA...

Sviatosláv Ghordynsky

SVIATOSLÁW GHORDYNSKY nasceu em 1906 em Kolomyia. Estudou Arte em Lviw e Berlim. É pintor-iconógrafo, crítico literário e poeta. Durante a Segunda Guerra Mundial viveu em Cracóvia, depois em Lviw, onde era redator da EDITORA UCRANIANA. Sob os seus cuidados foram publicadas muitas obras valiosas. Em 1947, emigrou para os USA, onde reside atualmente. Sua poesia é confluyente: de um lado, revela o mundo da cultura ocidental; do outro, o dos temas nitidamente ucranianos. Há vestígios de Neoclassismo, na sua obra. CORES E LINHAS (1933), VAGALHÕES (1936), PALAVRAS NAS PEDRAS (1937), VENTO SOBRE OS CAMPOS (1938), LENDAS DAS MONTANHAS (1939), CLARINS DOS DIAS (1940), PELO FOGO E TURBILHÃO (1947) e outras.

O ouro, veja, deita-se  
No campo e matagal,  
As vozes, longe, chamam-me,  
Escuta, coração!

No horizonte ergue-se  
Do incêndio resvalar.  
Tu novamente acendes-te  
Em cores carnaval.

POESIAS ESCOLHIDAS, Cracóvia, 1944

OLENA TELIGHA (1907-1942) nasceu em Petersburgo. Coursou o ginásio em Kyiw e, de 1925 em diante, a Faculdade de Filosofia no Instituto Pedagógico Ucrâniano, em Praga. Os anos da Independência da Ucrânia e da luta contra o Comunismo russo e o Nazismo alemão deixaram marcas em sua alma sensível. Em sua única coletânea, ALMA ALERTA (1946), soam timbres heróicos. Olena Teligha trabalhou na organização nacionalista OUN, onde chefiava o setor cultural e publicava a revista TAMBORES. Em 1942, foi fuzilada, junto com seu marido, pelo regime nazista alemão.

Um dia quente: o trigo amadurece  
E bagos cheios cerram a embriaguez...  
Não o vivi, mas sinto que aparece  
Meu dia com diadema e altivez...

O êxtase, o encontro, minha obra?  
Ou minha morte, num instante fiel?  
Minha alma, já madura, se desdobra  
Em dois sabores — losna e hidromel.

E o ébrio coração será certo  
Qual gládio invencível contra o mal:  
Meu dia, minha festa derradeira,  
Mais alto cume e queda abismal.

ESTANDARTES DO ESPÍRITO, 1947

OLÉGH OLJYTCH (1907-1944), pseudônimo de Olégh Kandyba, nasceu como filho do poeta Oleksander Olés'. Arqueólogo, homem de grande cultura e autenticidade na expressão poética, possuidor de um estilo nobre e severo, foi lutador pela idéia de independência da Ucrânia. Preso pelos nacional-socialistas alemães, morreu no campo de concentração. Obras: AREIA DO RIO (1935), TORRES (1940), AO PÉ DO CASTELO (1945).

A chuva d'ouro cai no coração,  
Em uma festa torna-se a jornada,  
A casa num palácio. Cada ação  
É generosamente abençoada.

Mas a poeira dos caminhos teus  
Encobre o sol e a face de repente...

A terra é larga. Sábio é nosso Deus,  
E o nosso ser — magnânimo e valente.

OLÉGH OLJYTCH, POESIAS, Nova York, 1956

## MARINHEIROS

Oleksa Vlyz'kó

OLEKSA VLYZ'KÓ (1908-1934) nasceu em Odessa. Cantor do mar e dos homens heróicos, representante da juventude inconformada, foi fuzilado pelo regime comunista. Suas poesias, especialmente a NONA SINFONIA, são apaixonadas e generosas. Obras: DIREI POR TODOS (1927), VIVO, TRABALHÃO (1930).

Temperados no sol e no vento,  
Nos ignotos caminhos do mar,  
Nós não temos soleira nem teto  
Para onde chegar.

Coração — calma e tormenta —  
Cospe o rosto de satanás,  
Toneladas e milhas agüenta,  
Mede a vida fugaz.

Nossa arma — um estilete de bordo,  
Nossa mente — uma flor de tufão,  
O antracito do negro porto  
Prende a ti, coração!

CORAÇÃO E FOGO, Cracóvia — Lwiw, 1942

VASSYL BARCA é o pseudônimo de Vassyl Otcherét que nasceu em 1908, na região de Poltava. Ele trabalhou um tempo como professor na região de Donbás, depois vivia no Cáucaso. Após a defesa de tese sobre o estilo da DIVINA COMÉDIA de Dante, tornou-se lente de Literaturas Européias Ocidentais numa das Universidades no Norte do Cáucaso. De 1943 a 1950, o poeta viveu na Alemanha. Atualmente reside nos Estados Unidos da América do Norte. Sua obra literária, em particular a lírica, é influenciada pela Bíblia, poesia folclórica, Renascença italiana, literaturas orientais, porém estes cosmos se fundem num único, ao qual Vassyl Barca imprime suas insignias como poeta telúrico ucraniano e pensador cristão. Obras: APÓSTOLOS (1946), MUNDO CLARO (1947), ROMANCE DE ROSAS (1949-50), PARAISO (1953), OCEANO (1959), PRÍNCIPE AMARELO (1963), TOCADOR DE LIRA (1968) e outras.

Rezam os girassóis.  
O trovão lê a Bíblia no céu:  
O choupo sussurra: “Terrível é  
Teu choro, Jessé!”

Rezam os girassóis.  
Fome: a mãe mata seu filho. “Vê!”  
O choupo grita: “Este é  
Meu paraíso, Jessé!”

TOCADOR DE LIRA, Nova York, 1968

RECÉM-NASCIDOS

Vassyl Barca

Fragmento

Uma estrangeira! Pobre roupa,  
criança — pétala de boca.

Fumegam os jasmims à porta,  
afugentando as brancas pombas.

Do sol o sonho, está uma rosa —  
divina guarda e boa nova.

TOCADOR DE LIRA, Nova York, 1968.

ALÉMTERRESTRE

Vassyl Barca

A mãe reluz além dos astros;  
o filho  
acorda abrindo as flores  
e a cotovia mira,  
derrama sinos anilados —  
lâmpada dos ícones...  
o filho  
acorda abrindo as flores,  
do colo maternal:  
manhã de caridade!...  
manjeriçã, a cotovia —  
lâmpada dos ícones.

TOCADOR DE LIRA, Nova York, 1968

NATAL

Boghdán Ighor Antonytch

BOGHDÁN IGHOR ANTONYTCH (1909-1937) nasceu na região de Lemky, na família de um sacerdote uniata. Sua primeira escola era polonesa. Em 1928, Antonytch mudou-se para Lviw e principiou a estudar na Universidade. Ai, sob a influência dos intelectuais ucranianos, aprendeu a língua literária e dedicou-se com corpo e alma à poesia. Era uma personalidade artística muito rica, talentosa também na pintura e música, na crítica e pesquisa, morrendo no auge de sua juventude. Obras: SAUDAÇÃO DA VIDA (1931), TRÊS ANÉIS (1934), LIVRO DE LEÃO (1936), ROTAÇÕES (1938), TRÊS BANDOLINS (fragmento de uma novela), NA OUTRA MARGEM (fragmento de um romance), DOWBUCH (libreto para uma ópera). Sua poesia é um feérico louvor à sua região nativa; a Natureza é glorificada panteisticamente; uma alegria mítica ilumina todos os seres e objetos. O Cristianismo surge naturalmente das raízes eslavas-pagãs: o mundo mítico e o mundo cristão se entrelaçam, glorificando o homem com seu ardor e sua sabedoria. Na última coletânea do poeta surgem novos tons: o grotesco, o fantasma, o apocalipse, enriquecidos pela aliteração, arcaísmos e neologismos. Antonytch tornou-se um dos mais originais poetas do nosso século, não apenas na literatura ucraniana.

No trenó nasceu-nos Deus,  
Em Dukla, em nossa aldeia,  
Vieram lemky de chapéus,  
Lhe deram a lua cheia.

Na nevasca, a noite fria  
Rodopia mais veloz.  
Brilha na mão de Maria  
A lua — dourada noz.

TRÊS ANÉIS, Lwiw, 1934

VERDE EVANGELHO

Boghdán Ighor Antonytch

A primavera — o carrossel,  
Cavalos brancos a girar.  
A aldeia em pomares véu,  
Tulipa rubra — o luar.

Na mesa de olmo — uma jarra,  
A jarra eslava, dentro o sol.  
Inclina-te perante a terra  
Como este sonho — multicolor.

TRÊS ANÉIS, Lviw, 1934

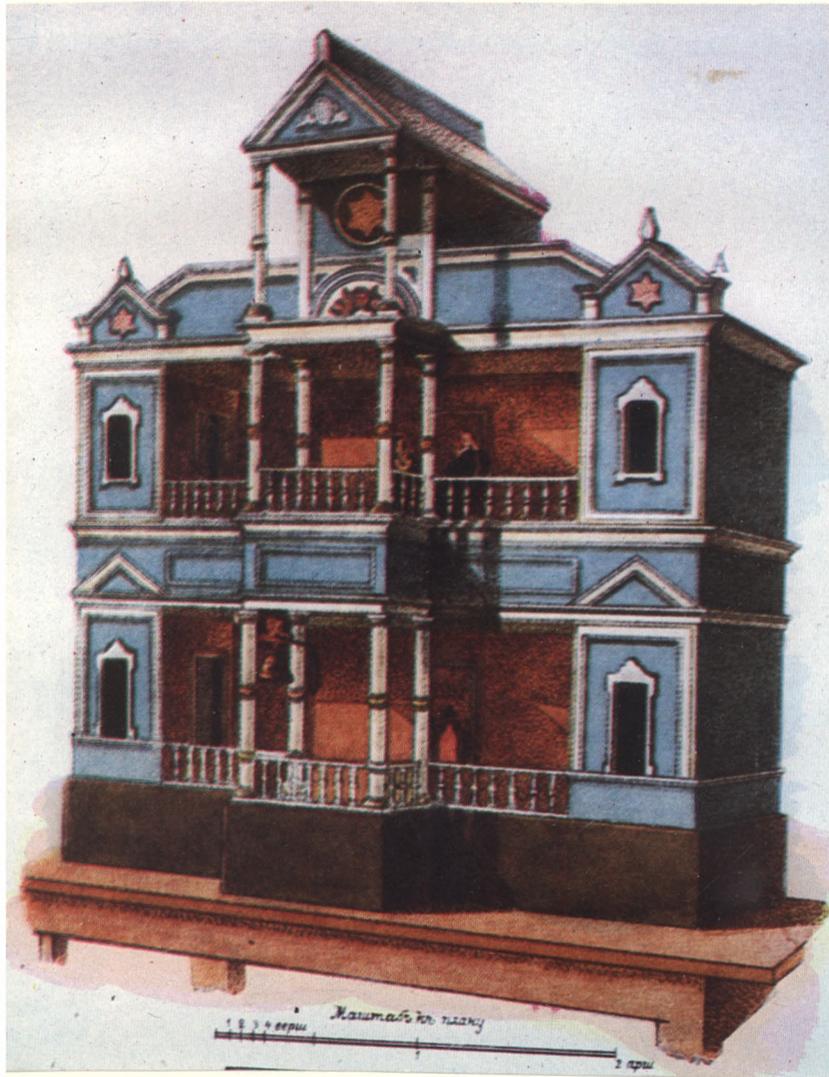
## ACÁCIAS

Boghdán Ighor Antonytch

Fumega a vela de uma acácia  
Na mão do pio entardecer.  
Os lemky voltam às moradas  
Da véspera, ao se benzer.

Ó minha terra de colinas!  
Tuas acácias lembrarão  
Que a lua sempre nos surgia  
Trançada, como o pão!

LIVRO DE LEÃO, Lviw, 1936



VERTÉP, segundo um desenho do século XIX.

## LITERATURA FOLCLÓRICA

A literatura folclórica ucraniana é mais antiga do que a literatura escrita. Entre todas as criações populares eslavas, ela é a mais rica temática e formalmente. Suas raízes descem aos tempos pagãos, cujas festas foram assimiladas mais tarde pelo Cristianismo. Nela, se reflete a história do povo ucraniano: seus tempos luminosos da era dos príncipes medievais; os tempos de ruína durante as invasões das tribos asiáticas; os tempos da opressão do povo pelos senhores feudais; os gloriosos feitos cossacos com suas guerras contra os turcos, os poloneses e os moscovitas; a destruição da Sitch Zaporoga; o levante dos “ghaydamaky” contra a imposição da supremacia polonesa; as famosas façanhas dos heróis nacionais. O canto folclórico registra as mais sensíveis mudanças na vida político-social da Ucrânia ; cantos de Natal, de Epifania, de Páscoa, de Primavera, de São João, de Colheita enfeitam as principais festas litúrgicas pagãs e cristãs; cantos de amor, de casamento, acalantos, danças, lamentos acompanham a vida e a morte do povo. No conto de fadas continua a florescer a fantasia dos mitos antigos.

### NO POMARZINHO PAVÕES CAMINHAM

Canto de Natal

No pomarzinho pavões caminham, valha-nos Deus!  
Pavões caminham, perdem pluminhas, valha-nos Deus!  
Anda atrás deles a bela moça, valha-nos Deus!  
Junta as peninhas, na manga as guarda, valha-nos Deus!  
Tece a grinalda, põe na cabeça, valha-nos Deus!  
Mas despertaram ventos audazes, valha-nos Deus!  
Ventos audazes, chuvas tenazes, valha-nos Deus!  
Pegaram logo a leve grinalda, valha-nos Deus!  
E carregaram para o Danúbio, valha-nos Deus!  
Vieram chegando três pescadores, valha-nos Deus!  
Três pescadores, nobres senhores, valha-nos Deus!  
— Não encontrastes uma grinalda? Valha-nos Deus!  
— Talvez a temos, mas não sabemos, valha-nos Deus!  
Que recompensa receberemos, valha-nos Deus!  
— Um ganha o lenço de pura seda, valha-nos Deus!  
O outro ganha o anel de ouro, valha-nos Deus!  
Mas o terceiro recebe a noiva, valha-nos Deus!  
Noiva formosa qual uma amora, valha-nos Deus!

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## NA MORADIA DESSE SENHOR

### Canto de Natal

Na moradia desse senhor,  
Na sua vivenda,  
As velas de cera estão a queimar,  
Na sua vivenda.

A noite santa desce dos céus,  
Repica o sino:  
A Virgem Santa deu hoje à luz  
Seu Filho divino.

Tomou-o nos braços a acalantar  
A Virgem Maria,  
Não o batizou e pôs-se a pensar  
Que nome lhe daria.

Vieram anjos do alto do céu,  
Pensaram com ela  
Como deveriam todos chamar  
O Filho da Donzela.

“Ponhamos o nome de Cristo Jesus  
Ao Filho de Maria!”  
Choveu sobre a Mãe do Nosso Senhor  
A paz de alegria.

CÂNTICOS DE NATAL UCRANIANOS, Toronto, 1950

## POR TODA A TERRA

### Canto de Natal

Por toda a terra a nova se espalhou:  
Nossa Senhora seu filho acalentou.  
Colocou no feno  
O santo menino,  
Seu filho divino.

Nossa Senhora pôs-se a indagar:  
— Quem poderia meu filho agasalhar?  
Manda, ó Pai celeste,  
Uma bela veste  
A Jesus que Tu me deste. —

Desceram anjos, cantando Glória,  
Trouxeram prendas à Virgem Maria:  
Três velas de cera  
E vestes de seda  
Nesta noite serena.

CÂNTICOS DE NATAL, Prudentópolis, 1954

## PORTEIRO

### Canto de Epifania

- Abre esta porta, senhor porteiro!
- Por que chamais? O que quereis?
- A livre entrada para cidade!
- Quem é vosso amo? Quem é vosso amo?
- O nosso duque, Román<sup>1</sup>) valente!
- Não está em casa, não está em casa!
- Para onde foi? Para onde foi?
- A Lviw<sup>2</sup>), à feira, a Lviw, à feira!
- E quando foi? E quando foi?
- Ontem à tarde, ontem à tarde!
- E quando volta? E quando volta?
- Para o almoço, para o almoço!
- Que dotes tendes? Que dotes tendes?
- Um filho novo, um filho novo!
- Como é trajado? Como é trajado?
- Em ouro e prata, em tecido caro.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

1 ) Regente da Galícia de 1199 a 1205.

2 ) Capital da Galícia.

## Ó ÁGUIA, ÁGUIA

Canto de Epifania

Fragmento

Ó águia, águia,  
Falcão cinzento!  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Sentada no alto,  
Enxergas longe.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Vai-te sentando  
No mar cinzento!  
    Noite santa,  
    Generosa!  
No mar cinzento,  
Sobre o navio.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Aquela nave  
Tem três entradas.  
    Noite santa,  
    Generosa.  
Lá, na primeira,  
A lua brilha.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
E na segunda  
O sol desponta.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Mas na terceira  
Vem Deus chegando.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Vem Deus chegando  
Com chaves d'ouro.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Com chaves d'ouro  
Os céus abrindo.  
    Noite santa,  
    Generosa!  
Os céus abrindo

Às boas almas.  
Noite santa,  
Generosa!

CORDAS, Antologia da Poesia Ucrainiana, Berlim, 1922

## DÁ, Ó SALGUEIRO, CEM MIL FLORES

Canto de Primavera

Dá, ó salgueiro, cem mil flores  
Cedo, cedo,  
Dá, ó salgueiro, cem mil flores  
Bem cedinho!

Que ganhe uma cada moço  
Cedo, cedo,  
Que ganhe uma cada moço  
Bem cedinho!

Colhido na região da Galícia.

## PATINHO

### Canto de Primavera

- Não passeies, ó patinho, com grinalda de ervilhas, com grinalda de ervilhas,  
Mas escolhe, ó patinho, a mais bela menina, a mais bela menina!
- Minha mãe me aconselhava a não pedir a mais linda, a não pedir a mais linda,  
Minha mãe me aconselhava pedir só a órfãzinha, pedir só a órfãzinha!

Colhido na região da Galícia

## UMA MOÇA NA RUA

Ciranda de Páscoa

Uma moça na rua se vê  
Com vestido que mede dez pés.

O vestido começa a queimar,  
Corre povo o fogo a apagar.

A benguela de bétula vem  
A tremer sob os pés do meu bem.

Leva água nos baldes de metal  
Para apagar todo o carvalho.

Quanta água em novos baldes está,  
Tanta sorte às moças haverá.

Quantas estrelinhas vêm no céu,  
Tantas moças de grinalda e véu.

CANTOS DE YEWDOKHA ZUÍKHA, Kyiw, 1965

## DOIS POMBOS

### Ciranda de Páscoa

Dois pombos estavam voando,  
Uma pedra de ouro levando.

Deixaram caí-la na relva,  
Prenderam um moço com ela.

Prenderam um moço prendado,  
De Ghanússia o namorado.

Onde seu cavalo pasteja,  
Lá cresce alecrim com avenca.

Onde nossa Ghanússia brinca,  
Lá crescem arruda e pervinca.

CANTOS DE YEWDOKHA ZUIKHA, Kyiw, 1965

## BELO MYKOLA

Canto de São João

Belo Mykola, tem cuidado!  
Tira as botinas, vai descalço.

Tira as botinas e as carrega,  
Para Ghanússia vai com pressa.

P'ra que não tinam ferraduras,  
P'ra que não rossem cães na rua.

CANTOS DE YEWDOKHA ZUIKHA, Kyiw, 1965

## Ó BOSQUE , MEU BOSQUE

Canto de Amor

Ó bosque, meu bosque verde e denso —  
Não te trespasso.  
Deixei voar o pombo cinzento —  
Já não o alcanço.

COLETÂNEA DE CANTOS UCRANIANOS, Kyiw, 1868

## SERENA, A MOÇA PENTEIA SUA TRANÇA

Serena, a moça penteia sua trança,  
Serenos, o Danúbio leva sua água.

— Vai-te, ó trança, devagar na correnteza,  
Depois seguirei atrás de ti, sem pena.

No bosque sombrio cresce um verde bordo,  
Sob o bordo saltita um cavalo novo.

Sob o bordo saltita um cavalo novo,  
Nele está sentado um cossaco formoso.

Está sentado e toca na sua bandura,  
Corda para corda baixinho sussurra:

— Não tem sossego o belo filho da viúva  
Que enloquecera uma menina com juras.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## O POÇO

### Canto de Amor

Onde está o poço cujas águas eu tomei?  
Onde está a moça cujos olhos eu amei?  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será!

Ali está meu poço, o balde, a chave e o cordão,  
Ali — minha namorada que me amou então.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será!

Mas o poço ficou cheio de dourado pó,  
Minha amada foi embora, já me abandonou.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será.

O caminho até o poço cresceu de capim,  
Foi pedida em casamento, porém não por mim.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será!

Bebem águas do poço no verde pomar,  
Vão levando minha amada já para o altar.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será!

Um a guia pela manga, o outro pela mão,  
Eu só choro amargamente, pois amei em vão!  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente —  
Minha não será!

## CABRINHA

### Canto de Casamento

Anda uma cabrinha no monte escarpado,  
Bate, bate com a patinha,  
Do cinzento lobo zombando:  
— Não tenho medo de ti, lobo cinzento! —  
E no domingo cedo, cedinho  
Não há mais cabrita, não há mais,  
Só as patinhas e os chifrinhos  
E os casquinhos brancos...

Anda Marietchka pelo pranchão novo,  
Bate, bate com o pesinho,  
De seu Yurasen'ko zombando:  
— Não tenho medo de ti, Yurasen'ko! —  
E na segunda-feira cedo, cedinho  
Não há Marietchka, não há mais,  
Só ficou a trança loira  
E a grinalda de noiva<sup>1</sup>).

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

1) Na véspera de núpcias havia o costume de cortar a trança da noiva.

## ANDA O SONO

### Acalanto

Anda o sono junto à casa,  
E o cochilo junto à cerca.

Pergunta o sono ao cochilo:  
— Onde é que pernoitaremos? —

— Onde há casa quentinha  
E a criança pequeninha.

Lá passaremos a noite  
Embalando a criancinha. —

Durma, meu filhinho, agora,  
Para eu sair à horta.

Depois irei à campina,  
Procurarei três florzinhas:

A primeira — para o sono,  
Para o sono venturoso.

A segunda, todo o tempo,  
À saúde, ao alento.

A terceira — para a vida,  
Para a vida e alegria.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## AVELÃ VERDE

### Canto da Colheita

Avelã verde  
Avelã verde  
Nosso amo é jovem:  
Cedo se ergue,  
Colhe em tempo,  
Tem boa sorte.  
Nem cedo, nem tarde —  
Ao meio dia —  
Nosso amo é jovem!  
Nosso amo é jovem:  
Num alazão  
Dança no pátio,  
Tem boa sorte.  
Vêm os segadores  
Com uma grinalda de flores —  
Com uma grinalda de flores.  
Senhor amado,  
Atrela os cavalos  
À carroça pintada  
Em busca da grinalda.

CORDAS, Antologia da Poesia.Ucraniana, Berlim, 1922

## KOLOMÉYKA

### Dança

Minha viola é de tília,  
Cordas — de pervinca,  
Ao tocá-la o som se espalha  
Por toda a Ucrânia.

Branco floresce o viburno,  
Dá uva encarnada,  
Um grande amor não dá fruto,  
Senão a desgraça.

O espinheiro cria ramos  
E também dá flores,  
Só não anda contrariado  
Quem não tem amores.

No pomar se ouve o canto  
Da moça morena,  
E eu penso, caro mano,  
Que é a voz da avena.

Anda meu bem pelo pátio  
Com seu passo leve,  
E eu vejo, caro mano,  
Um astro nascente.

Quando minha bem - amada  
No pomar passeia,  
Uma linda rosa branca  
Floresce atrás dela.

Não me admiro que formosa  
Seja a minha bela,  
Na alvorada, na sua horta,  
Tombou uma estrela.

Tombou do céu uma estrela  
E despedaçou-se,  
Com estilhas e centelhas  
Meu bem enfeitou-se.

## A BÉTULA

No bosque uma bétula estava,  
Na bétula o cuco cantava,  
E o cuco a ela perguntava:  
— Por que te tornaste tão branca? —

— De verde, tornei-me tão alva  
Quando os tártaros avançaram,  
A terra com cascos pisaram,  
Os ramos com sabres cortaram.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## BALADA SOBRE NOSSA SENHORA DE POTCHAIW

Ascendeu no céu a estrela vespertina,  
Sobre Potchaiw surgindo,  
Avançava a tropa turca inimiga —  
Uma nuvem de granizo.

O padre Zelizo saiu da cela fora,  
Banhou-se em lágrimas quentes:  
— Desce, desce do céu, ó Nossa Senhora,  
Nosso mosteiro padece!

A Virgem Maria desceu das alturas,  
Milagrosa Mãe amada,  
Fez voltar as balas contra as tropas turcas,  
O mosteiro libertara.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## LÁ NA COLINA

Lá na colina cortam trigo,  
Ao pé da colina passam os cossacos, como o rio.

Dorochenko<sup>1</sup>) vem na vanguarda,  
Guia suas tropas, tropas zaporogas à batalha.

À retaguarda Saghaydatchny<sup>2</sup>),  
Que trocou a esposa por um cachimbo e fumo,  
com dislate.

— Uma esposa só me atrapalha,  
Tabaco e cachimbo bastam ao cossaco na campanha.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucrariana, Berlim, 1922

1) Coronel dos cossacos em 1618, depois ghet'man (1625-1628).

2) Ghet'man dos cossacos de 1614 a 1622. Ambos dirigiram a campanha contra a Moscóvia, em 1618.



COSSACO TOCANDO BANDURA, COM UM FIDALGO POLONÊS  
(começo do século XIX)

REI OH!

Conto de Fadas

Era uma vez um pobre camponês que tinha um filho. Este não gostava de trabalhar. Ficava deitado atrás do forno, esticando os ossos e, quando o pai o mandava aprender algum ofício, após três dias, ele fugia de volta para casa.

Um dia, o camponês passava por uma densa floresta cansado e muito preocupado. Sentou-se sobre um toco de árvore e disse: — Oh!

No mesmo instante apareceu diante dele um homenzinho todo verde, de longas barbas, que lhe perguntou:

— Por que me chamaste?

— Eu não te chamei, — exclamou assustado o camponês.

— Chamaste-me, sim, tu disseste: oh! e eu sou o rei Oh! Conheço a razão de tua preocupação: tens um filho malandro que foge do trabalho. Não te preocupes. Eu vou ensinar teu filho a trabalhar. Depois de passado um ano, virás aqui e me chamarás; eu vou te conduzir à minha casa e, se conheceres teu filho, podes levá-lo contigo.

O camponês agradeceu muito e, no dia seguinte, voltou trazendo o filho. Rei Oh levou o moço consigo, como ficara combinado, para seu reino embaixo da terra. Lá tudo era verde: a casa, os objetos da casa. Até a mulher e as filhas do rei Oh eram verdes. Rei Oh mandou que o moço cortasse lenha na orla da floresta. Logo o moço cansou-se do trabalho e deitou-se, como costumava fazer em casa, para dormir. Certo tempo depois, o rei Oh veio e, encontrando o jovem dormindo, acendeu a lenha que estava espalhada em volta e queimou-o. Recolheu, depois, a cinza e fez dela um novo rapaz, parecido com o primeiro, mas muito mais belo e com melhores qualidades. No dia seguinte, ele lhe deu um outro trabalho. Aconteceu, porém, que o jovem adormeceu outra vez; então, rei Oh queimou-o de novo e fez um moço ainda mais perfeito que o anterior. Três vezes isso aconteceu e, no fim, o rapaz era um exemplo de beleza e de virtude, perito em todos os ofícios.

Passado um ano, o pobre camponês veio procurar seu filho. Sentou-se sobre um toco na floresta e disse: — Oh!

Imediatamente, rei Oh apareceu e levou-o a um pátio, onde se achavam centenas de galos brancos, assemelhando-se uns aos outros como gotas de água.

— Reconhece teu filho aí — disse o rei. O camponês olhou, olhou mas não soube reconhecer o filho.

— Volta depois de um ano! — disse-lhe o rei.

Passado um ano, o velho pai foi conduzido a uma pastagem cheia de carneiros brancos muitos parecidos uns com os outros, e ele, de novo, não pôde reconhecer o filho.

— Volta depois de um ano, — disse o rei Oh. — Se não conheceres teu filho, ele ficará comigo para sempre.

O camponês, muito triste, foi para casa. No caminho, encontrou uma velhinha corcunda que se apiedou de sua tristeza e lhe disse:

— O rei Oh vai mostrar-te, na próxima vez, muitos pombos brancos, cada um exatamente igual aos outros. Aquele porém, que ficar longe dos companheiros sem querer comer o trigo que o rei vai dar, será teu filho.

Um ano depois, o camponês voltou novamente, e tudo aconteceu como a velha lhe havia avisado. Ele reconheceu o filho, e o rei Oh teve que devolvê-lo, transformando-o, de novo, em belo jovem.

O velho pai ficou muito alegre vendo o filho tão mudado, mas indo para casa ficou triste, pois em casa havia só miséria. O moço, porém, aprendera muitos feitiços em casa do rei Oh e disse:

— Vou me transformar num belo cão de caça e tu me vais vender por bom dinheiro, mas não me venda com a coleira, senão eu não poderei voltar mais.

Assim fizeram: o jovem tornou-se um belo cão de caça, e o camponês o vendeu por bom dinheiro, guardando consigo a coleira. Antes de chegar à casa, o filho apareceu de novo, pois quando os caçadores o lançaram atrás de uma lebre, ele sumiu aos seus olhos.

Eis que, pela segunda vez, o dinheiro acabou em casa, e o jovem disse:

— Vou transformar-me em um belo cavalo, mas não me vendas com as rédeas, senão eu não poderei voltar mais.

Na feira, porém, havia um comprador estrangeiro que logo ofereceu ao camponês o dobro pelo cavalo com as rédeas, dizendo que não era possível levar o cavalo para casa sem estas. O camponês se esqueceu do que havia combinado com o filho e vendeu o cavalo com as rédeas. O <sup>compra</sup> vendedor, porém, era o rei Oh.

— Agora tu não me vais escapar, — disse ele, rangendo os dentes. O cavalo seguiu-o tristemente, e quando chegaram a um rio, ele pôs-se a beber água; mal tocou a superfície do rio com a boca, transformou-se em uma truta e fugiu do rei Oh. Este logo se transformou em uma traíra e perseguiu o fugitivo. Na outra margem, estava uma princesa passeando, quando, de repente, viu um belo anel de ouro com pedras preciosas, brilhando bem à beira da água. Ela tomou o anel e colocou-o no dedo.

Não levou muito tempo, aproximou-se dela um mercador que lhe disse:

— Princesa, eu perdi no rio um anel muito precioso que me é mais caro do que tudo mais que eu possuo. Acaso o encontraste?

A princesa respondeu-lhe que sim, mas não quis devolver o anel. O mercador que era o rei Oh começou a implorar à princesa que lho desse. Seu próprio pai insistiu em que devia devolver o que encontrara por acaso e que não lhe pertencia. Então, tirando o anel do dedo, ela o atirou ao chão dizendo:

— Pois não será nem meu, nem teu!

Com grande espanto de todos, o anel se transformou em uma porção de grãos de trigo que se espalharam por toda a parte. Imediatamente o mercador virou um galo, pondo-se a engolir depressa todos os grãos.

Um grãozinho rolou para perto do sapato da princesa que colocou o pé sobre ele, escondendo-o do galo. Este, depois de ter comido todos os grãos que vira, foi-se embora voando. Assim que o rei Oh desapareceu, o grão de trigo que fora escondido pela princesa transformou-se em um belo jovem, mas tão formoso como jamais ela vira outro. Ele tomou a princesa pela mão e conduziu-a até seu pai, pedindo-lhe sua bênção.

Foi celebrado então o casamento com grande pompa do belo filho do camponês com a filha do rei. Dizem que os noivos, até hoje, vivem muito felizes.

ÍNDICE

PREFÁCIO

ROTEIRO DA LITERATURA UCRANIANA

AUTOR	NOME DA OBRA	TRADUTOR	PÁGINA
anônimo	A MAIS ANTIGA CRÔNICA DE KYIW	W.S. e A-M.M.	8
V. Monomákh	ENSINAMENTO	W.S. e A-M.M.	10
anônimo	CRÔNICA DA GALÍCIA E VOLÍNIA	W.S. e A-M.M.	12
anônimo	CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR	W.S. e A-M.M.	13
anônimo	MYKHÁILYK E A PORTA DE OURO	W.S. e A-M.M.	21
I. Vychensky	EPÍSTOLA AOS QUE VIVEM NA TERRA POLONESA	W.S. e A-M.M.	22
Gh. Skovorodá	FÁBULAS	W.S. e A-M.M.	24
I. Kotlarewsky	ENÉIDA	W.S. e H.K.	27
P. Artemowsky-Ghulák	SENHOR	W.S. e H.K.	30
L. Borovykowsky	KLYM	W.S. e H.K.	31
M. Chachkevtych	PRÍMULA	W.S. e H.K.	32
Y. Ghrebinka	SOL E NUVEM	W.S. e H.K.	33
T. Chewtchenko	O BARCO	W.S.	34
T. Chewtchenko	O SOL SE DEITA	W.S.	36
T. Chewtchenko	UM LÍRIO COMO TU	W.S.	37
T. Chewtchenko	AINDA SONHO	W.S. e H.K.	38
T. Chewtchenko	A GRANDE CAVERNA	W.S.	39
T. Chewtchenko	O MONGE	W.S.	44
T. Chewtchenko	O LENÇO	W.S.	48
P. Kulich	ASSEMBLÉIA NEGRA	W.S. e A-M.M.	50
Y. Chtchógholiw	AI, EU TINHA UM BOM CAVALO	W.S. e H.K.	55
L. Ghlibiw	A RÃ E O BOI	W.S.	56
S. Rudansky	A VELHA NA IGREJA	W.S. e H.K.	57
O.Y. Fed'kovytch	TCHORNOGHORA	W.S. e H.K.	58
I. Netchúy-Levytsky	A FAMÍLIA DE KAI DÁCH	W.S. e A-M.M.	59
P. Myrny	A FORÇA PERDIDA	W.S. e A-M.M.	61
I. Frankó	O PEQUENO MYRON	W.S. e A-M.M.	63
I. Frankó	REBELDE GÊNIO	W.S.	65
I. Frankó	MOISÉS	W.S. e H.K.	66
I. Frankó	Ó VIOLA INFELIZ	W.S.	72
I. Frankó	PARÁBOLA SOBRE BELEZA	W.S.	73
B. Ghríntchenko	POESIA	W.S.	75
O. Kobylanska	A BATALHA	W.S. e A-M.M.	76
M. Kotsiubynsky	INTERMEZZO	W.S. e A-M.M.	78
M. Kotsiubynsky	AS SOMBRAS DOS ANTEPASSADOS ESQUECIDOS	W.S. e A-M.M.	80
A. Krymsky	CONTAM...	W.S.	83
V. Stefanyk	O FIO	W.S. e A-M.M.	84
V. Stefanyk	SÓ-SOZINHA	W.S. e A-M.M.	85
M. Vorony	PALIMPSESTO	W.S. e H.K.	86
L. Ukrainka	ERA A NOITE A SURGIR	W.S. e H.K.	87
L. Ukrainka	SE TODO MEU SANGUE	W.S.	88
L. Ukrainka	INSCRIÇÃO NA RUÍNA	W.S. e H.K.	89
L. Ukrainka	MELODIA HEBRÁICA	W.S.	91
L. Ukrainka	CASSANDRA	W.S. e H.K.	92
L. Ukrainka	CANTO DA FLORESTA	W.S. e H.K.	96
M. Tcheremchyna	OVOS DE PÁSCOA	W.S. e A-M.M.	100
O. Olés'	MAWKA	W.S. e H.K.	103
V. Vynnytchenko	BELEZA E FORÇA	W.S. e A-M.M.	104
V. Svidzinsky	A CHUVA CAI	W.S.	106
V. Svidzinsky	BESOURO	W.S. e H.K.	107
M. Drái-Khmara	FENECERAM PEÔNIAS	W.S.	108
M. Drái-Khmara	CHEKHEREZADE	W.S. e H.K.	109
M. Zerów	NOS OMBROS JÁ POUSOU	W.S. e H.K.	110
M. Zerów	KYIW VISTO DA MARGEM ESQUERDA	W.S. e H.K.	111
Y. Sawtchenko	ELE VEM AO RAIAR	W.S. e H.K.	112
Y. Smolytch	MEMÓRIAS SOBRE MAIK JOHANSEN	W.S. e A-M.M.	113

P. Fylypovytch	PASSOU A NOITE	W.S. e H.K.	115
O. Slissarenko	ENTRE COLMEIAS	W.S.	116
Y. Klen	MEMÓRIAS SOBRE OS NEOCLÁSSICOS	W.S., A-M.M. e H.K.	117
Y. Klen	PELO OUTONO	W.S.	120
Y. Klen	CINZAS DOS IMPÉRIOS	W.S. e H.K.	121
P. Tytchyna	DESCERRAI A PORTA	W.S.	122
P. Tytchyna	A MÃE DOLOROSA	W.S. e H.K.	124
P. Tytchyna	GUERRA	W.S.	126
P. Tytchyna	RITMO E ANTÍSTROFE	W.S. e H.K.	128
M. Kulich	MALAKHY PLEBEU	W.S. e A-M.M.	129
M. Khvylovy	SOLONSKY YAR	W.S. e A-M.M.	131
O. Dowjenko	A TERRA	W.S. e A-M.M.	133
O. Dowjenko	TZAR	W.S. e A-M.M.	135
M. Johansen	AZULAM À TARDINHA OS VALES	W.S.	137
M. Johansen	A MADRUGADA	W.S. e H.K.	138
M. Rylsky	ANDORINHA	W.S. e H.K.	139
M. Rylsky	TINIUI A CHAVE DO LAR	W.S. e H.K.	140
M. Rylsky	MACIEIRA	W.S.	141
T. Os'matchka	CONTO DE FADAS	W.S.	142
L. Mossenz	PÕEM-SE ESTRELAS	W.S.	144
Y. Malaniúk	MADONA TERRESTRE	W.S.	145
Y. Plujnyk	GALILEU	W.S.	146
D. Fálkiwsky	POLÍSSIA	W.S.	148
V. Sossiura	A ESTRELA DE DOURADAS PONTAS	W.S.	149
A. Lúbtchenko	O LIVRO QUE JAMAIS HEI DE ESCREVER	W.S. e A-M.M.	150
O. Stefanovytch	CHUVA DE OURO	W.S.	151
O. Stefanovytch	O FENO FRESCO	W.S.	152
M. Orést	NOIVEI-ME COM A SAUDADE	W.S.	153
Y. Yanowsky	QUATRO ESPADAS	W.S. e A-M.M.	154
M. Baján	PRENÚNCIO DA TEMPESTADE	W.S.	156
B. Krawtsiw	JUNHO	W.S.	157
O. Laturynska	PAZ PARA ESTE CHÃO	W.S.	158
S. Ghordynsky	O OURO DEITA-SE	W.S.	159
O. Teligha	FESTA DERRADEIRA	W.S.	160
O. Oljytch	A CHUVA D'OURO	W.S.	161
O. Vlyz'kó	MARINHEIROS	W.S. e H.K.	162
V. Barka	POVOADO	W.S. e H.K.	163
V. Barka	RECÉM-NASCIDOS	W.S.	164
V. Barka	ALÉMTERRESTRE	W.S.	165
B.I. Antonytch	NATAL	W.S. e H.K.	166
B.I. Antonytch	VERDE EVANGELHO	W.S. e H.K.	167
B.I. Antonytch	ACÁCIAS	W.S. e H.K.	168
anônimo	NO POMARZINHO PAVÕES CAMINHAM	W.S. e H.K.	170
anônimo	NA MORADIA DESSE SENHOR	W.S.	171
anônimo	POR TODA A TERRA	W.S.	172
anônimo	PORTEIRO	W.S. e H.K.	173
anônimo	Ó ÁGUIA, ÁGUIA	W.S. e H.K.	174
anônimo	DÁ, Ó SALGUEIRO	W.S. e H.K.	176
anônimo	PATINHO	W.S. e H.K.	177
anônimo	UMA MOÇA NA RUA	W.S.	178
anônimo	DOIS POMBOS	W.S.	179
anônimo	BELO MYKOLA	W.S.	180
anônimo	Ó BOSQUE, MEU BOSQUE	W.S.	181
anônimo	SERENA, A MOÇA PENTEIA	W.S.	182
anônimo	O POÇO	W.S. e H.K.	183
anônimo	CABRINHA	W.S. e H.K.	184
anônimo	ANDA O SONO	W.S. e H.K.	185
anônimo	AVELÃ VERDE	W.S. e H.K.	186
anônimo	KOŁOMÉYKA	W.S. e H.K.	187
anônimo	A BÉTULA	W.S. e H.K.	188
anônimo	BALADA SOBRE A NOSSA SENHORA DE POTCHAIW	W.S. e H.K.	189
anônimo	LÁ NA COLINA CORTAM TRIGO	W.S. e H.K.	190
anônimo	REI OH!	W.S. e A-M.M.	192

Fontes para as ilustrações:

Iluminura medieval do Psaltério de Egbert (1100), Museu de Cividale,  
Ars Liturgica, Kunstverlag Maria Laach, Alemanha, p.7

Ghryghory Skovorodá, p.25, Tarás Chewtchenko, p.35 e Vertep, p.169  
História da Literatura Ucrâniana, vol. II, III, Kyiv, 1967, 1968

Cossaco com a bandura, p.191, História da Arte Ucrâniana, vol. III, Kyiv, 1964  
Oleksa Novakivsky: Moisés p.67, Ukrainian Arts, New York, 1952

Composto e Impresso na



